

EVOLUÇÃO, TRANSFORMAÇÃO E REABILITAÇÃO DA

MARGEM [SUL]

URBANIZAÇÃO MARGINAL DA COVA DO VAPOR

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do
Grau de Mestre em Arquitetura, com especialização em Urbanismo

JOANA CASAES CANAVILHAS FERNANDES

Orientação científica:

Doutor Sérgio Fernandes | Doutor João Pedro Costa

Júri:

Presidente: Doutor Pedro George | Vogal: Doutor Carlos Dias Coelho

Lisboa, FA ULisboa, Abril, 2019

EVOLUÇÃO, TRANSFORMAÇÃO E REABILITAÇÃO DA

MARGEM [SUL]

URBANIZAÇÃO MARGINAL DA COVA DO VAPOR

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do
Grau de Mestre em Arquitetura, com especialização em Urbanismo

JOANA CASAES CANAVILHAS FERNANDES

Orientação científica:

Doutor Sérgio Fernandes

Doutor João Pedro Costa

Lisboa, FA ULisboa, Janeiro, 2019

I - Resumo

Título: Margem (Sul)

Subtítulo: Evolução, transformação e reabilitação da urbanização marginal da Cova do Vapor

Área de estudo: Cova do vapor, freguesia da Trafaria, concelho de Almada.

Nome: Joana Casaes Canavilhas Fernandes

Orientação Científica:

Doutor Sérgio Fernandes

Doutor João Pedro Costa

Mestrado Integrado em Arquitetura com especialização em Urbanismo

Faculdade de Arquitetura

Universidade de Lisboa

A margem sul do Tejo é caracterizada por aglomerados dispersos, implantados nas zonas onde a orografia o permite. Os conceitos reutilização e transformação (temas elegidos neste Projeto Final de Mestrado) é aplicado a este território, como perspetiva condutora, com vista à reabilitação do aglomerado urbano *Cova do Vapor*.

São analisadas intervenções similares para compreender os conceitos temáticos e encontrar a linha de charneira que os distingue.

É apresentado o enquadramento e caracterização da Cova do Vapor, do ponto de vista urbanístico, geográfico, histórico e também dos instrumentos territoriais.

Com base na análise e conceitos estudados, é elaborado o plano de estrutura *A Cova do Vapor e a Margem Sul do Tejo*, caracterizado por um percurso que é interrompido nos aglomerados urbanos mais significativos, fazendo corresponder a cada segmento um ambiente, uma materialidade, um sistema de vistas, entre outros.

Numa aproximação ao território estudado, focando o aglomerado urbano localizado na interseção do rio com o oceano, é realizado o Plano de detalhe *Os limites da Cova do Vapor*, criando diversos cenários que permitiram uma reflexão sobre a temática envolvida, elegendo um deles, desenvolvendo-o e apresentando-o nas peças escritas e desenhadas do plano.

Numa nova aproximação, agora dentro da *Cova do Vapor*, é projetado um equipamento de referência no aglomerado urbano: *A Capela e o Adro*.

Palavras-chave:

Espaço Público | Transformação | Reutilização

Paisagem | Rio/Oceano | Reabilitação

Dinâmica costeira | Bairrismo

II - Abstract

Title: Margin (South)

Subtitle: Evolution, transformation and rehabilitation of the marginal urbanization of Cova do Vapor

Study Area: Cova do vapor, parish Trafaria, county Almada.

Name: Joana Casaes Canavilhas Fernandes

Main Advisors:

Doctor Sérgio Fernandes

Doctor João Pedro Costa

Masters in Architecture
Major in Urbanism

Architecture College
University of Lisbon

The south bank of the Tagus is characterized by dispersed clusters, implanted in areas where the orography allows it. The concepts of reuse and transformation (themes chosen in this Master's Final Project) are applied to this territory, as a guiding perspective, with a view to the rehabilitation of the urban cluster *Cova do Vapor*.

Similar interventions are analyzed to understand the thematic concepts and to find the hinge line that distinguishes them.

This investigation focuses on the framework and characterization of *Cova do Vapor*, from a geographical, historical, of the territorial instruments, and contemporary points of view.

Based on the analysis and concepts studied, the following Structure Plan is drawn: *A Cova do Vapor e a Margem Sul do Tejo*. Which is characterized by a path that is interrupted in the most significant urban agglomerations, corresponding to each segment an environment, a materiality and a system of views.

Focusing on the studied territory, mainly on the urban cluster located at the intersection of the river with the ocean, it is elaborated the Detail Plan *Os limites da Cova do Vapor*, creating several scenarios which open the door for some reflection on the theme. Selecting one of the scenarios for the purpose of developing and presenting it in the written and drawn sections.

Finally, specifically inside *Cova do Vapor*, it makes sense to design an equipment of reference in the urban agglomerate: *A Capela e o Adro*.

Key Words:

Public Place | Transformation | Reuse

Landscape | River/Ocean | Rehabilitation

Costal dynamic | Parochialism

À minha avó

III – Agradecimentos

Aos meus orientadores, Professor Sérgio Fernandes e Professor João Pedro Costa, pela paciência, dedicação e sabedoria transmitida ao longo do trabalho.

À Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa e todos os professores que contribuíram na minha formação, pela qualidade de ensinamentos ao longo deste percurso académico.

À Câmara Municipal de Almada e ao Arquiteto António Viegas, por todo o apoio e disponibilidade ao longo deste trabalho.

À Amália Buisson e ao Sr. Eduardo Gomes, pela hospitalidade na estadia e interesse pelo projeto.

Aos amigos, pela amizade, companhia e apoio ao longo deste percurso.

Ao Tiago e meus irmãos, pelo afeto, cumplicidade e preocupação.

Aos meus avós paternos, por todo o apoio incansável.

Aos meus pais, pelo incentivo, apoio e dedicação. Ao meu pai, pelo gosto da arquitetura e partilha de conhecimentos. À minha mãe pelo carinho e compreensão.

Índice

I - Resumo	v
II - Abstract	vii
III – Agradecimentos	xi
IV - Índice de Figuras:	xiv
Introdução	1
Justificação temática.....	1
Objetivos.....	2
Metodologia.....	5
1º CAPÍTULO	
Caracterização do Tema: A evolução dos objetos urbanos e arquitetónicos.....	9
1.1 - Reutilização:	13
1.1.1 - O Museu do Oriente	16
1.1.1 – Mercado de São Miguel.....	17
1.1.3 - Centro Interpretativo do Património da Afurada	19
1.2 – Transformação.....	21
1.2.1 - Evolução dos tecidos urbanos	24
1.2.3 - Marginal de Matosinhos/sul.....	31
1.2.4 – Bairro da Barreta, Olhão;.....	33
2º CAPÍTULO	
Enquadramento e Caracterização da Cova do Vapor ..	35
2.1 - Enquadramento Geográfico:.....	37
2.2 - Evolução Histórica:	41
2.2.1 – Margem sul do Tejo	41
2.2.2 – Cova do Vapor	49
2.3 – Instrumentos territoriais:	51
2.4 - Caracterização do Caso de Estudo:.....	61
3º CAPÍTULO	
Plano de Estrutura: A Cova do Vapor e a Margem Sul do Tejo	69
3.1 - Estratégia Territorial e Urbana:	73
4º CAPÍTULO	
Plano de Detalhe	93
4.1 – Cenários de Projeto	95

4.2 - Os Limites da Cova do Vapor.....	101
5º CAPÍTULO	
Projeto Integrado: A Capela e o Adro	127
5.1 - Capela + Adro.....	131
Conclusão.....	138
Bibliografia	140
Webgrafia	144
ANEXOS.....	147
Cartografia histórica.....	149
Levantamento fotográfico	157
Entrevistas semiabertas	167
Inquéritos.....	183
Maquetes de estudo	193
Painéis de apresentação.....	237

IV - Índice de Figuras:

FIGURA 1 - PLANTA DO PISO 1, MUSEU DO ORIENTE. ANTES (NA PRIMEIRA FIGURA) E DEPOIS (NA SEGUNDA FIGURA) DA INTERVENÇÃO.....	16
FIGURA 2 - MERCADO DE SÃO MIGUEL, MADRID. FONTE: HTTPS://WWW.FLICKR.COM/PHOTOS/DLEIVA/16424016099	17
FIGURA 3 - CENTRO INTERPRETATIVO DA AFURADA, 2014	18
FIGURA 4 - CENTRO INTERPRETATIVO DA AFURADA, 2014	18
FIGURA 5 - CENTRO INTERPRETATIVO DA AFURADA, 2014	18
FIGURA 6 – AÇÃO CRIADORA DO HOMEM. A RECONSTRUÇÃO POMBALINA, SEGUNDO O PLANO DE EUGÉNIO DOS SANTOS-C. MARDEL (1755) - ARQUIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA	25
FIGURA 7 – AÇÃO CRIADORA DO TEMPO. LISBOA ANTES DO TERRAMOTO, SEGUNDO A PLANTA DE 1650 - ARQUIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA.....	25
FIGURA 8 - DESENHOS DO TRABALHO DO ARQUITETO FERNANDO TÁVORA (1969) – PLANTA DE LOCALIZAÇÃO.	28
FIGURA 36 - RECONVERSÃO MARGINAL DE MATOSINHOS SUL - FOTOGRAFIA AÉREA, 2001	30
FIGURA 9 - PLANTA E PERFIS - RECONVERSÃO DA FAIXA MARGINAL DE MATOSINHOS SUL, 1995	30
FIGURA 63 - RECONVERSÃO DA FAIXA MARGINAL DE MATOSINHOS SUL - FOTOGRAFIA, 2001 .	30
FIGURA 90 - PLANO SE SALVAGUARDA DO CENTRO HISTÓRICO DE OLHÃO, ARQUITETO PEDRO RAVARA, FONTE: CÂMARA MUNICIPAL DE OLHÃO 2014.....	32
FIGURA 91 - PLANO SE SALVAGUARDA DO CENTRO HISTÓRICO DE OLHÃO, ARQUITETO PEDRO RAVARA, FONTE: CÂMARA MUNICIPAL DE OLHÃO 2014.....	32
FIGURA 92- PLANO DE PORMENOR DO CENTRO HISTÓRICO DE OLHÃO FONTE: CÂMARA MUNICIPAL DE OLHÃO	33
FIGURA 93 - MAPA PLANO HYDROGRÁFICO DO PORTO DE LISBOA E COSTA ADJACENTE ATÉ AO CABO DA ROCA, CORONEL MARINO MIGUEL FRANZINI, 1806 A 1811.....	40
FIGURA 94 - MAPA DO PORTO DE LISBOA, JACQUES NICOLAS BELLIN, 1756 FONTE: ALMADA VIRTUAL.....	40
FIGURA 95 - PINTURA DE THOMAS BUTTERSWORTH, O NAUFRÁGIO DO CASTELO HMS BOMBAY NA FOZ DO TEJO, LISBOA, A 21 DE DEZEMBRO DE 1796. FONTE: ARQUIVO CML	42
FIGURA 96 - PINTURA DE CARLOS RAMIREZ, VELEIROS NO TEJO JUNTO AO BUGIO. FONTE: ARQUIVO DA CML.....	42
FIGURA 97 - VISTA AÉREA SOBRE A FOZ DO TEJO, 1953. FONTE: ALMADA VIRTUAL.....	44
FIGURA 98 - RECORTE DE JORNAL DE HABITAÇÕES DE MADEIRA NA LISBOA PRAIA, 1930	46
FIGURA 99 - A PRAIA DO SOL, AS PRIMITIVAS BARRACAS DOS PESCADORES, ED. ACÇÃO BÍBLICA/CASA DA BÍBLIA, 111.....	46
FIGURA 100 - RECORTE DO JORNAL O SÉCULO, DESTRUÇÃO DAS HABITAÇÕES PROVOCADA PELO AVANÇO DO MAR	48
FIGURA 101 - RECORTE DO JORNAL O SÉCULO, DESTRUÇÃO DAS HABITAÇÕES PROVOCADA PELO AVANÇO DO MAR	48
FIGURA 102 - GRUPO DE PESSOAS JUNTO A UMA CASA NA COVA DO VAPOR, 1976. FONTE: ALMADA VIRTUAL	48
FIGURA 103 - EVOLUÇÃO DO TROÇO TRAFARIA – COSTA DE CAPARICA, ESTRUTURAÇÃO DE ÁREAS COM VALOR AMBIENTAL E PAISAGÍSTICO NA AML - MIGUEL AFONSO ROCHA (2011)	49
FIGURA 104 - DESENHO DA AUTORIA DE CASSIANO BRANCO DA SOLUÇÃO URBANÍSTICA PARA A COSTA DE CAPARICA PROPOSTA.	52
FIGURA 105 - PLANO DE URBANIZAÇÃO DA COSTA DA CAPARICA - FARIA DA COSTA.....	54
FIGURA 106 - PLANO DE URBANIZAÇÃO DA COSTA DA CAPARICA - FARIA DA COSTA.....	54
FIGURA 107 - PLANO DE URBANIZAÇÃO DO CONCELHO DE ALMADA - FARIA DA COSTA.....	58

FIGURA 108 - PLANO DE PORMENOR DA FRENTE URBANA SOBRE O TEJO, NA TRAFARIA (1987) – PERFIL E PERSPETIVA AXONOMÉTRICA	56
FIGURA 109 - PLANO DA ÁREA DA TRAFARIA-COSTA DA CAPARICA. PLANTA GERAL - PROPOSTA FINAL - UTILIZAÇÃO DO SOLO, 1980	56
FIGURA 110 - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO 2017 - FONTE: A AUTORA	60
FIGURA 111 - PLANTA DE CONDICIONANTES, ALMADA. ELABORADO PELA AUTORA.....	62
FIGURA 112 - FOTOGRAFIA AÉREA DA COVA DO VAPOR, FONTE: DAVID PIRES FOTOGRAFIA	64
FIGURA 113 - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DA COVA DO VAPOR, 2018. FONTE: A AUTORA .	66
FIGURA 114 - ILUSTRAÇÃO DE UMA PAREDE DE PAPELÃO. ELABORADO PELA AUTORA	67
FIGURA 115 – IDENTIFICAÇÃO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO	71
FIGURA 116 - ESQUEMA: ESCALA DOS AGLOMERADOS URBANOS EM ESTUDO. FONTE A AUTORA	72
FIGURA 117 - FOTOGRAFIA AÉREA DA COVA DO VAPOR, FONTE: DAVID PIRES FOTOGRAFIA.....	74
FIGURA 118 - FOTOGRAFIA AÉREA DO SEGUNDO TORRÃO, FONTE: DAVID PIRES FOTOGRAFIA...	75
FIGURA 119 - FOTOGRAFIA AÉREA SOBRE A PRAIA DA COVA DO VAPOR, FONTE: DAVID PIRES FOTOGRAFIA.	76
FIGURA 120 - FOTOGRAFIA AÉREA SOBRE A PRAIA DA COVA DO VAPOR, FONTE: DAVID PIRES FOTOGRAFIA.	78
FIGURA 121 - PLANTA DE SERVIDÕES E PONTOS DE INTERESSE.....	81
FIGURA 122 - TROÇO A DELIMITAÇÃO DO PERCURSO FONTE: A AUTORA	82
FIGURA 123- PASSADIÇOS DE PAIVA – ATELIER: TRIMETRICA.....	84
FIGURA 124- PASSADIÇOS DE PAIVA – ATELIER: TRIMETRICA.....	84
FIGURA 125 - MAPA DA ZONA DO LAZARETO DA TORRE VELHA, NO PORTO BRANDÃO, 1904 ..	85
FIGURA 126 – IMAGEM AÉREA DO LAZARETO NOVO. FONTE: GOOGLE MAPS.....	85
FIGURA 127 - TROÇO B DELIMITAÇÃO DO PERCURSO ELABORADO PELA AUTORA	86
FIGURA 128 - TROÇO C - PERCURSO MARGINAL DE AMBIENTE DUNAR.....	88
FIGURA 129 - SISTEMA DUNAR	90
FIGURA 130- CRIAÇÃO DE UMA DUNA.....	90
FIGURA 131 - ESQUEMA DA PRESENÇA DO PASSADIÇO NO SISTEMA DUNAR. ELABORADO PELA AUTORA.	91
FIGURA 132 - 1º CENÁRIO, ELABORADO PELA AUTORA	96
FIGURA 133 - 2º CENÁRIO, ELABORADO PELA AUTORA	96
FIGURA 134 - 3º CENÁRIO, ELABORADO PELA AUTORA	98
FIGURA 135 - 3º CENÁRIO, ELABORADO PELA AUTORA.	98
FIGURA 136 - ESBOÇO DO PROJETO, ELABORADO PELA AUTORA	100
FIGURA 137 - ESBOÇO DO PROJETO, COVA DO VAPOR. ELABORADO PELA AUTORA	102
FIGURA 150 - PERSPETIVA ESQUEMÁTICA DO PROJETO. ELABORADO PELA AUTORA	105
FIGURA 151 - ESQUEMA DE CORES DO PLANO DE PORMENOR.....	106
FIGURA 152 – ESQUIÇO: ENTRE ESPAÇOS, ELABORADO PELA AUTORA	106
FIGURA 153 - CASTELO DE MONSARAZ, ALENTEJO. FONTE: VISITA ALENTEJO (HTTPS://WWW.VISITALENTEJO.PT/PT/CATALOGO/O-QUE-FAZER/MUSEUS-E-LOCAIS-A-VISITAR/CASTELO-DE-MONSARAZ/)	110
FIGURA 154 - ESQUEMA DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO. ELABORADO PELA AUTORA.....	112
FIGURA 155 - DIAGRAMA MURALHA + EDIFÍCIOS SINGULARES. ELABORADO PELA AUTORA	114
FIGURA 156 - DIAGRAMA EDIFICADO + EDIFÍCIOS SINGULARES. ELABORADO PELA AUTORA	115
FIGURA 157 - PERFIL COM O MIRADOURO PROPOSTO EM VISTA. ELABORADO PELA AUTORA. ..	118
FIGURA 158 - PERFIL SOBRE O MIRADOURO PROPOSTO. ELABORADO PELA AUTORA.	118
FIGURA 159 - PERFIL SOBRE O PONTÃO PROPOSTO. ELABORADO PELA AUTORA.	120
FIGURA 160 – AMBIENTES MOLHES DO DOURO, ARQUITETO CARLOS PRATA, 2005. FONTE: HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/01-75903/MOLHES-DO-DOURO-CARLOS-PRATA-ARQUITECTO?AD_MEDIUM=GALLERY	120
FIGURA 161 - PERFIS MOLHES DO DOURO, ARQUITETO CARLOS PRATA, 2005. FONTE: HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/01-75903/MOLHES-DO-DOURO-CARLOS-PRATA-ARQUITECTO?AD_MEDIUM=GALLERY	120

FIGURA 162 - ESBOÇO DO PORTO DE ABRIGO. ELABORADO PELA AUTORA.....	121
FIGURA 163 - CASA DE CHÁ DA BOA NOVA, ÁLVARO SIZA VIEIRA. FONTE: HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/01-20953/CLASSICOS-DA-ARQUITETURA-CASA- DE-CHA-BOA-NOVA-ALVARO-SIZA?AD_MEDIUM=GALLERY	122
FIGURA 164 - ESBOÇO DO PROJETO, ELABORADO PELA AUTORA.....	128
FIGURA 165 - ORGANOGRAMA CAPELA. ELABORADO PELA AUTORA.....	129
FIGURA 166 - REFERÊNCIA ARQUITETÓNICA, CAPELA DO MONTE, LAGOS, ÁLVARO SIZA VIEIRA. FOTOGRAFIA: JOÃO MORGADO	130
FIGURA 167 - SEQUÊNCIA DE FOTOGRAFIAS DA TORRE SINEIRA, MAQUETE DE ESTUDO. ELABORADO PELA AUTORA.	132
FIGURA 168 - CARTOGRAFIA HISTÓRICA, MAPA DE PORTUGAL, S. VINCENTE GELEGHEN, W. J. BLAEU, 1612. FONTE: ALMADA VIRTUAL.....	150
FIGURA 169 - CARTOGRAFIA HISTÓRICA, COSTA DE LISBOA, LUCAS JANSZOOM WAGHENAER, 1586. FONTE: ALMADA VIRTUAL.....	150
FIGURA 170 - CARTOGRAFIA HISTÓRICA, MAPA DE PORTUGAL FERNANDO ÁLVARES SECO, 1561. FONTE: ALMADA VIRTUAL	150
FIGURA 171 - CARTOGRAFIA HISTÓRICA, A BARRA DO TEJO BASEADA NO REFERIDO REGIMENTO DE PILOTOS, ANTÓNIO DE MARIZ CARNEIRO, 1642. FONTE: ALMADA VIRTUAL	151
FIGURA 172 - CARTOGRAFIA HISTÓRICA, AUTOR DESCONHECIDO, 1634. FONTE: ALMADA VIRTUAL.....	151
FIGURA 173 - CARTOGRAFIA HISTÓRICA, MAPA ALMADA E RIO TEJO, FELIPPE TERSIO, 1617. FONTE: ALMADA VIRTUAL	151
FIGURA 174 - CARTOGRAFIA HISTÓRICA, MAPA DO PLANO DE LISBOA, JACQUES NICOLAS BELIN, 1756. FONTE: ALMADA VIRTUAL.....	152
FIGURA 175 - CONFIGURAÇÃO DA ENTRADA DA BARRA DO PORTO DE LISBOA, AUTOR DESCONHECIDO, 1700. FONTE: ALMADA VIRTUAL.....	152
FIGURA 176 - CARTOGRAFIA HISTÓRICA, MAPA DESCRIÇÃO DO REINO DE PORTUGAL, PEDRO TEIXEIRA, 1662. FONTE: ALMADA VIRTUAL	152
FIGURA 177 - CARTOGRAFIA HISTÓRICA, MAPA DA ENVOLVENTE DE LISBOA, LAURIE & JAMES WHITTLE, 1812. FONTE: ALMADA VIRTUAL.....	153
FIGURA 178 - CARTOGRAFIA HISTÓRICA, MAPA PLANO HIDROGRÁFICO DO PORTO DE LISBOA E COSTA ADJACENTE ATÉ AO CABO DA ROCA, CORONEL MARINO MIGUEL FRANZINI, 1806. FONTE: ALMADA VIRTUAL	153
FIGURA 179 - CARTOGRAFIA HISTÓRICA, MAPA DAS PROVÍNCIAS DE PORTUGAL, AUTOR DESCONHECIDO, 1769. FONTE: ALMADA VIRTUAL.....	153
FIGURA 180 - CARTOGRAFIA HISTÓRICA, MAPA HIDROGRÁFICO DA BARRA E PORTO DE LISBOA COM AS CURVAS DE NÍVEL DESENHADAS SOBRE AS CARTAS HIDROGRÁFICAS, JOÃO VERISSIMO MENDES GUERREIRO, 1878. FONTE: ALMADA VIRTUAL	154
FIGURA 181 - CARTOGRAFIA HISTÓRICA, MAPA PLANO HIDROGRÁFICO DA BARRA DO PORTO DE LISBOA LEVANTADO EM 1842, 1843, E 1845, FRANCISCO MARIA PEREIRA DA SILVA, 1857. FONTE: ALMADA VIRTUAL.....	154
FIGURA 182 - CARTOGRAFIA HISTÓRICA, CARTA TOPOGRÁFICA MILITAR DA PENÍNSULA DE SETÚBAL, JOSÉ MARIA DAS NEVES COSTA, 1813. FONTE: ALMADA VIRTUAL	154
FIGURA 183 - CARTOGRAFIA HISTÓRICA, PLANTA DE CONJUNTO DO PLANO DE URBANIZAÇÃO DO CONCELHO DE ALMADA, 1946. FONTE: ALMADA VIRTUAL	155
FIGURA 184 - CARTOGRAFIA HISTÓRICA, CARTA DE LISBOA E SEUS ARREDORES, FILIPPE DA COSTA, 1909. FONTE: ALMADA VIRTUAL.....	155
FIGURA 185 - CARTOGRAFIA HISTÓRICA, MAPA PLANO HIDROGRÁFICO DA BARRA DO PORTO DE LISBOA, AUTOR DESCONHECIDO, 1929. FONTE: ALMADA VIRTUAL.....	155
FIGURA 186 - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DA COVA DO VAPOR, 2018. FONTE: A AUTORA	159
FIGURA 187 - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DA COVA DO VAPOR, 2018. FONTE: A AUTORA	160
FIGURA 188 - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DA COVA DO VAPOR, 2018. FONTE: A AUTORA	161
FIGURA 189 - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DA COVA DO VAPOR, 2018. FONTE: A AUTORA	162

FIGURA 190 - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DA COVA DO VAPOR, 2018. FONTE: A AUTORA	163
FIGURA 191 - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DA COVA DO VAPOR, 2018. FONTE: A AUTORA	164
FIGURA 192 - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DA COVA DO VAPOR, 2018. FONTE: A AUTORA	165
FIGURA 212 - MAQUETE DE ESTUDO DO EDIFICADO DA COVA DO VAPOR, ESCALA 1/500. ELABORADO PELA AUTORA.....	194
FIGURA 213 - MAQUETE DE ESTUDO, INTERVENÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO, COVA DO VAPOR, ESCALA 1/500. ELABORADO PELA AUTORA.....	195
FIGURA 214 - MAQUETE DE ESTUDO, INTERVENÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO, COVA DO VAPOR, ESCALA 1/500. ELABORADO PELA AUTORA.....	196
FIGURA 215 - MAQUETE DE ESTUDO, INTERVENÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO, COVA DO VAPOR, ESCALA 1/500. ELABORADO PELA AUTORA.....	197
FIGURA 216 - MAQUETE DE ESTUDO, INTERVENÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO, PONTÃO, COVA DO VAPOR, ESCALA 1/500. ELABORADO PELA AUTORA.....	198
FIGURA 217 - MAQUETE DE ESTUDO, INTERVENÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO, COVA DO VAPOR, ESCALA 1/500. ELABORADO PELA AUTORA.....	199
FIGURA 218 - MAQUETE DE ESTUDO, INTERVENÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO, COVA DO VAPOR, ESCALA 1/500. ELABORADO PELA AUTORA.....	200
FIGURA 219 - MAQUETE DE ESTUDO, INTERVENÇÃO NA PRAÇA PRINCIPAL, COVA DO VAPOR, ESCALA 1/200. ELABORADO PELA AUTORA.....	201
FIGURA 220 - MAQUETE DE ESTUDO, INTERVENÇÃO NA PRAÇA PRINCIPAL, COVA DO VAPOR, ESCALA 1/200. SEQUÊNCIA DOS MOMENTOS DO DIA. ELABORADO PELA AUTORA.....	202
FIGURA 221 - MAQUETE DE ESTUDO, INTERVENÇÃO NA PRAÇA PRINCIPAL, COVA DO VAPOR, ESCALA 1/200. ELABORADO PELA AUTORA.....	203
FIGURA 222 - MAQUETE DE ESTUDO, CAPELA + ADRO, COVA DO VAPOR, ESCALA 1/100. ELABORADO PELA AUTORA.....	204
FIGURA 223 - MAQUETE DE ESTUDO, CAPELA + ADRO, COVA DO VAPOR, ESCALA 1/100. ELABORADO PELA AUTORA.....	205
FIGURA 224 - MAQUETE ESTUDO, CAPELA DO MONTE, ARQ. SIZA VIEIRA. ELABORADO PELA AUTORA.....	206
FIGURA 225 - MAQUETE ESTUDO, CAPELA DO MONTE, ARQ. SIZA VIEIRA. ELABORADO PELA AUTORA.....	207
FIGURA 226 - MAQUETE DE ESTUDO, CAPELA + ADRO, COVA DO VAPOR, ESCALA 1/100. ELABORADO PELA AUTORA.....	208
FIGURA 227 - MAQUETE DE ESTUDO, CAPELA + ADRO, COVA DO VAPOR, ESCALA 1/100. ELABORADO PELA AUTORA.....	209
FIGURA 228 - MAQUETE DE ESTUDO, CAPELA + ADRO, COVA DO VAPOR, ESCALA 1/100. ELABORADO PELA AUTORA.....	210
FIGURA 229 - MAQUETE DE ESTUDO, CAPELA, COVA DO VAPOR, ESCALA 1/50. ELABORADO PELA AUTORA.....	211
FIGURA 230 - MAQUETE DE ESTUDO, CAPELA, COVA DO VAPOR, ESCALA 1/50. ELABORADO PELA AUTORA.....	212
FIGURA 231 - MAQUETE DE ESTUDO, CAPELA E A TORRE SINEIRA, COVA DO VAPOR, ESCALA 1/50. ELABORADO PELA AUTORA.....	213

Introdução

Justificação temática

Na segunda metade do século XX, o abandono do centro do país e o retorno das colónias portuguesas provocou um grande crescimento nas principais cidades do nosso país. A área metropolitana de Lisboa foi onde existiu esse maior crescimento.

Estas cidades não estavam preparadas para este desenvolvimento, o que originou diversos aglomerados urbanos de génese ilegal.

Algumas destas ocupações informais estão localizadas em territórios costeiros, como são os casos da Cova do Vapor e do Segundo Torrão. Estas duas povoações localizam-se na freguesia da Trafaria, concelho de Almada. A Cova do Vapor insere-se num local mais complexo devido à sua localização na foz do rio Tejo, território com grandes dinâmicas da orla costeira.

A Cova do Vapor terá tido inicialmente uma ocupação ligada a um modo de vida piscatório. Nunca enquadrado por um instrumento de planeamento territorial, observamos hoje um aglomerado clandestino, com uma população que se poderá classificar em dois grupos. Maioritariamente pessoas que escolheram este local pela sua localização e autoconstruíram as suas segundas habitações. Uma outra população nascida neste mesmo local, de escassos rendimentos, predominantemente trabalhadora na cidade de Lisboa.

A inexistência de controlo sobre estes territórios, Cova do Vapor e Segundo Torrão, permitiu o seu crescimento atingindo proporções que tornam politicamente impopulares qualquer solução que passe pela sua erradicação. Todavia, a Cova do Vapor diferencia-se das restantes. Apresenta-se a quem a visita, com um encanto decorrente da sua peculiaridade, e certamente fruto da escala, da forma contida, dos labirintos,

dos recantos, da descoberta ao virar de cada esquina, da vivência dos habitantes que extravasa as suas casas, do *barulho* das ondas...

A singularidade da Cova do Vapor traduz-se numa peculiar forma urbana que constitui um potencial para a sua requalificação. Um primeiro olhar, encontra uma densa ocupação com “ruas” muito estreitas com um desenho orgânico e um tecido edificado de baixa volumetria. Os limites de cada edificação resultaram da vontade de cada habitante. O espaço público é desvalorizado, sendo apenas o resultado das diversas construções.

Este sentir da Cova do Vapor foi determinante para a escolha do local de intervenção. A proposta que agora se apresenta, pretende requalificar e reabilitar a Cova do Vapor, valorizando o espaço público, de forma concisa e ponderada. Esta intervenção conserva as características arquitetónicas locais, reconhecendo o seu valor *patrimonial*, preservando o tecido urbano de matriz irregular, que é a *identidade do lugar*.

Objetivos

1. Reabilitar e reestruturar a Cova do Vapor

Porquê?

Devido às problemáticas existentes, como o descontrolo da ocupação do espaço, a falta de mobilidade dentro da Cova do Vapor, as habitações precárias, a inexistência de espaço público e o fenómeno de assentamento das areias, torna evidente uma urgente intervenção neste local.

Esta intervenção visa conservar as características arquitetónicas do local, reconhecendo o seu valor ‘patrimonial’ mantendo as características do tecido urbano irregular

existente, que dá a identidade ao lugar. Estas intenções terão que ser conjugadas com a resolução dos problemas e fenómenos referidos.

Como?

- Potenciando a paisagem, devolvendo a frente ribeirinha à população;
 - i) Revitalizar a frente ribeirinha, com intenções de atrair maior número de população ao local;
 - ii) Preservar a Mata de São João e permitir que a população usufrua desse espaço;

- Criação de *barreiras*, estruturas de defesa costeira, para impedir a invasão das areias no mesmo local;

- Reabilitar as habitações precárias dos moradores residentes da Cova do Vapor;
 - i) Hierarquizando o faseamento de intervenção, dando prioridade aos moradores e titulares de comércio local;
 - ii) Garantir boas condições de habitabilidade, que respeitem a legislação em vigor;

- Introduzir um Planeamento que dê ênfase ao espaço público de modo a valorizar também o edificado;
 - i) Demolições *cirúrgicas* sobre edifícios em estado devoluto e substituir os mesmos por praças e espaços de convívio para a população local;
 - ii) Demolir os anexos e acrescentos de construção temporária e reutilizar esses espaços para potencializar o espaço público;

- iii) Implantar arruamentos com dimensões que garanta a mobilidade em situações de emergência;
- iv) Definir um núcleo central, suportada por comércio, equipamentos e um edifício de carácter religioso.

Metodologia

1ª Fase

A metodologia foi estruturada por quatro fases. Na primeira fase fez-se uma recolha e análise bibliográfica, identificaram-se projetos de referência (nacionais e internacionais) relacionados com as características do local de estudo. Posteriormente realizou-se uma recolha e análise de dados e documentos: cartografia histórica, dados estatísticos;

Nesta fase, sentiu-se a necessidade de repetidamente percorrer o território, para uma apropriação do *espírito do lugar*. Procedeu-se à recolha, tratamento e análise de dados e documentos obtidos no local.

Na segunda fase realiza-se uma análise do edificado, em que foi estudado a distribuição e a agregação dos edifícios, dimensão e ocupação dos lotes, morfologia do bairro, localização e uso dos equipamentos, espaços públicos.

Análise dos planos, programas, projetos e outros instrumentos de planeamento territorial executados para este território e avaliação do seu impacto.

Sentiu-se a necessidade de realizar um *retiro*. Durante uma semana, com um anfitrião local, explorador de um Hostel inserido no interior da Cova do Vapor, permaneci com o intuito de viver o lugar, compreender hábitos, costumes, opiniões e estabelecer uma relação pessoal com alguns moradores locais.

Esta estadia permitiu uma maior abertura por parte da população na recolha de informação no local, através de entrevistas e questionários. Conjugando toda a informação recolhida, é realizado uma análise SWOT com a informação recolhida.

Na terceira fase, traçam-se os vários cenários possíveis, considerando diferentes políticas de intervenção, visões de

princípio e teorias urbanísticas, aplicáveis ao território em estudo.

Elegeram-se quatro cenários distintos. Cada cenário é uma possível proposta de projeto final de mestrado. Este método permitiu uma reflexão ponderada e avaliativa. O resultado desta metodologia, com o contributo de professores e colegas, revelou uma evolução daquilo que no início parecia ser o cenário ideal, para o cenário que acabou por ser desenvolvido.

Procedeu-se à análise das Referências Arquitetónicas que de alguma forma se identifiquem com este lugar. Esta fase finaliza-se com a escolha do cenário a desenvolver e realização da Proposta.

Na quarta e última fase foi realizado o trabalho necessário para apoiar o Projeto final de Mestrado, designadamente o documento escrito e peças desenhadas, maquetes, ilustrações, fotografias, registo das entrevistas realizadas, inquéritos de caracterização da população, estudos de caracterização.

1º CAPÍTULO

Caracterização do Tema: A evolução
dos objetos urbanos e arquitetónicos

O presente trabalho resulta de uma investigação teórico-reflexiva que servirá de base ao desenvolvimento de um projeto final de mestrado. Como temas a abordar, procura-se o claro entendimento da relação entre os cheios e os vazios, transformação dos espaços, reabilitação e reutilização do edificado e o espaço público.

Destes temas, a **Reutilização** e a **Transformação dos espaços** mereceram uma atenção especial. Apesar de estes dois conceitos relacionarem-se e complementarem-se entre si, conseguem ser separadamente aplicados. Para além da relação direta que estes dois mantêm, é importante referir que estes conceitos foram escolhidos pela sua abrangência (sub-conceitos¹) e pela aplicação dos mesmos em diferentes escalas da cidade. Transformação e evolução do tecido urbano é aplicado à escala da cidade, vila ou bairro, e a reutilização, na escala do quarteirão, edifício ou rua.

¹ Sub-conceitos: Conceitos abrangentes que se desdobram em outros conceitos estudados. Exemplificando, a reabilitação e reestruturação que se incorporam no conceito da Transformação urbana.

1.1 - Reutilização:

Reutilizar é o uso de um objeto mais de que uma vez, independentemente de ser na mesma função ou não. Aplicando este conceito em arquitetura, é a oportunidade de reutilizar espaços edificados (ou naturais) para novos usos ou funções. A Reutilização engloba outros conceitos, tais como a Reabilitação, Restruturação, Requalificação e a Regeneração urbana.

A Reutilização é sinónimo do conceito **Reabilitação** Sustentável. Ocorre quando num edifício desqualificado se aproveita a sua estrutura para dar origem a uma nova vivência no mesmo espaço. Este conceito é usualmente aplicado em fábricas, armazéns, edifícios religiosos, dando a oportunidade de criar um novo uso e consequentes reinterpretações das vivências destes espaços.

A ideia de reviver, reorganizar, reutilizar e retornar a estes espaços, permite um deslocar entre o passado e o presente, o novo e o antigo, a ruína e o reabitado.

GASPAR, 2017, p.28

A suas estruturas permitem um aproveitamento do espaço a novas funções, diferentes programas e adaptação aos critérios mais atuais da intervenção arquitetónica, conservando a identidade do lugar (MONTEYS, 2012).

Aplica-se geralmente à escala do edifício, da praça ou da rua e após a intervenção permite uma nova percepção dos espaços, revivendo o mesmo lugar em diferentes tempos e vivências. A reutilização requer um cuidado particular, não se pode generalizar, edifícios vizinhos deverão ter abordagens distintas.

Para que se torne exequível, dotar uma construção antiga de um novo uso, deverá existir uma relação pré-estabelecida entre o projeto de arquitetura e a política urbanística. É necessário a existência de um plano de ordenamento do território para enquadrar as transformações pretendidas.

«Tanto a Arquitectura como a Reabilitação, enquanto novo paradigma de projecto, defrontam hoje fenómenos de mundialização, de normalização, de amnésia forçada, que se traduz numa perda da nossa competência no edificar (e de reutilizar). Um predomínio do consumismo cultural que promove uma descomplexificação semântica no ordenamento espacial, a descontextualização e a atomização da produção arquitectónica, ao mesmo tempo que promove a reabilitação do património urbano como parques temáticos de um consumo turístico massificado: o património tornou-se uma apressada alternativa ao cinzentismo de um mundo cada vez mais monossómico.»

CHOAY (2005) Património e mundialização: Problemáticas e estratégias. Évora: Editor Licorne/CHAIA, (2ª edição).

1.1.1 - O Museu do Oriente

Atual propriedade da Fundação Oriente e localizada no porto de Lisboa.

O edifício original foi construído nos anos de 1938/40 com a função de armazenamento frigorífico para a conservação do bacalhau e frutas frescas. Projetado pelo arquiteto João Simões com o apoio do engenheiro Fernando Yglesias de Oliveira.

No ano de 1992 o edifício foi desactivado, ficando ao abandono até 2002, ano em que se dá início à reutilização, transformando-o num espaço museológico contemporâneo, de autoria do arquiteto Rui Francisco e João Luís Carrilho da Graça. Neste caso de estudo para além de uma reutilização da estrutura existente, existiu uma ampliação do edifício. Preservou-se a identidade do lugar, o desenho arquitetónico e a estrutura do edificado.



Figura 1 - Planta do piso 1, Museu do Oriente. Antes (na primeira figura) e depois (na segunda figura) da intervenção.

1.1.1 – Mercado de São Miguel

Este caso de referência situa-se no centro de Madrid, na praça de São Miguel. Inaugurado no ano de 1916, este foi inicialmente um mercado a céu aberto. Devido às questões de higiene, posteriormente foi implantado uma estrutura de ferro para a cobertura do edifício.

Uma mudança de hábitos das pessoas no final do séc. XX, tornou este equipamento pouco procurado, conduzindo à sua degradação. Em 2009, realizou-se uma alteração profunda do seu uso, mantendo as características do edifício. Uma reutilização para um espaço de lazer. Atualmente este é um espaço gastronómico que conserva a sua estrutura original de ferro.

Este foi um projeto pioneiro que posteriormente foi replicado em diversas cidades europeias. Lisboa apresenta o Mercado da Ribeira, Mercado de Campo de Ourique e o Mercado de Algés. Casos de reutilização de sucesso.

**Figura 2 -
Mercado de São
Miguel, Madrid.
Fonte:
<https://www.flickr.com/photos/dleiva/16424016099>**





**Figura 5 -
Centro
Interpretativo
da Afurada,
2014**



**Figura 3 -
Centro
interpretativo
da Afurada,
2014**



**Figura 4 - Centro
interpretativo
da Afurada,
2014**

1.1.3 - Centro Interpretativo do Património da Afurada

Vila Nova de Gaia, Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez, Atelier 15.

Centro interpretativo do Património da Afurada, completo em 2014, numa localidade piscatória do concelho de Vila Nova de Gaia, um local de antigos armazéns de apoio à pesca. Encontrando-se ao abandono, este local serviu em tempos como apoio às práticas piscatórias. Em 2014 desenvolve-se um projeto sobre o edifício, na altura, em devoluto.

Preserva-se o traço original do edifício e no seu interior é recriado um espaço expositivo alusivo ao património da Afurada. A intervenção de reconversão de um armazém em um espaço expositivo é enquadrada pelas potencialidades do local, pela sua identidade e valor simbólico.

1.2 – Transformação

A **Transformação** dos tecidos urbanos e do ambiente rural são conceitos interligados ao fator Tempo e que aumentam com o decorrer do mesmo. São decorrentes das forças da natureza, designadamente da ação do vento, das marés, do sol, a precipitação, a humidade, que por vezes geram alterações climáticas. Podemos regular estas iterações através de instrumentos territoriais, desde um plano local até medidas estratégicas à escala nacional.

No processo evolutivo no meio urbano, do traçado das cidades, é entendido num momento de transição que estão associados à alteração da configuração do objeto urbano que se revelam consoante a natureza das ações referidas. (FERNANDES, 2014)

A cidade, como qualquer unidade urbana, encontra-se em contínua alteração. O tempo é fundamental para compreender o território como objeto físico, mas também para posicionar a intervenção do arquiteto. (LAMAS, 2014)

A transformação consiste num fenómeno que age sobre a forma da cidade e pressupõe, no essencial, a mutação de um qualquer estágio de evolução, considerando sempre uma fase antecedente e outra conseqüente em que se altera a ordem pré-estabelecida.

FERNANDES, 2014, p. 707.

1.2.1 - Evolução dos tecidos urbanos

A evolução das estruturas urbanas pode decorrer de duas formas distintas: Pela expansão do tecido urbano ou pela reutilização do mesmo.

O desenvolvimento urbano é o conjunto de processos que conduzem ao crescimento das cidades, por expansão ou por alteração no seu interior. A avaliação do processo de alteração torna-se visível com o decorrer do tempo num determinado local. Este crescimento pode ser, ou não, controlado por um instrumento territorial.

Este crescimento pode surgir segundo regras de espontaneidade, com um traçado orgânico adaptado ao espaço natural e às necessidades inerentes ou de acordo por um plano ou ideia previamente estabelecida, estudado com traçados racionais. Por vezes estes dois processos surgem interligados.

A nossa realidade mostra que o tipo de transformação urbana evoluiu nas últimas décadas. Bairros, alguns de dimensões significativas. Construídos clandestinamente na periferia das grandes cidades, sem qualquer planeamento, constituindo-se como guetos, com uma estrutura desorganizada, mas respondendo às necessidades habitacionais das populações que assim revolviam o seu problema. O momento político aliado à falta de planeamento permitiu estes acontecimentos.

Felizmente, nos nossos dias, estes *bairros* não aparecem sem um estudo prévio, enquadrado nos instrumentos de planeamento urbano.

Estes instrumentos enquadram também o processo racional que visa a transformação dos aglomerados urbanos de génese ilegal (AUGI), em espaços qualificados, requalificando-os e *semeando* uma regeneração. São processos lentos, que

Figura 7 - Ação Criadora do Tempo. Lisboa antes do terramoto, segundo a planta de 1650 - Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa



Figura 6 - Ação criadora do Homem. A reconstrução Pombalina, segundo o plano de Eugénio dos Santos-C. Mardel (1755) - Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa



partem de situações com condicionantes muito fortes, com objetivos de melhorar as condições deficitárias.

A cidade de Lisboa sofreu um crescimento acentuado no século XX. A disponibilidade de solos a preços reduzidos em pequenos núcleos suburbanos, aliado à falta de planeamento nessas zonas, tornaram mais atrativos os situados nas proximidades de linhas de caminhos de ferro, gerando uma ocupação de solo preferencial nas proximidades das estações e apeadeiros. O aumento de população nessas zonas acabou por preencher os vazios entre a maioria desses aglomerados, criando a necessidade de melhoria de outros meios de circulação e transporte, designadamente com novas estradas (e autoestradas) e transporte rodoviário, tornando essas zonas ainda mais atrativas. Um ciclo vicioso quase descontrolado que rapidamente atingiu proporções de difícil resolução.

A reutilização do tecido urbano é outra forma de evolução das estruturas urbanas. Políticas de recuperação, reabilitação e restauro de áreas urbanas pressupondo diferentes usos e consequentes modificações da imagem e da forma da cidade, podem travar evoluções descontroladas.

A evolução da cidade é um facto natural. A questão reside em estabelecer o necessário controlo dessas transformações. Nos dias de hoje, é imprescindível a utilização de um instrumento territorial como meio de controlo numa transformação de uma cidade.

O controlo do espaço não se pode exercer sem ideia prévia (plano ou projeto). No mesmo modo, o plano de nada servirá se não for implementado. (LAMAS, 2014)

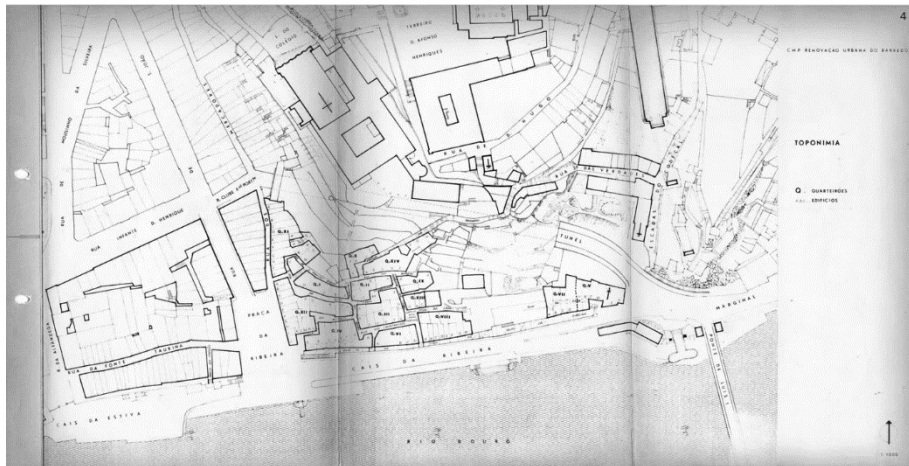
Porém, entre a ambição do arquiteto no ato de projetar e a possibilidade real de controlo da cidade, vai uma grande distância. Devido às conhecidas condicionantes, como as forças económicas, sociais, administrativas e outras que

interferem a cidade, o desenvolvimento de qualquer instrumento territorial é influenciado pelos mesmos.

A disciplina do urbanismo tem como objectivo dominar o território e os seus mecanismos de transformação: construir, adaptar ou conservar o espaço.

LAMAS, 2014, p. 112.

Figura 8 - Desenhos do trabalho do arquiteto Fernando Távora (1969) – Planta de Localização.



1.2.2 - Bairro do Barredo, Porto

O Estudo de Regeneração Urbana do Bairro do Barredo, coordenado pelo arquiteto Fernando Távora, em 1969, pode ser relacionado ao modelo de conservação integrada do património urbano, no qual as propostas de reabilitação arquitetónica e urbanística buscam conciliar valores históricos e artísticos com os sociais. O Plano do Barredo propõe uma nova intenção, uma reabilitação cautelosa, socialmente atenta, como alternativa ao arrasamento deste bairro insalubre, idealizado por outros arquitetos.

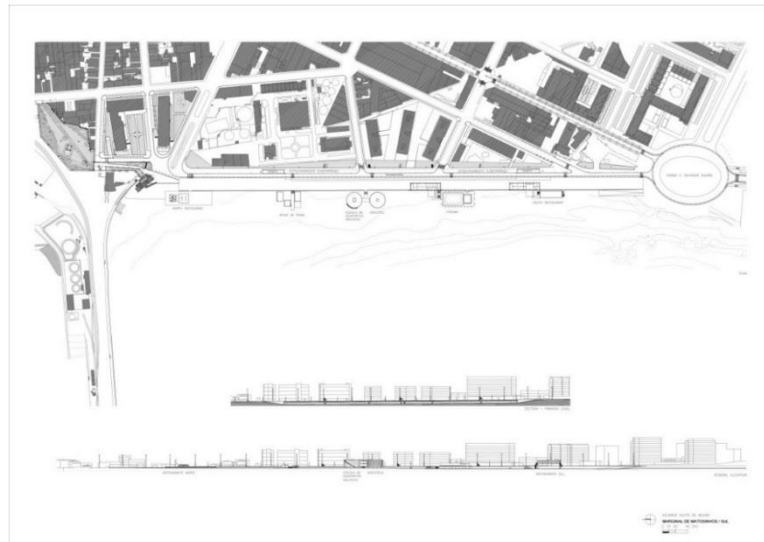
Este estudo foi complementado com inquéritos detalhados sobre as graves condições de habitabilidade, bem como de levantamentos das habitações pelos alunos do curso de Arquitetura da Escola Superior de Belas Artes do Porto.

Concebido como um modelo para reabilitação de outras áreas críticas da cidade, o plano do Barredo foi um projeto piloto para a área da Ribeira-Barredo, integrando o bairro na cidade. Távora defendia "não mais um gueto nem um monte de ruínas, mas um centro vivo e um belo elemento da paisagem urbana". Associando a ação física à intervenção social, reforçando os processos participativos, o cuidado na conservação do que tem valor, conciliada com a necessidade de dotar de condições para vidas contemporâneas.

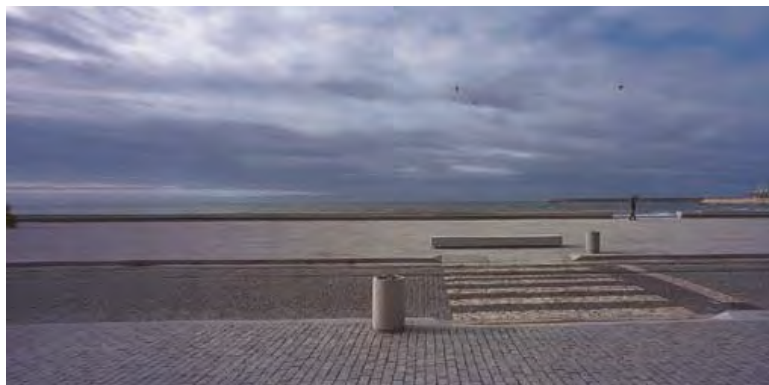
Este foi um dos primeiros projetos pilotos em Portugal que teve como principais valores a conservação do edificado e preservação da memória do lugar. Um ensaio sobre a reutilização do tecido urbano, como meio de transformação.



**Figura 11 -
Reconversão da
Faixa Marginal de
Matosinhos Sul -
Fotografia, 2001**



**Figura 10 - Planta e
Perfis -
Reconversão da
Faixa Marginal de
Matosinhos Sul,
1995**



**Figura 9 -
Reconversão
Marginal de
Matosinhos Sul -
Fotografia aérea,
2001**

1.2.3 - Marginal de Matosinhos/sul

Este projeto incide sobre o tratamento de uma área de carácter público. Propõe a definição de um percurso contínuo e a construção de equipamentos, que constituam uma Frente Urbana Marítima e que referenciem pontualmente o percurso marginal.

Os equipamentos dispostos ao longo da plataforma funcionam como objetos soltos do passeio, apoiados na areia, sendo o seu acesso feito por pontões.

No programa incluí um Bar/Restaurante, escola de desportos náuticos, discoteca, piscina e um restaurante elevado. Os materiais escolhidos são predominantemente o ferro, a madeira e o vidro, apoiando-se numa linguagem próxima da arquitetura industrial.

Com uma solução simples, é criado um percurso marginal, com pontos de paragem, de contemplação, valorizando o sistema de vistas, potenciando a sua utilização para além do mero acesso à praia.

Este projeto é uma referência de carácter importante para o desenvolvimento do meu projeto, identificando alguns aspetos semelhantes ao meu local de estudo. Este percurso marginal incide sobre uma vasta área, em que foi desenhado uma plataforma paralela ao areal de 740m de comprimento.

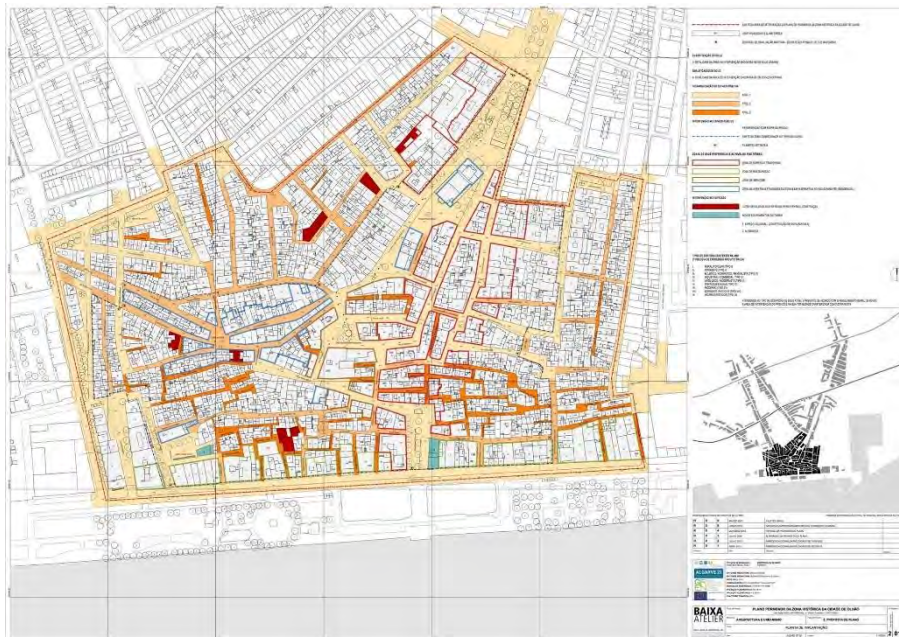


Figura 12 - Plano de Salvaguarda do Centro Histórico de Olhão, Arquiteto Pedro Ravara, Fonte: Câmara Municipal de Olhão 2014

1.2.4 – Bairro da Barreta, Olhão;

O caso do **Plano de Pormenor de centro histórico de Olhão** (Bairro da Barreta) é outra das referências do trabalho. Trata-se de um bairro, com origens no Séc. XVII, formado por populações piscatórias. A evolução ao longo da sua história, traz-nos um bairro constituído por habitações precárias, que necessitavam de uma urgente intervenção.

Recentemente deteve de um Plano de Pormenor da autoria do arquiteto Pedro Ravara. Este instrumento territorial teve como intuito regular e incentivar a reabilitação do bairro da Barreta. O plano traduziu-se por definir o espaço público, deixando para a população a reabilitação do edificado através de incentivos financeiros. Este Plano regulava a dimensão, cor, materialidade e o tipo de construção a realizar nas habitações existentes.

Neste caso a evolução do espaço urbano é controlada por instrumento territorial. Uma transformação racional, programada e intencional.

Figura 14- Plano de pormenor do Centro Histórico de Olhão | Fonte: Câmara Municipal de Olhão



2º CAPÍTULO

**Enquadramento e Caracterização
da Cova do Vapor**

2.1 - Enquadramento Geográfico:

Esta dissertação tem como objeto de estudo a Cova do Vapor, sendo que previamente realizou-se um estudo sobre o concelho de Almada e do troço: Porto Brandão – Cova do Vapor – Costa de Caparica, com uma futura intenção de um percurso marginal.

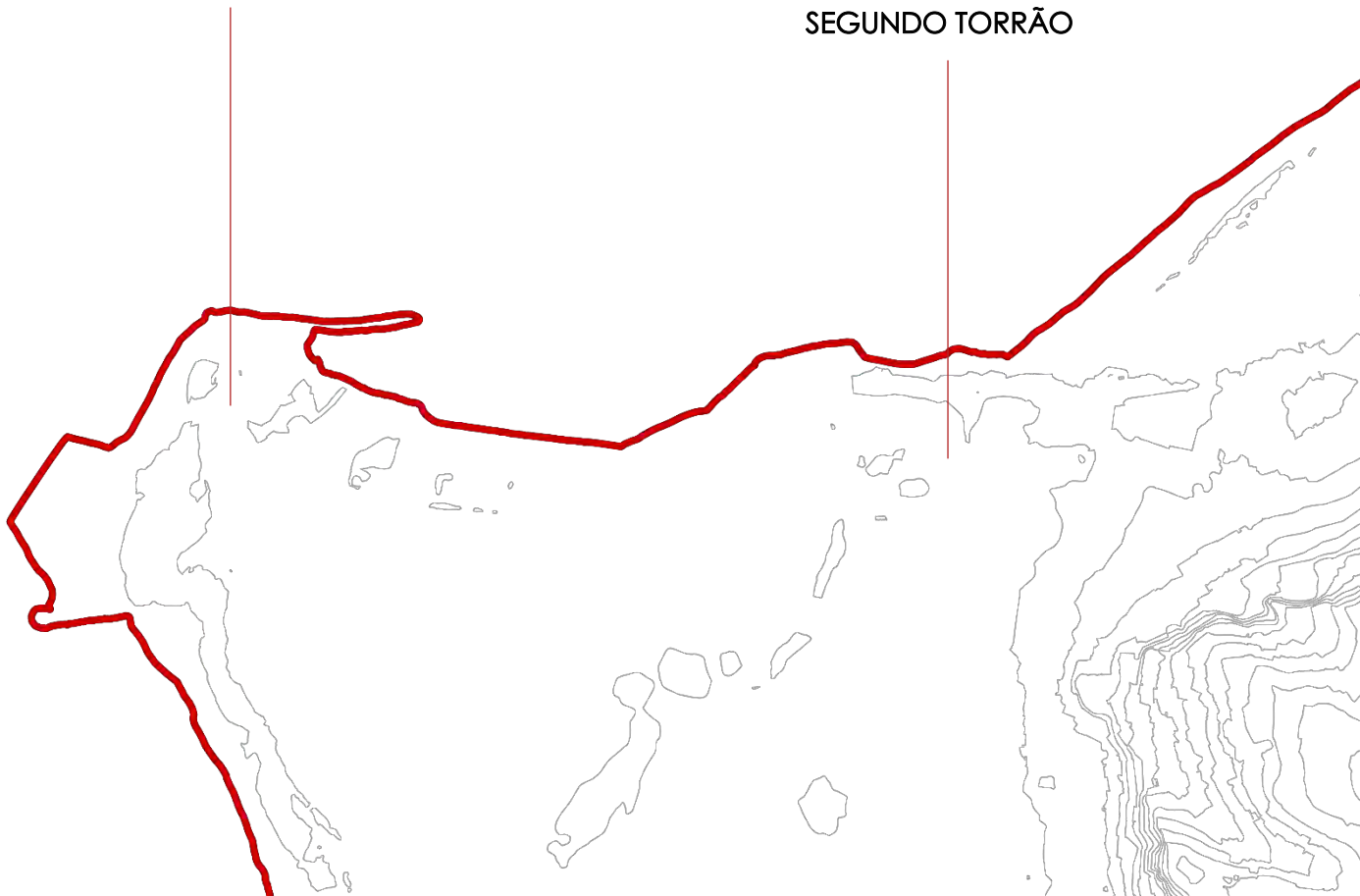
O concelho de Almada localiza-se no distrito de Setúbal e na área metropolitana de Lisboa, inserido em duas freguesias do concelho, Trafaria e Monte da Caparica. Este concelho tem uma área de 71 km² e uma população de cerca de 174 030 habitantes (Censos 2011), localizando-se na margem sul do Tejo e fazendo fronteira com o concelho do Seixal e Sesimbra. Este local é conhecido pela sua atratividade às épocas balneares, com um extenso areal de 13 km de praias.

A Cova do Vapor é um aglomerado urbano de génese clandestina localizado neste concelho, freguesia da Trafaria. Neste local dá-se a junção entre o rio e o oceano, na foz do rio Tejo. Uma das principais características deste local é a sua estupenda localização, de um lado, o rio Tejo e o oceano Atlântico e, do lado oposto, o ‘pulmão’ do concelho, a mata de São João.

A população residente na Cova do Vapor não ultrapassa os 190 habitantes (Censos 2011), registando um número menor sobre a população presente (178 habitantes).

COVA DO VAPOR

SEGUNDO TORRÃO



TRAFARIA

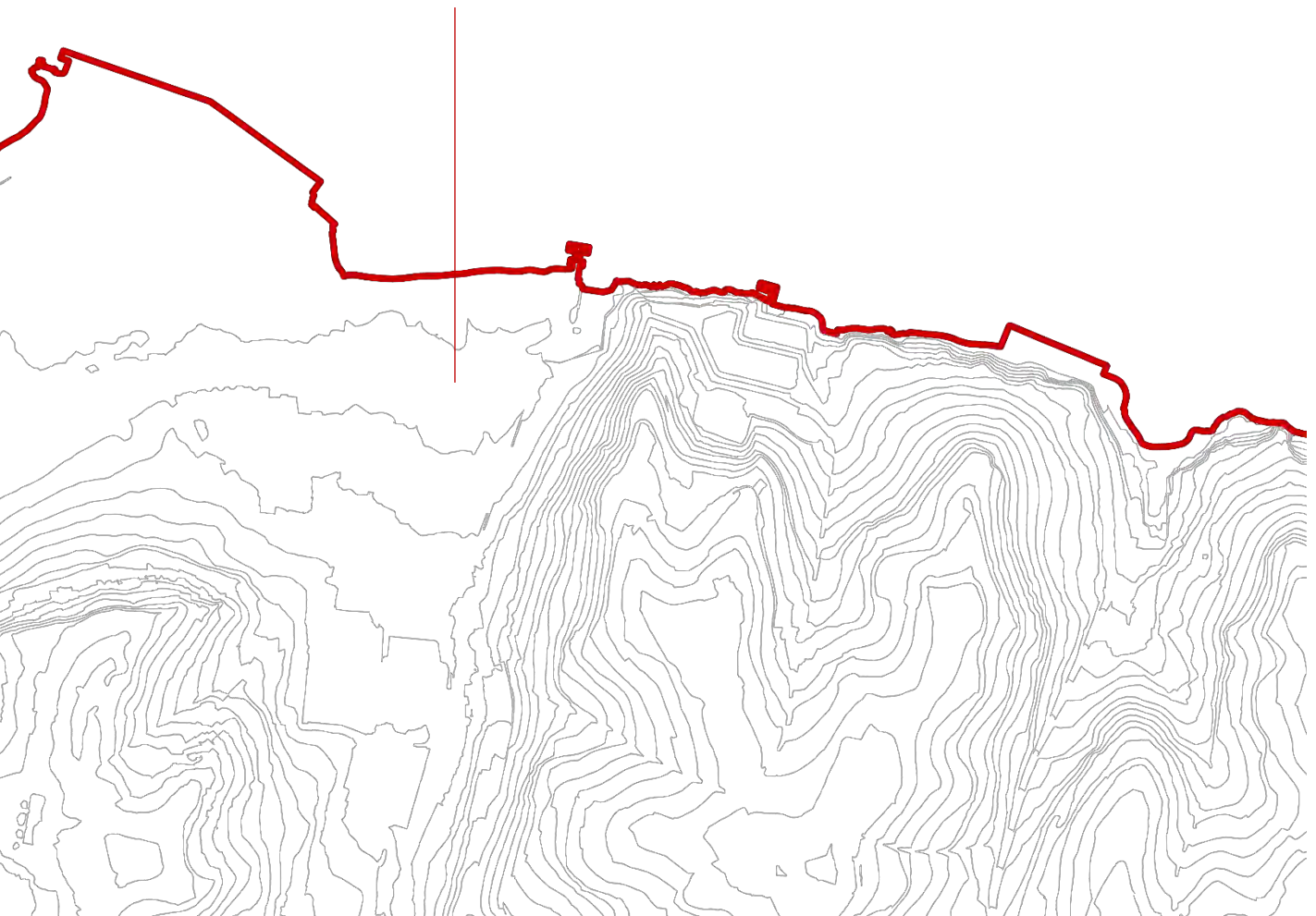




Figura 16 - Mapa do porto de Lisboa, Jacques Nicolas Bellin, 1756 fonte: Almada Virtual



Figura 15 - Mapa Plano hidrográfico do Porto de Lisboa e costa adjacente até ao cabo da Roca, Coronel Marino Miguel Franzini, 1806 a 1811

2.2 - Evolução Histórica:

2.2.1 – Margem sul do Tejo

O desenvolvimento dos primeiros núcleos urbanos no concelho de Almada teve como origem atividades ligadas à extensa frente marítima. Os primeiros núcleos de carácter definitivo apareceram no século XVIII com a fixação de pescadores. A Trafaria e a Costa de Caparica eram originalmente aglomerados de pescadores, que no ano de 1770 se estabeleceram vindos de Ílhavo e, mais tarde, do Algarve, nas suas próprias embarcações.

Até ao século XIX terá existido apenas edificado informal, pequenas cabanas ou habitações de estruturas em madeira, dispostas ao longo do areal. Nesse século surgiram neste local as primeiras urbanizações com arruamentos.

A utilização da Costa de Caparica como zona balnear ("Praia do Sol"), associado ao turismo só começou a acontecer nas primeiras décadas do século XX, o que levou à necessidade de soluções urbanísticas para a Costa de Caparica nos anos 30 e 40. Estas soluções seguem a lógica modernista, então em desenvolvimento, propondo soluções de renovação urbana para a Costa de Caparica (FERREIRA, 1991).

A primeira destas soluções é a proposta do arquiteto Cassiano Branco, referente ao projeto da Costa da Caparica (Praia Atlântico), no ano de 1930. Esta proposta surge como um estudo arrojado, com intenções modernistas, com o objetivo de promover o

**Figura 18 -
Pintura de
Carlos Ramirez,
Veleiros no Tejo
junto ao Bugio.
Fonte: arquivo
da CML**



**Figura 17 -
Pintura de
Thomas
Buttersworth, O
naufrágio do
Castelo HMS
Bombay na foz
do Tejo, Lisboa, a
21 de dezembro
de 1796. Fonte:
arquivo CML**



desenvolvimento da Costa de Caparica. No entanto, este estudo nunca viria a ser executado.

Em 1947 é apresentado a segunda solução de renovação urbana de Almada. É da autoria do arquiteto Faria da Costa, com parceria do arquiteto urbanista Etienne de Gröer. Estes desenvolvem o Plano de Urbanização do concelho de Almada e o Plano de urbanização da Costa da Caparica. Ao contrário da primeira solução, foi executado parcialmente e acabou por estruturar o crescimento da Costa de Caparica durante o século XX.

As décadas de 50 e 60 verificaram um forte processo de abandono das zonas rurais do país e concentração da população nos principais núcleos urbanos, normalmente localizados no litoral. As áreas metropolitanas de Lisboa e Porto assimilaram grande parte desta população. Assistiu-se também a um forte crescimento da emigração.

Em 1957 é construído a primeira estrutura de defesa costeira, o esporão da Cova do Vapor. Este foi construído com o intuito de deter o emagrecimento das praias. Em 1960 é inaugurado o comboio turístico Transpraia.

Em 1966, assinala-se a construção da ponte sobre o Tejo. Daí em diante, exponenciou-se o crescimento demográfico e por consequência o crescimento urbano de toda a Área Metropolitana de Lisboa (AML), nomeadamente da área da Costa da Caparica. Este acesso permitiu uma ocupação de edificado disperso nos territórios da margem Sul do Tejo.

**Figura 19 -
Vista aérea
sobre a foz do
tejo, 1953.
Fonte: Almada
Virtual**



A partir da década de 70 as transformações políticas e económicas conduziram a transformações territoriais com grande impacto. A 25 de Abril de 1974 o regime fascista cai, seguindo-se um instável período de transição para a democracia. O fim da guerra colonial e conseqüente processo de descolonização traduziu-se no regresso de centenas de milhares de retornados a Portugal.

Este território registou um aumento populacional muito forte, uma vez que para além dos *retornados* manteve-se a tendência de migração de população do mundo rural para as grandes metrópoles.

É na década de 90 que a cidade de Almada sofre um importante desenvolvimento ao nível das suas principais infraestruturas. Algumas dessas transformações incidiram sobre a ampliação das principais redes de abastecimento de água e saneamento, incluído as primeiras estações de tratamento de água, o investimento nas redes de transportes, a expansão da Faculdade de Ciência e Tecnologia, do Instituto Piaget e a entrada em funcionamento do Instituto Superior de Ciências da Saúde e da Escola Egas Moniz.

Uma das mais imponentes transformações deu-se no final desta década. Criou-se a conexão ferroviária sobre a ponte 25 de Abril, que veio a permitir uma maior mobilidade entre as margens norte e sul. Os anos 90 correspondem a uma acelerada transformação em todos os campos da vida local, individual e coletiva.

Em 2004 é proposto para Discussão pública os Planos de Pormenor do Projeto Costa Polis. E em 2007 é iniciado

Figura 20 - A Praia do Sol, as primitivas barracas dos pescadores, ed. Acção Bíblica/Casa da Bíblia, Localização: Lisboa Praia



Figura 21 - Recorte de Jornal de habitações de madeira na Lisboa Praia, 1930 Localização: Lisboa Praia



as obras do Projeto Polis na Costa de Caparica, terminadas em 2010, sem que todos os trabalhos estivessem sido concluídos.

Figura 24 - grupo de pessoas junto a uma casa na Cova do vapor, 1976. Fonte: Almada Virtual Localização: Cova do Vapor



Figura 23 - Recorte do jornal O século, destruição das habitações provocada pelo avanço do mar Localização: Cova do Vapor



Figura 22 - Recorte do jornal O século, destruição das habitações provocada pelo avanço do mar Localização: Cova do Vapor

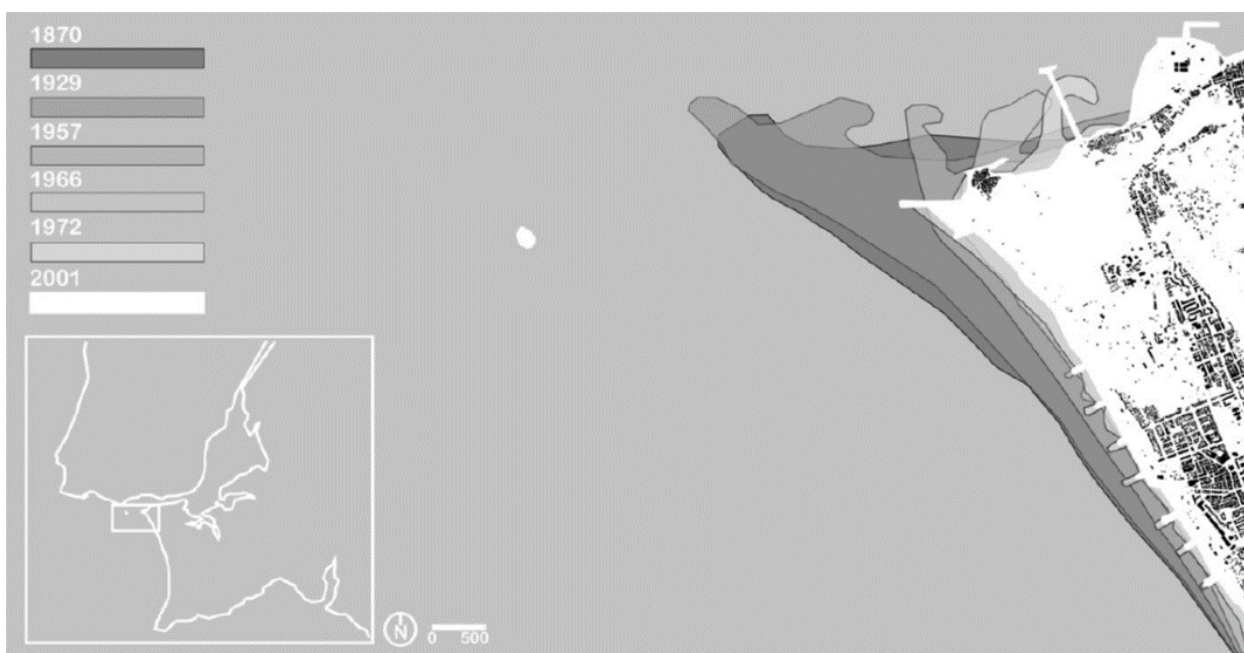


2.2.2 – Cova do Vapor

A apropriação do território onde está hoje a Cova do Vapor iniciou-se por volta de 1920, em que na altura esta povoação denominava-se como “Lisboa Praia”. A sua localização original situava-se 600m mais a norte, ao longo do areal do Bugio (Ribeiro, 2015).

Devido a dinâmica da linha costeira e à introdução de porões, este lugar deteve diversas consequências. Em cinquenta anos a cova do vapor foi *empurrada* mais de meia dúzia de vezes pelo mar, em direção à Mata de S. João. Os habitantes foram forçados a transportarem as suas habitações às costas, em cima de juntas de bois, recuando as suas habitações até chegar à sua localização atual. Algumas casas eram desmontadas e transportadas, outras eram deslocadas quase inteiras. O areal, que em marés vazias conectava a 'Lisboa Praia' ao Bugio foi “engolido” pelo mar.

Figura 25 - Evolução do Troço Trafaria – Costa de Caparica, Estruturação de áreas com valor Ambiental e Paisagístico na AML - Miguel Afonso Rocha (2011)



Na época de 1950, os terrenos em que a atual Cova do Vapor está hoje implantada, pertenciam ao engenheiro francês Combemale, também proprietário da Fábrica de Dinamite instalada na Trafaria a partir de 1873.

O proprietário cedeu grande parte dos seus terrenos, delimitando uma área para que o mesmo fosse ocupado pelas casas trazidas da antiga Lisboa-Praia, e pelas reconstruções das que terão sido destruídas no mesmo local (Ferreira, 2017).

Nunca enquadrado por um instrumento de planeamento territorial, originou um aglomerado informal, com uma população que se poderia classificar em dois grupos. Maioritariamente, indivíduos residentes na capital, que escolheram este local pela sua estupenda localização e autoconstruíram as suas habitações para fins de uma casa de fim-de-semana. Uma outra população, deste caso moradora, nascida neste mesmo local, de escassos rendimentos, predominantemente dedicada à atividade piscatória ou trabalhadora na capital do País.

Posteriormente este local foi denominado Cova do Vapor e “aldeia piscatória” pelos habitantes locais. A inexistência de controlo sobre este território permitiu o seu crescimento atingindo proporções que tornam politicamente impopulares qualquer solução que passe pela sua erradicação.

As construções em madeira, ao longo dos anos, foram transformadas em construções de alvenaria, sem prévia autorização. As casas foram aumentando de área, por vezes com construção de anexos. Cabia a cada habitante autoconstruir a sua habitação, sem qualquer planeamento global prévio. Consequentemente a descontrolada ocupação do solo provocou uma despreocupação pelo espaço público (Mateus, 2010).

2.3 – Instrumentos territoriais:

Como referido, vários planos foram executados no séc. XX. A primeira destas soluções é a proposta do arquiteto **Cassiano Branco**, no ano de 1930.

Esta proposta surge como um estudo, lançando intenções para o desenvolvimento da Costa de Caparica como Pólo de lazer e turismo, com um programa estabelecido. Nesta solução são propostas hotéis, casino e cineteatro, como equipamentos de lazer e cultura. Associados a estes equipamentos são propostos espaços de lazer, nomeadamente um campo desportivo e um canal, de complemento à praia.

A visão de Cassiano Branco para a Costa de Caparica implicava uma grande transformação física e funcional deste território, agregando à frente de praias um núcleo urbano virado para o lazer, composto por volumes arquitetónicos de grande impacto. Este estudo nunca viria a ser executado. Prevalecendo um cenário de cidade jardim, que pressupunha grandes investimentos na área do lazer e tempos livres, entendida como uma cidade de férias. Este foi um dos exemplos mais marcantes da época, demarcando a ousadia do projeto.

**Figura 26 -
Proposta para a
solução
urbanística para
a Costa de
Caparica.**

**Arquiteto:
Cassiano Branco**



Plano de Urbanização da Costa da Caparica

Arquiteto Faria da Costa

O Plano do arquiteto Faria da Costa é menos arrojado do que a proposta do arquiteto Cassiano Branco, talvez por constituir – se num instrumento territorial, um Plano de Urbanização que viria a ser parcialmente viabilizado.

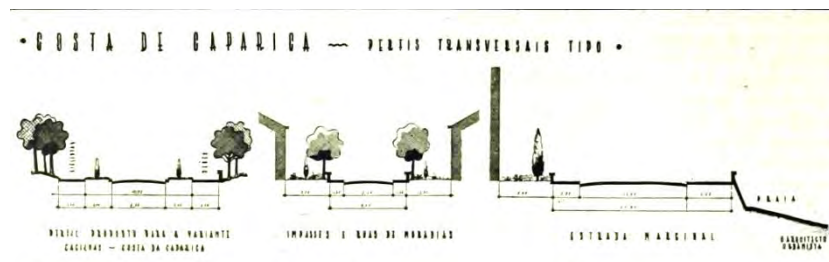
Nesta proposta é desenhado um núcleo urbano constituído essencialmente por habitação e edifícios públicos. A visão de núcleo urbano turístico e de lazer deste Plano afasta-se da visão de Cassiano Branco, para adotar um modelo de zona balnear de baixa densidade.

O Plano promove a implantação de habitação predominantemente unifamiliar, adotando uma versão modernista dos modelos de cidade-jardim. Esta habitação é maioritariamente de segunda residência, tornando a Costa de Caparica numa zona de segunda habitação, de casas de praia ou casas de férias.

Apesar de só ter sido executado parcialmente este Plano acabou por estruturar o crescimento da Costa de Caparica durante o século XX, sendo a base para o que é hoje o núcleo urbano consolidado da Costa de Caparica, pelo menos quanto à sua estrutura viária e rede de espaços públicos.

O plano de urbanização da Costa da Caparica está integrado no Plano Geral de Urbanização do Concelho de Almada, em que cuja elaboração deste plano teve também a autoria dos arquitetos urbanistas de Gröer e Faria da Costa.

**Figura 27 –
Proposta para
o Plano de
Urbanização
da Costa da
Caparica
Arquiteto
Faria da Costa**



**Figura 28 –
Proposta para
o Plano de
Urbanização
da Costa da
Caparica
Arquiteto
Faria da Costa**



Embora estes dois planos de diferentes escalas tenham características distintas, estão articulados entre si e constituem um todo que se complementa.

Faria da Costa considera no seu estudo prévio a Trafaria como uma zona de habitação operária e artesanal, onde a população flutuante é muito baixa. Na Costa da Caparica será, principalmente, uma zona de habitação e recreio da população flutuante, cabendo-lhe também a sua população fixa.

O arquiteto apresenta um esquema das grandes artérias, em que indica as estradas existentes, as melhoradas e as que se projeta e que virão a permitir á população desembarcada uma fácil circulação em toda a região.

Figura 30 - Plano de Pormenor da Frente Urbana sobre o Tejo, na Trafaria (1987) – Perfil e Perspetiva axonométrica
Arquiteto José Lamas

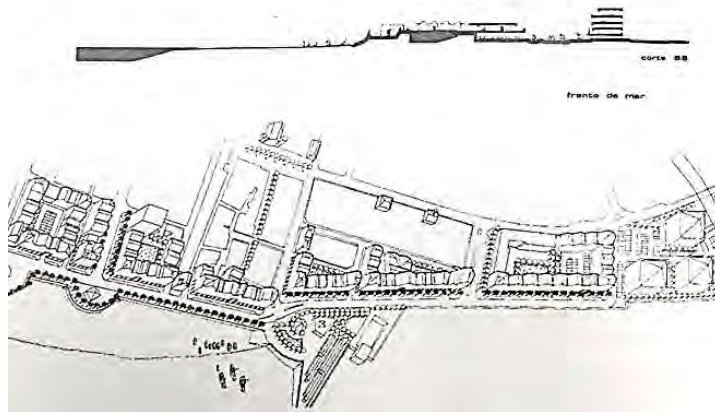


Figura 29 - Plano da Área da Trafaria-Costa da Caparica. Planta geral - Proposta Final - utilização do solo, 1980
Arquiteto José Lamas



Plano da Trafaria-Costa da Caparica

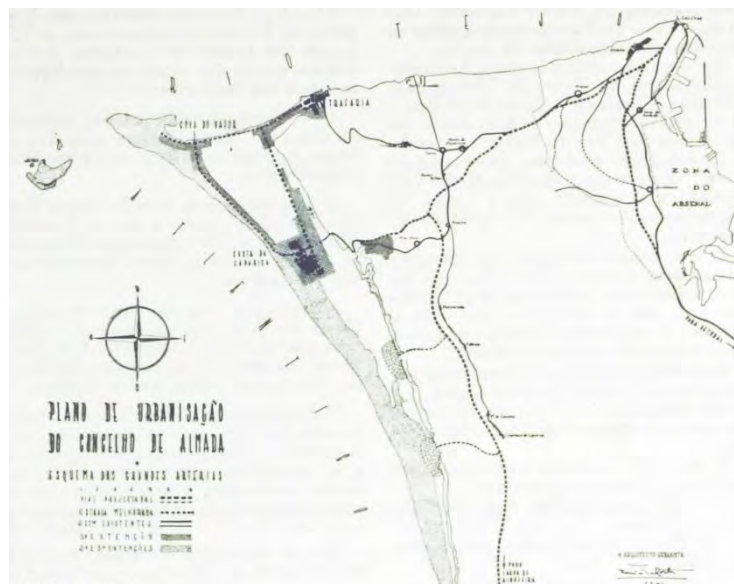
José Lamas e Carlos dos Santos Duarte

O plano da Trafaria-Costa da Caparica foi encomendado pela Câmara Municipal de Almada no ano de 1978 e concluído no ano de 1980, pela autoria, direção e coordenação do arquiteto José Lamas e Carlos dos Santos Duarte. Este plano, com uma escala de intervenção de 2000 hectares, obrigava a conter as indicações do desenho e remeter intenções para futuros planos de pormenor complementares.

O arquiteto procurou previamente encontrar referências para a forma territorial, nos limites rigorosos das áreas urbanas, nos traçados das vias, na definição de eixos e quadriculas desenhadas a partir de um estudo exaustivo do território existente, parte de uma paisagem de grande escala: a península de Setúbal e as extensas praias até ao cabo Espichel. Na extensa faixa que se designou por frente de mar e aproveitando o dique existente, propunha-se uma zona pedonal com equipamentos e serviços.

O modo como o plano viria a ser implementado pelo Município afastou os autores do acompanhamento. Apenas na zona da Trafaria se desenvolveu em pormenor uma proposta de frente urbana sobre o Tejo, na resolução da conflituosa contiguidade com o terminal cerealífero, permitindo uma pequena marginal à beira-Tejo, contemplando o sistema de vistas sobre Lisboa.

Figura 31 - Plano de Urbanização do concelho de Almada
Aquiteto Faria da Costa



Programa Polis, Costa da Caparica

O processo de democratização que Portugal viveu, no seguimento da mudança de regime sucedida a 25 de Abril de 1974 e a entrada de Portugal na União Europeia em 1986, trouxe relevantes transformações económicas e sociais que se refletiram no desenvolvimento urbano do país. Em finais do século XX a impressão que a generalidade da sociedade portuguesa tinha, era a de que esse desenvolvimento urbano tinha ocorrido de forma desorganizada, não planeada, produzindo aglomerados urbanos muitos em terrenos desfavoráveis.

Foi escolhido um conjunto de cidades no país para receber intervenções do Programa Polis. Na Área Metropolitana de Lisboa as intervenções polis escolhidas são de territórios considerados periféricos, num esforço de consolidação de uma rede metropolitana. É o caso da Costa de Caparica, cuja frente marítima se enquadra no tipo de áreas que o Programa Polis se propõe requalificar.

O Polis Costa de Caparica foi desenvolvido pelos anos é constituído por um Plano Estratégico e sete Planos de Pormenor, que operacionalizam as indicações estratégicas do Plano Estratégico. Cada Plano de Pormenor tem as suas características e o seu enquadramento, no entanto podem agrupar-se em três tipos de Planos: Planos de proteção e valorização da orla costeira, Planos de estabilização do núcleo urbano e um Plano de relocalização de funções.

Apenas dois dos sete planos de pormenor foram executados, ficando por concluir a maioria dos planos projetados. A conclusão desta intervenção permitiria resolver questões de estabilização do agregado urbano e proteção dos elementos naturais hoje em dia em processo de degradação e, com base no modelo territorial implementado, preparar as novas dinâmicas territoriais que a Caparica vai sofrer.



Figura 32 - Levantamento fotográfico 2017

2.4 - Caracterização Física e Social da Cova do Vapor:

A Cova do Vapor localiza-se no ponto mais a norte e a oeste da península de Setúbal. Possui apenas um acesso rodoviário que no interior da povoação bifurca em duas vias. São as duas únicas ruas viárias transitáveis por automóvel, originando um circuito em anel, apenas com um sentido de circulação. Todas as restantes vias são de circulação pedonal, sem qualquer organização nem planeamento, de aspeto labiríntico.

Está implantada em terrenos privados pertencentes à urbanizadora “Praia do Sol”, classificados no Plano Diretor Municipal com o uso de espaços naturais e culturais. O município de Almada não investe na Cova do Vapor, propondo a demolição do aglomerado com o realojamento da população residente, distribuído pela freguesia da Trafaria.

Fenómenos contínuos de erosão costeiros, provocados pelos movimentos das marés, fazem com que as areias depositadas artificialmente nas praias da Costa da Caparica, invadam as praias de São João e da Cova do Vapor, criando-se um ciclo que se repete todos os anos. O resultado desta operação de reposição de areias nas praias contiguas, foi o aparecimento de dunas de areia que aumentam de tamanho anualmente. Por vezes invadem a povoação. Nos dias de maior precipitação estas areias invadem a Cova do Vapor e entopem o sistema de escoamento de águas do local. Não escoando devidamente, formam-se inundações e cheias.



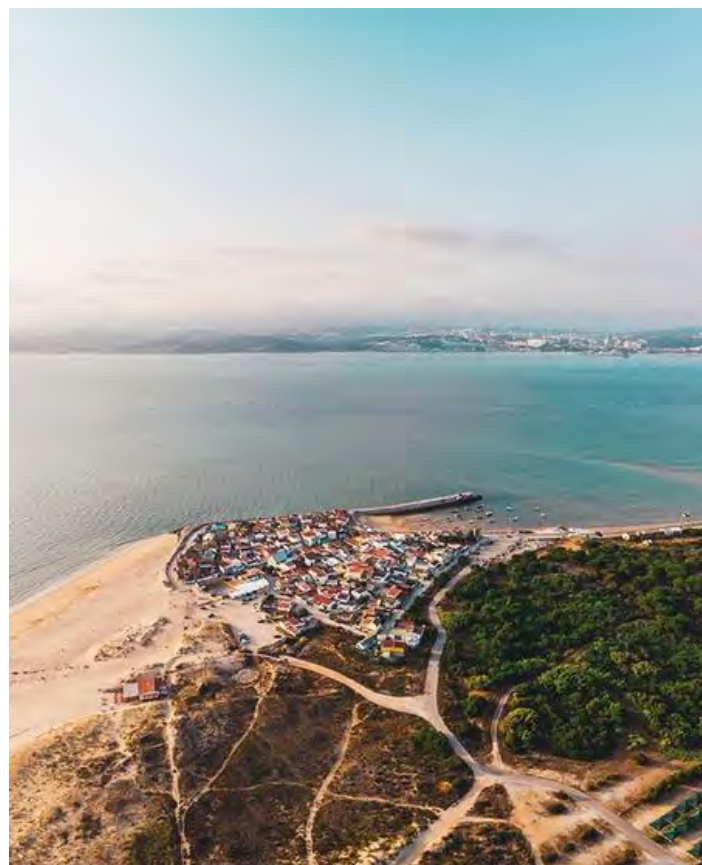
Figura 33 - Planta de Condicionantes, Almada. Elaborado pela autora

A forma urbana da Cova do Vapor traduz uma singularidade que poderá constituir um potencial para a sua requalificação. Um primeiro olhar, encontra uma densa ocupação com "ruas" muito estreitas e um desenho orgânico com uma baixa volumetria. Os limites de cada edificação resultaram da vontade de cada habitante. O espaço público é desvalorizado, sendo apenas o resultado as diversas construções.

Testemunho de uma recente moradora da Cova do Vapor:

Eu achava isto horroroso. Terras marginais, tudo sujo, lixo por todo o lado, um snobismo total. Tive uma adversão terrível e agora sinto uma tolerância aqui. Fruto de uma aprendizagem com as pessoas socialmente mais desfavorecidas, identifico-me com elas, não me separo (...). Eu própria vivo aqui agora, de uma maneira um pouco precária, mas muito real. (...) O inverno é muito duro. Vês sempre as mesmas pessoas na rua, o vento sopra, os mesmos encostados às paredes, as mesmas conversas, como está o mar, como está o vento, e ficam enrolados tipo gaivotas o dia inteiro.

**Figura 34 -
Fotografia aérea
da Cova do
Vapor, fotografia
de David Pires**



Atualmente existem cerca de 300 habitações distribuídas por uma área que não ultrapassa os 4,4 Ha. As habitações são geralmente de dois pisos, de construções precárias, em madeira ou em alvenaria, amontoadas umas em cima de outras, conectadas a anexos ou construções temporárias, sem regulamentação aplicada. Existe neste local um grande número de edifícios devolutos, devido à carência de regeneração da população (Mateus, 2010).

Os princípios do urbanismo são negados. A maioria destas ruas pedonais, que dão serventia de acesso às habitações, não tem uma dimensão maior que 60cm. Criam um tecido urbano irregular que não permite o acesso de emergência médica, por exemplo, uma maca para transporte de um doente. Não existe um plano que defina os princípios de reabilitação no local, o que será um projeto académico pioneiro, que procure respeitar as características arquitetónicas locais e potenciar a Cova do Vapor para atrair novas populações.



**Figura 35 -
Levantamento
Fotográfico da
Cova do Vapor,
2018.**

Os diminutivos vêm naturalmente à cabeça de quem entra na Cova. É tudo apertado, como se alguém – uma divindade marinha, sem dúvida – tivesse espremido do espaço público aquelas zonas de respiração que permitem o viver em sociedade e paz com os vizinhos. Há ali um gregarismo que não é dos prédios, em que tudo se ouve e tudo se sabe por trás de paredes de papelão.

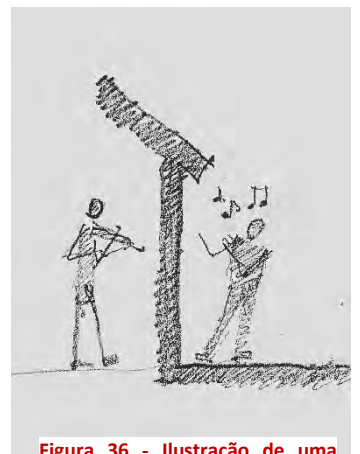


Figura 36 - Ilustração de uma parede de papelão.

GOMES. 2018, p.82

3º CAPÍTULO

Plano de Estrutura: A Cova do Vapor e a Margem Sul do Tejo

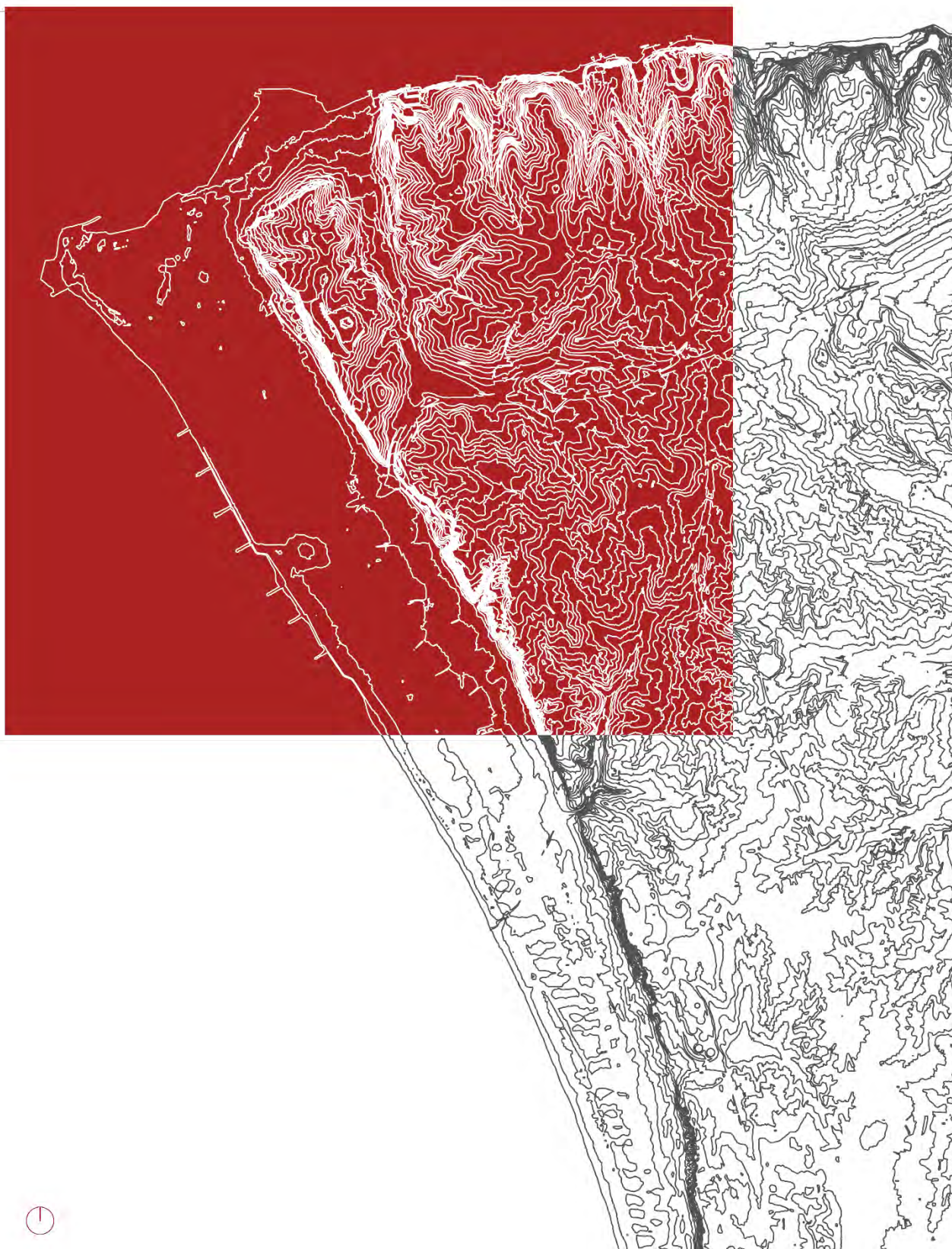


Figura 37 – Identificação da área de intervenção

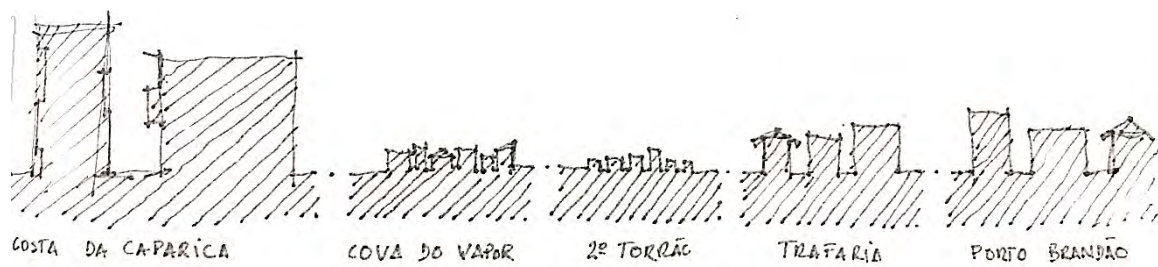


Figura 38 - Esquema: escala dos aglomerados urbanos em estudo.

3.1 - Estratégia Territorial e Urbana:

Almada e a Cova do Vapor

Este capítulo visa enquadrar um conjunto de soluções urbanísticas para os problemas identificados no local de estudo. Os conceitos estudados, transformação e reutilização, serão aplicados ao longo deste projeto.

A área de intervenção localiza-se na foz do rio Tejo, num triângulo definido por três vértices: Porto Brandão, Cova do Vapor, e a Costa da Caparica.

Esta área caracteriza-se por variados edifícios em estado de devoluto, de tecidos pós-industriais, com áreas obsoletas e complexos industriais. O território é demarcado pela sua orografia, com fortes declives, arriba fóssil, para os quais é necessário encontrar um conjunto de intervenções que enquadrem esta área com o restante contexto urbano.

Ao longo da frente ribeirinha existem diversos aglomerados urbanos, com escalas, características e géneses distintas. Devido à orografia do território e aos núcleos urbanos dispersos, será criado um sistema de percursos que conecte as localidades afetadas com importância estratégica para o plano².

Porto Brandão e a Trafaria são aglomerados urbanos próximos que se relacionam pelas suas características muito singulares. Ambas estão localizadas no fundo de vales encaixados, junto a linhas de água³, porém estão interrompidos por um promontório⁴.

² Plano de estratégia Territorial e Urbana

³ Linhas de água: Aparecimento de água seguindo uma linha em uma superfície de solo.

⁴ Cabo formado por uma elevada montanha.

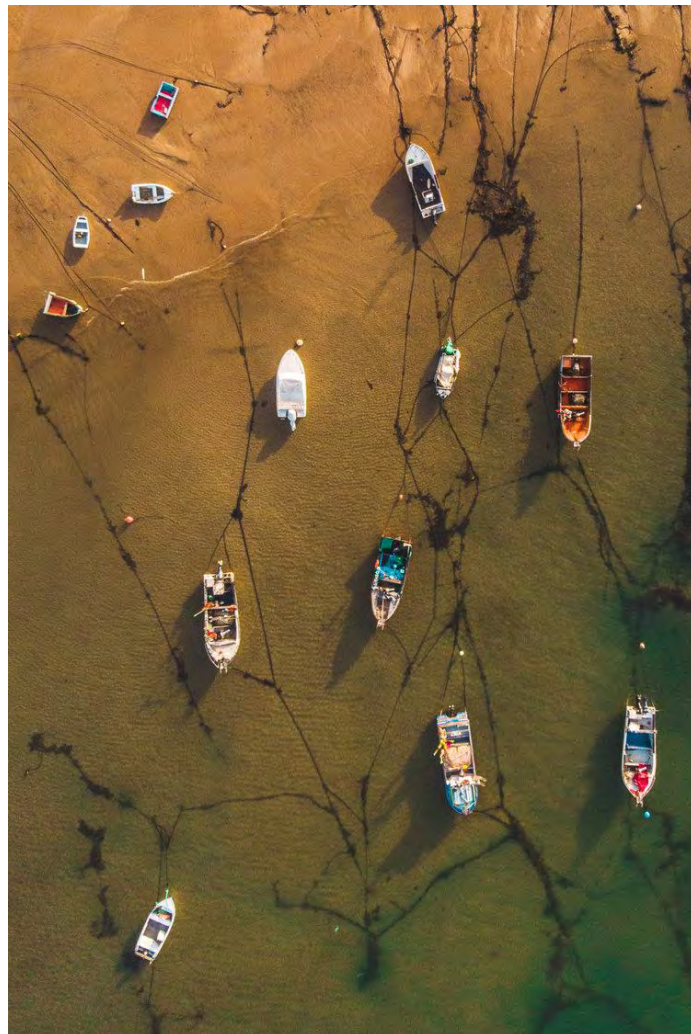
**Figura 39 -
Fotografia aérea
da Cova do
Vapor, fonte:
Fotografia de
David Pires**





**Figura 40 -
Fotografia aérea
do Segundo
Torrão, fonte:
Fotografia de
David Pires**

**Figura 41 -
Fotografia aérea
sobre a praia da
Cova do Vapor,
Fotografia de
David Pires**



Ambas têm fortes ligações piscatórias e estações fluviais que as conectam à capital. Os tecidos urbanos organizam-se por uma malha ortogonal, com edifícios de dois a três pisos.

Segundo Torrão e a Cova do Vapor relacionam-se pela sua génese ilegal e dimensão menor que os anteriores. Caracterizam-se por serem aglomerados constituídos predominantemente por vielas estreitas (pedonais), e por habitações frágeis e precárias, geralmente de um e dois pisos, com carência urgente de intervenção. O tecido urbano desenvolve-se de uma forma caótica sem qualquer planeamento aplicado, derivado da falta de controlo municipal.

Por último, a Costa da Caparica, com uma escala francamente maior que as restantes. Localiza-se junto a infraestruturas viárias, equipamentos e serviços. É conhecida pelos extensos areais ao longo das praias embora, nos últimos anos tem sofrido uma forte erosão das suas dunas, avanço das águas do mar, destruição dos pontões... Estas transformações da orla costeira são consequência das alterações climáticas, provocando alterações no sistema dunar, ao qual este trabalho procura dar um contributo para a sua regeneração.

**Figura 42 -
Fotografia aérea
sobre a praia da
Cova do Vapor,
Fotografia de
David Pires**



Ao longo da linha costeira estão identificados terrenos pertencentes a entidades públicas e privadas (representado a bege na figura 26), como a NATO⁵, ETAR⁶, Terminal OZ energia⁷, SILOPOR⁸ entre outros. Devido às servidões de proteção existentes, o desenho do percurso teve um especial cuidado para que o mesmo não interfira com essas servidões.

Neste sentido, o percurso foi entendido como estratégia de projeto para conectar as referidas povoações, ajustado ao território e destina-se a públicos alvos diferentes. Está dividido em três ambientes de onde resultam os seguintes troços:

- A:** Porto Brandão – Trafaria
- B:** Trafaria – **Cova do Vapor**
- C:** **Cova do Vapor** – Costa da Caparica

PERCORRER + PARAR

⁵ NATO: Organização do Tratado do Atlântico Norte, por vezes chamada Aliança Atlântica.

⁶ ETAR: Estação de tratamento de águas residuais.

⁷ Terminal OZ energia: Terminal privado para a importação e armazenamento de GPL, combustíveis e lubrificantes.

⁸ SILOPOR: Silos e Terminal portuário da Trafaria



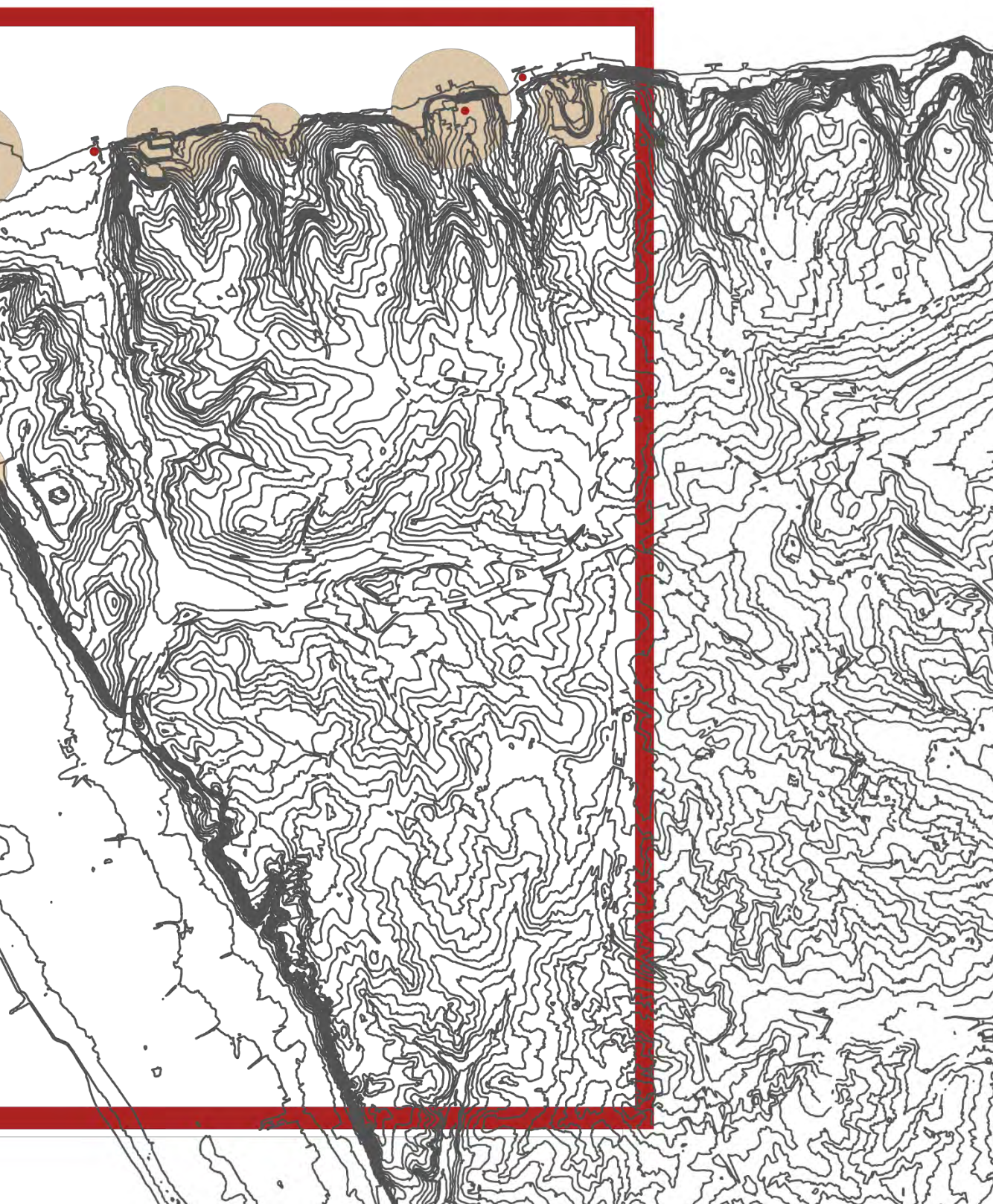


Figura 43 - Planta de servidões e pontos de interesse.

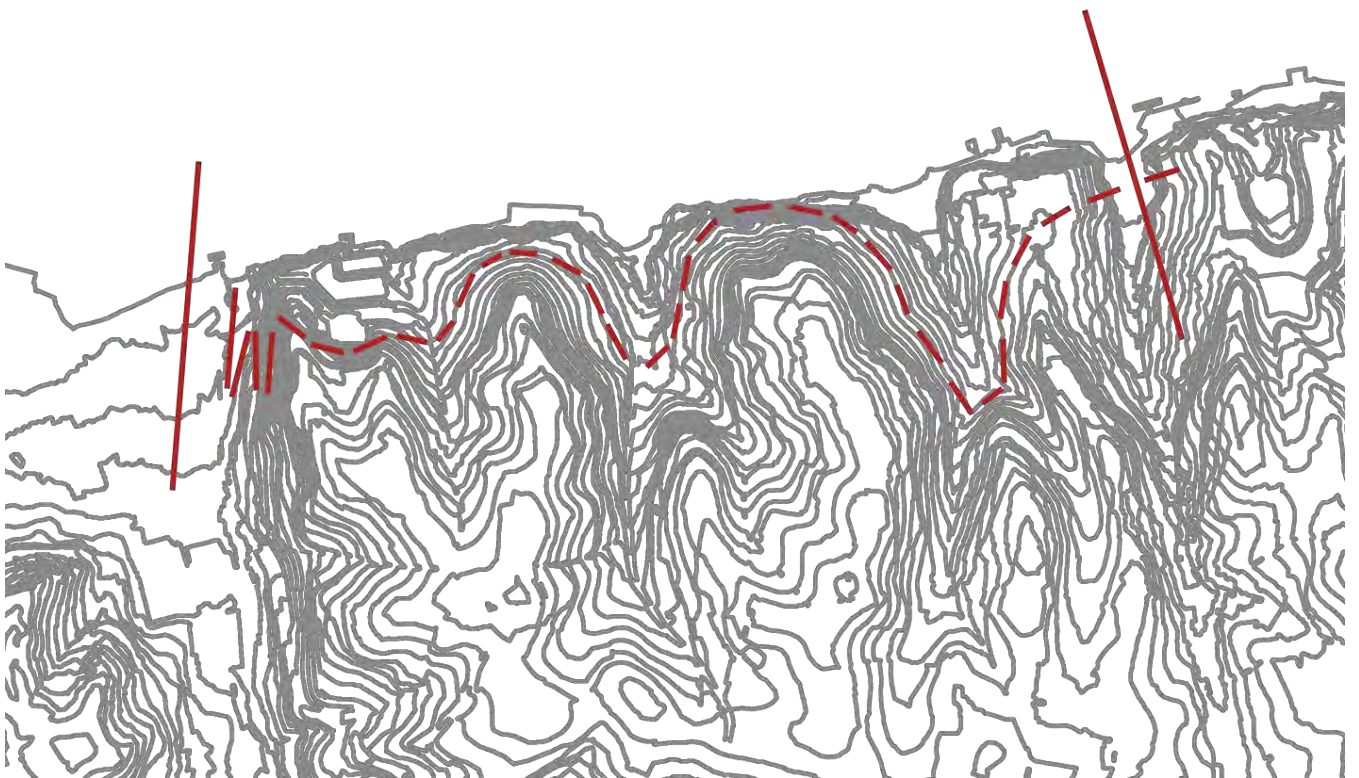


Figura 44 - Troço A | Delimitação do percurso | Fonte: a Autora

A

Porto Brandão – Trafaria

Nos últimos 10 anos foram realizadas intervenções contemporâneas que visam valorizar e proteger a natureza. São percursos, alguns com desníveis acentuados, que não se destinam às populações locais. Possuem áreas de influência que vão muito para além do local onde se inserem, possibilitando aos utentes uma ligação aos ecossistemas locais em espaços públicos. Permitem a criação de infraestruturas dirigidas a públicos específicos, com características e objetivos que num passado recente não faziam sentido.

Um projeto de referência exemplo disso, são os passadiços de Paiva, do atelier Trimetrica. Situado no concelho de Arouca, este foi um dos projetos pioneiros em Portugal que atraiu no último ano uma média de 2 mil pessoas de várias partes do mundo. O percurso é delimitado por um passadiço de madeira, suspenso, com uma extensão de 8.7km, construído ao longo do rio Paiva e vence um desnível entre os pontos mais baixo e mais alto, de 600m. Este projeto tem como principal intenção a valorização da natureza e do seu sistema de vistas. Um espaço a percorrer e parar que cria a possibilidade de transições de paisagens.



Figura 45- Passadiços de Paiva – Atelier: Trimetrica



Figura 46- Passadiços de Paiva – Atelier: Trimetrica

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/787290/passadicos-do-paiva-trimetrica?ad_medium=gallery

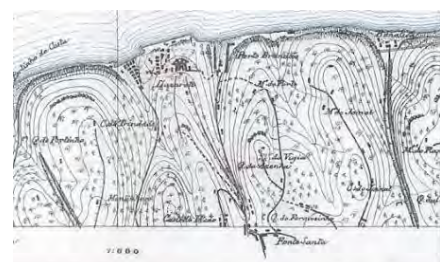
O troço **Porto Brandão – Trafaria** é um percurso pedonal que visa valorizar e proteger a natureza, conectando duas povoações desagregadas. Insere-se num **ambiente natural** e de contemplação, proporcionando paisagens sobre o rio e a sua margem norte (Lisboa), oferecendo um contacto direto com a natureza e uma experiência sensorial.

Este troço destina-se preferencialmente a um público específico. Com desníveis nos pontos de partida e chegada, desenvolve-se ao longo das curvas de nível, evitando desníveis acentuados ao longo do caminho.

São utilizados para a sua construção materiais naturais, sendo o passadiço em madeira, para que tenha um reduzido impacto ambiental. Terá uma altitude máxima de 100 m numa extensão de 3,3 km em passadiço.

Ao longo do passadiço dispõem-se zonas de estadia e contemplação, algumas integradas em locais qualificados como a Torre de São Sebastião da Caparica, outros apropriam-se de estruturas devolutas como o Lazareto⁹ Novo (figura 29), em Porto Brandão.

Figura 47 - Mapa da zona do Lazareto da Torre Velha, no Porto Brandão, 1904



⁹ Edifício próprio para as quarentenas, isolado e destinado a receber e a desinfetar as pessoas e os objetos provenientes de lugares onde reine uma doença epidémica ou contagiosa.



Figura 49 - Troço B | Delimitação do percurso

B Trafaria – Cova do Vapor

O troço Trafaria – Cova do Vapor é um percurso misto¹⁰, em **ambiente urbano**, que conecta os núcleos urbanos Trafaria, 2º Torrão e Cova do Vapor. Apesar de existir uma proximidade entre estes aglomerados, não existe uma ligação pedonal direta entre eles, o que origina um isolamento destas povoações. Os casos mais críticos são o 2º Torrão e a Cova do Vapor.

Este percurso insere-se num ambiente urbano, a uma baixa altitude, desenvolvendo-se ao longo da frente ribeirinha, com alguns pontos de estadia (praças, miradouros) localizados no interior das povoações referidas. Esses pontos estão suportados por equipamentos como, um porto de abrigo na Trafaria, um parque de merendeiras, um parque infantil e um campo de futebol, situados no Segundo Torrão. Ao longo do percurso existem zonas sombreadas de contemplação.

O percurso termina na Cova do Vapor, local esse onde será desenvolvida uma intervenção mais detalhada.

¹⁰ Percurso pedonal e ciclável

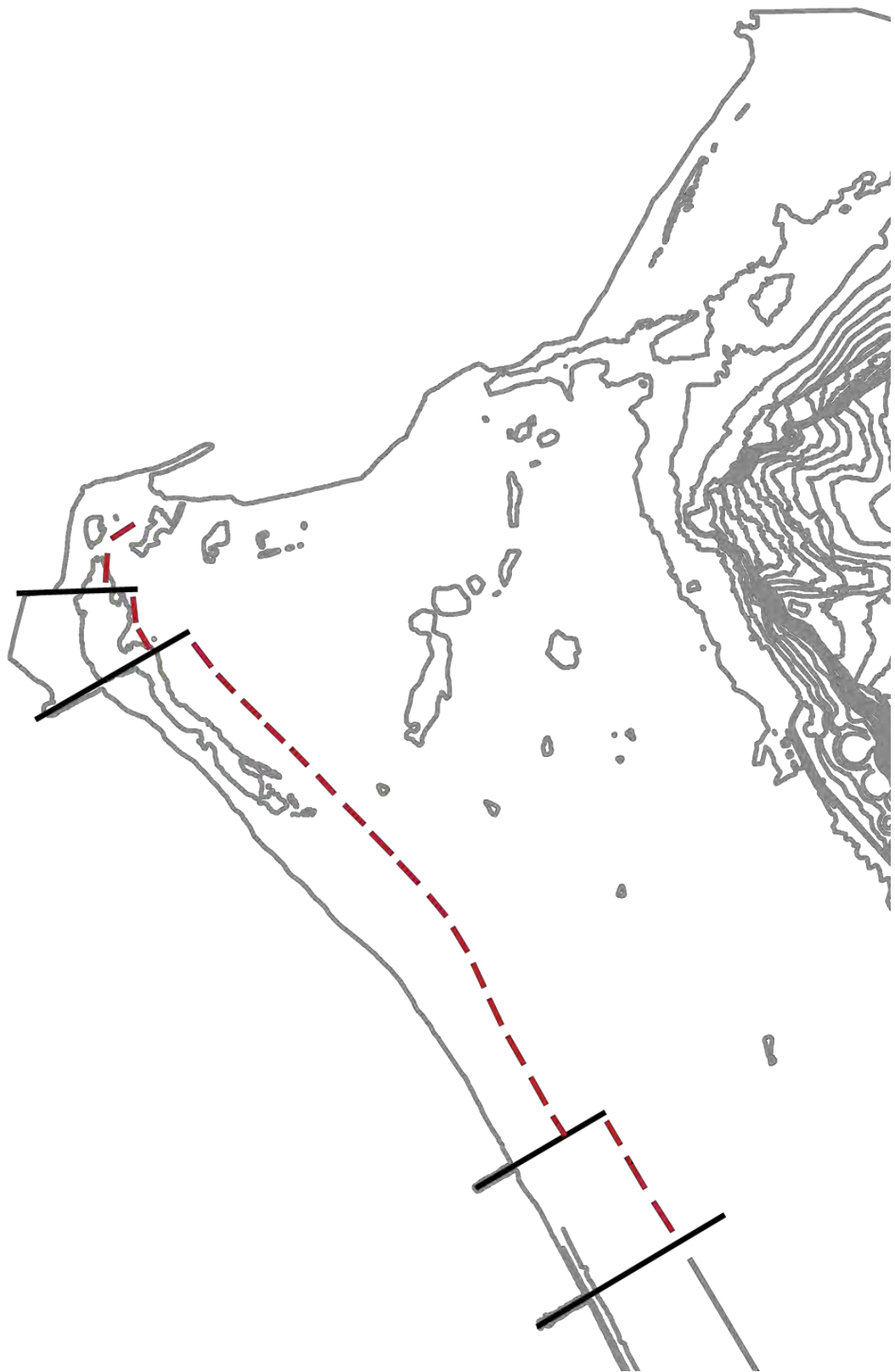


Figura 50 - Troço C - Percurso marginal de ambiente dunar

Cova do Vapor – Costa da Caparica

O troço Cova do Vapor – Costa da Caparica tem um **ambiente dunar**, ao longo da linha costeira integrando o percurso existente que serve as praias da Costa da Caparica.

Como foi referido, a costa Atlântica a sul da foz do Tejo sofre os efeitos violentos de marés e ventos, que se caracterizam por uma dinâmica da linha costeira, provocando um emagrecimento de praias e um frágil sistema dunar. Os casos mais críticos são as praias entre a Costa da Caparica e a Cova do Vapor, onde se insere este troço do percurso.

As dunas são sistemas instáveis. Quando uma duna é continuamente pisada a ponto de desaparecer, consequência numa destruição total da vegetação em grandes áreas, transforma-se uma duna fixa numa duna móvel, sendo assim os processos de novo dominados pela presença da areia e do vento e da relação entre eles e as estruturas ocorrentes na duna. O desfecho deste encontro de fatores traduz-se quase sempre na destruição da duna, com riscos de recuo da linha de costa significativos.

Devido à indefinição dos acessos às praias e à implantação de estruturas (como bares de praia) assentes diretamente na areia, neste território não existe uma fixação das dunas.

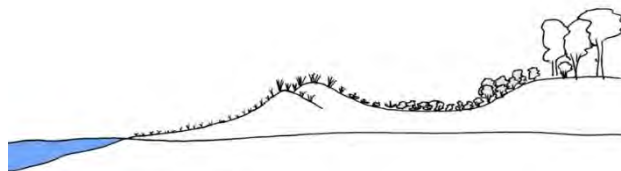
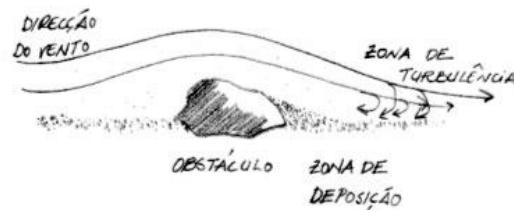
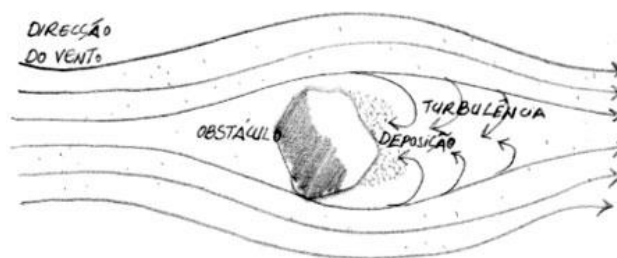


Figura 52- Criação de uma duna.

Figura 51 - Sistema dunar

A estratégia passa pela recuperação do sistema dunar. Repor estruturas de vegetação pioneira, linhas de canas enterradas, que constituem os *obstáculos*, à volta dos quais a duna começa a gerar-se (por ação das canas) e a fixar-se (por ação das plantas).

É necessário retirar as estruturas edificadas diretamente sobre a areia, bem como criar acessos aéreos, assentes em estruturas com apoios pontuais na duna e com materiais naturais (passadiço sobrelevados e estrutura em madeira).

Este percurso sobre as dunas, além da ligação entre a Cova do Vapor com a Costa da Caparica e o parque de estacionamento junto à mata de São João, estabelece os acessos às praias. A altura deste passadiço irá variar consoante o sistema dunar (esquema da figura 49).

O desenho do percurso é marcado pelos quatro pontões existentes. Quando existe uma interceção de um pontão (representado a preto na figura 32) com o percurso (representado a encarnado na figura 32), esse encontro será demarcado com um ponto de estadia. Esses espaços resultam numa estrutura de apoio balnear, espaço de observação e lazer.

Figura 53 - Esquema da presença do passadiço no sistema dunar.



4º CAPÍTULO

Plano de Detalhe: Desenhar os
Limites da Cova do Vapor

4.1 – Cenários de Projeto

Devido à complexidade do território, foi necessária uma abordagem ponderada e bem avaliada na realização do PFM¹¹. Assim, foram previamente definidos cenários com intervenções distintas, para que a mesma avaliação seja o mais abrangente.

Cada cenário tem um conjunto de intenções, reais e aplicáveis ao Projeto, de características, valores, géneses distintas. Cada panorama tem vantagens e desvantagens, que serão seguidamente avaliadas.

¹¹ Projeto Final de Mestrado

Figura 54 - 1º Cenário

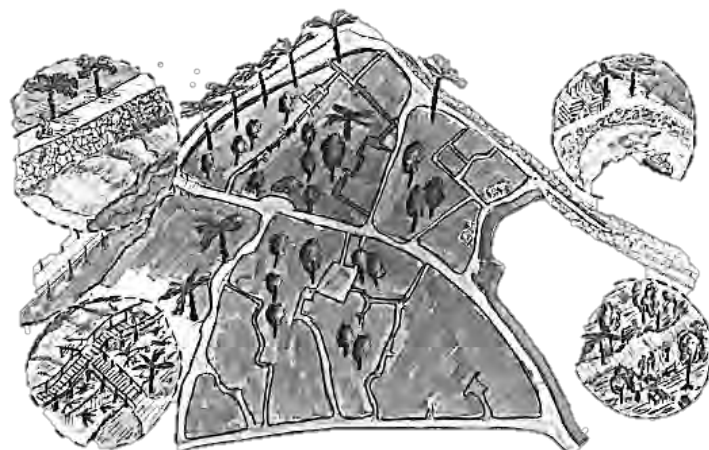
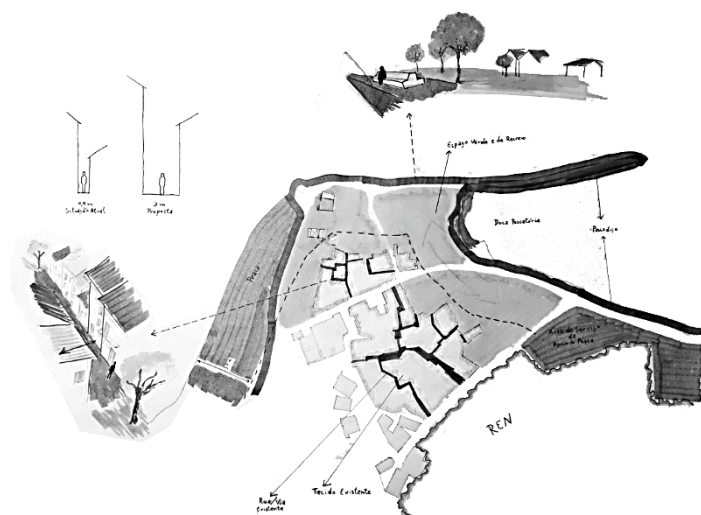


Figura 55 - 2º Cenário



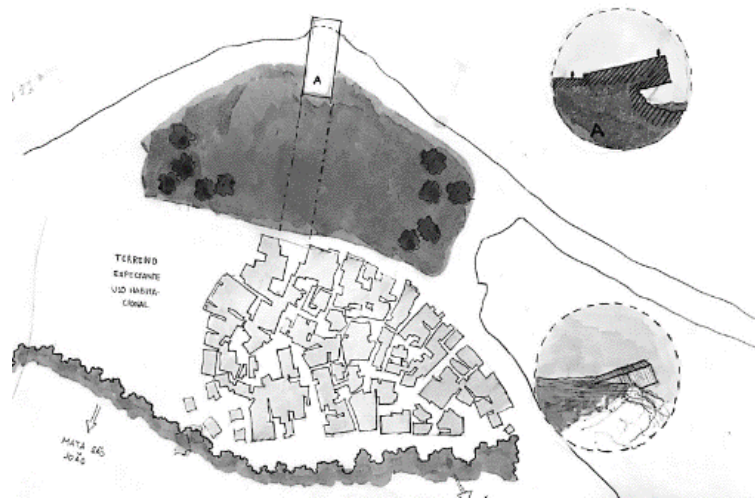
1º CENÁRIO – SEGUIR AS INTENÇÕES DO PLANO DIRETOR MUNICIPAL:

- Demolição Total da Cova do Vapor;
- Realojamento distribuído ao longo da freguesia da Trafaria;
- Expansão controlada da Mata de São João para a localização da Cova do Vapor;
- Criação de estruturas de apoio balnear;
- Promover a pesca local, criando um porto de abrigo, mercados, etc;

2º CENÁRIO – RECONSTRUÇÃO TOTAL DA COVA DO VAPOR:

- Demolição total da Cova do Vapor;
- Reconstrução da Cova do Vapor com os princípios de preservação da memória do local;
- Realojamento distribuído no mesmo local;
- Garantir as condições necessárias de mobilidade
- Promover a pesca local, criando porto de abrigo, mercados, etc;
- Recuo do limite de intervenção devido aos elevados riscos de erosão (orla costeira – regra dos 50m de distância entre a linha de costa e a primeira linha de edificado);
- Criação de barreiras, estruturas de defesa costeira, para impedir a invasão das areias no local;

**Figura 56 - 3º
Cenário**



**Figura 57 - 3º
Cenário**



3º CENÁRIO – DEMOLIÇÃO DO LADO NORTE E REABILITAÇÃO DOS EDIFÍCIOS RESTANTES:

- Demolição do lado norte da Cova do Vapor;
- Realojamento distribuído no mesmo local;
- Reabilitação do lado sul;
- Criação de um edifício singular no lado norte (um possível observatório);
- Terreno expectante para uso habitacional;
- Implantação de um grande elemento verde para criar uma forte ligação entre a Cova do Vapor e a mata de São João;
- Criação de barreiras, estruturas de defesa costeira, para impedir a invasão das areias no local;

4º CENÁRIO – REABILITAÇÃO E RESTRUTURAÇÃO DA COVA DO VAPOR:

- Demolições cirúrgicas dando um novo uso, priorizando o espaço público;
- Reabilitação dos restantes edifícios implantados na Cova do Vapor
- Garantir boas condições de habitabilidade que respeitem a legislação em vigor;
- Implementar arruamentos de dimensões adequadas que garantem uma boa mobilidade em situações de emergência;
- Criação de barreiras, estruturas de defesa costeira, para impedir a invasão das areias no local;

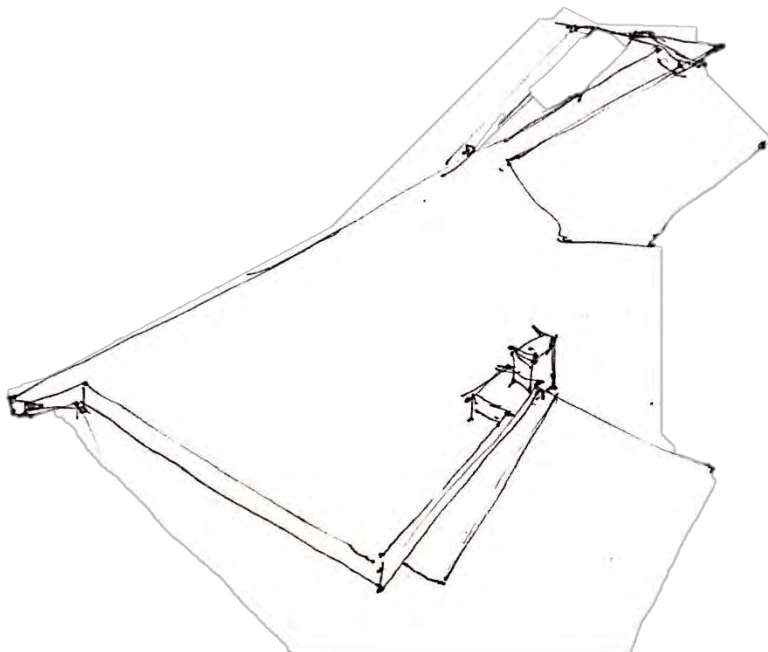


Figura 58 - Esboço do projeto

4.2 - Plano de Detalhe

Num primeiro momento ensaiaram-se cenários possíveis de intervenção que decorrem de uma análise detalhada de cada uma das soluções, analise essa que incide nas vertentes social, política, económica, ambiental, conceitos e correntes urbanísticas.

O **primeiro cenário** enquadra os princípios da última revisão do PDM¹². Insere-se num panorama *radical*, procedendo à demolição do bairro e dessa forma da memória da Cova do Vapor.

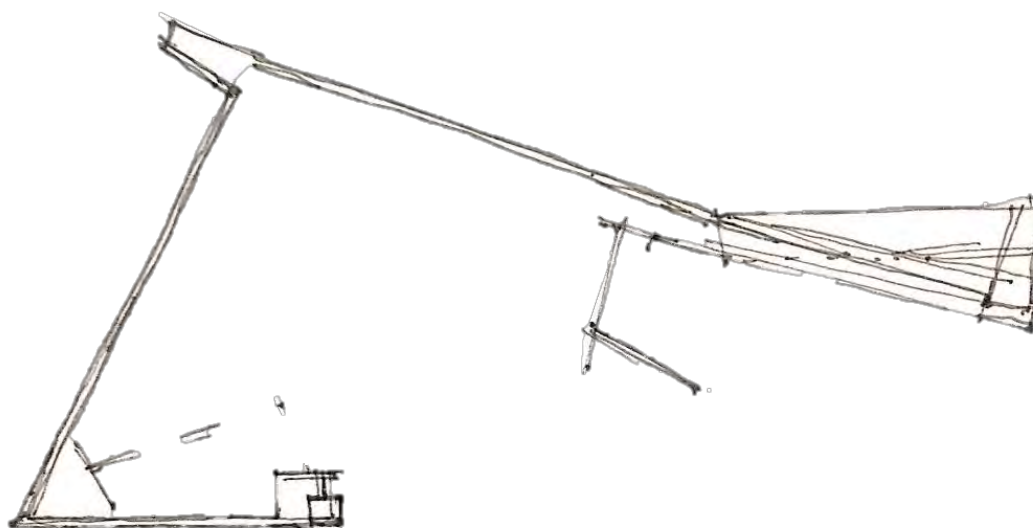
Esta solução, devolveria este território ao seu estado natural. Seriam criadas condições para tornar este território sustentável, prolongando a Mata de São João até às dunas, conservando os pontões existentes, preservando o traçado das vias existentes transformando-os em trilhos de acesso local, e a criação de um espaço lazer e contemplação, com estruturas de apoio balnear.

Uma solução que aparentemente é simples, mas devido aos condicionalismos e prazos legais até concretizar a intenção, invariavelmente demora anos ou mesmo décadas. São exemplo os núcleos urbanos de génese ilegal da Ria Formosa, no Algarve, onde ainda não se conseguiu concluir o processo iniciado à mais de uma década. É uma solução impopular, as populações locais não aderem nem compreendem. Por outro lado, a população residente, embora escassa, é de fracos recursos económicos e possui aqui o seu única habitação.

O **segundo cenário** segue princípios distintos. Devido às más condições de habitabilidade da Cova do Vapor, a proposta incide pela demolição e reconstrução de todos os edifícios, no mesmo local.

¹² Plano Diretor Municipal de Almada

Figura 59 –
Ensaio sobre a
definição do
limite da Cova
do Vapor.



A reconstrução do bairro respeitará os princípios estabelecidos no POOC¹³, sendo que a sua nova implantação estará situada cinquenta metros a sul da localização atual (dimensão da orla costeira¹⁴). O desafio deste cenário passa por conservar a memória do local, num lugar com uma diferente localização, com novos arruamentos, orografia, edifícios, espaços. Esta intervenção peca pelo custo financeiro associado à reconstrução do aglomerado urbano.

No **terceiro cenário**, introduz-se outra vertente já referida: a reabilitação. O núcleo urbano situado a sul da Cova do Vapor (representado nas figuras 39 e 40), será totalmente reabilitado, por estar situado numa zona mais recente e menos densificada. A intervenção incide somente neste núcleo porque o restante edificado situa-se numa zona mais exposta e implantada na faixa da orla costeira.

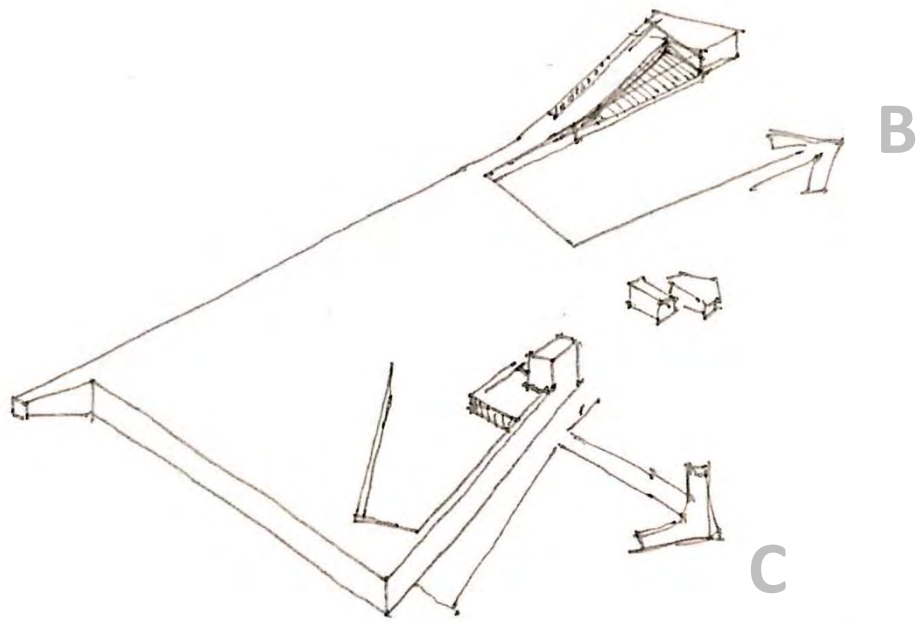
O restante edificado, situado a norte, será totalmente demolido, devido à exposição do território às catástrofes naturais. O realojamento será distribuído pela nova construção implantada a sul do edificado reabilitado. Assim, haverá um recuo significativo da Cova do Vapor. Esta proposta peca pela perda de identidade do território e pelo custo instituído no edificado construído.

O **quarto cenário** adequa-se aos princípios e valores previamente estabelecidos. Visa em reabilitar inteiramente o edificado existente, mantendo a memória e todos os seus pormenores singulares que caracteriza a identidade do lugar. É um cenário que só será possível, se for enquadrado por um instrumento territorial, de maneira a que exista um processo de legalização. Haverá uma transformação controlada do núcleo urbano, de maneira a garantir condições de habitabilidade, arruamentos com dimensões adequadas, espaço público

¹³ Plano de Ordenamento da Orla Costeira

¹⁴ Consiste numa zona de transição entre o domínio público e o domínio marítimo. É uma faixa complexa, dinâmica, mutável e sujeita a vários processos geológicos.

qualificado agregado a um conjunto de equipamentos e serviços.



**Figura 60 -
Perspetiva
esquemática do
projeto.**

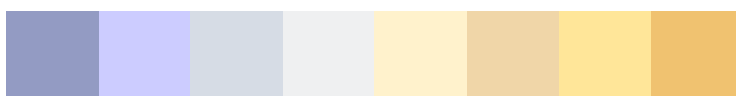
B – Troço B: Trafaria – Cova do Vapor

**C – Troço C: Cova do Vapor – Costa
da Caparica**

**Figura 62 –
Esquiço: entre
espaços,
elaborado pela
autora.**



**Figura 61 -
Esquema de
cores do Plano
de Pormenor**



Após uma comparação dos cenários apresentados, naturalmente optou-se pelo quarto cenário. Este apresenta valores, princípios, e potencialidades que se adequam a um ambiente académico, mas também a uma realidade muito presente, a reabilitação do edificado.

A Cova do Vapor está inserida em terrenos privados pertencentes à urbanizadora *praia sol*. Sendo a Câmara Municipal de Almada a entidade reguladora na concretização deste projeto, o primeiro passo passaria pela mudança dos terrenos para o nome do Município. Para a expropriação destes terrenos é necessário que os mesmos sejam enquadrados por um Plano de Pormenor.

O Plano de Pormenor integra uma vertente regulamentar, que será aplicado na legalização e reabilitação dos edifícios existentes. O edificado, atualmente desqualificado, irá sofrer uma transformação controlada pelo regulamento do PP.

A legalização e reabilitação do edificado ficará ao encargo do morador residente. Atualmente estes moradores não são proprietários das suas casas, assim, será lhes oferecido¹⁵ o imóvel onde atualmente vivem, com a condição de num prazo de 15 anos, esse imóvel ser legalizado e reabilitado. Ao longo desse período, o município irá oferecer incentivos fiscais, como a isenção de IMI¹⁶.

¹⁵ A propriedade que será expropriada pela CMA, passará a ser deixada ao cuidado do morador atual do imóvel, sem um custo aplicado.

¹⁶ Imposto Municipal sobre imóveis



Figura 63 -
Maquete Final - O
edificado da Cova
do Vapor | 1/200

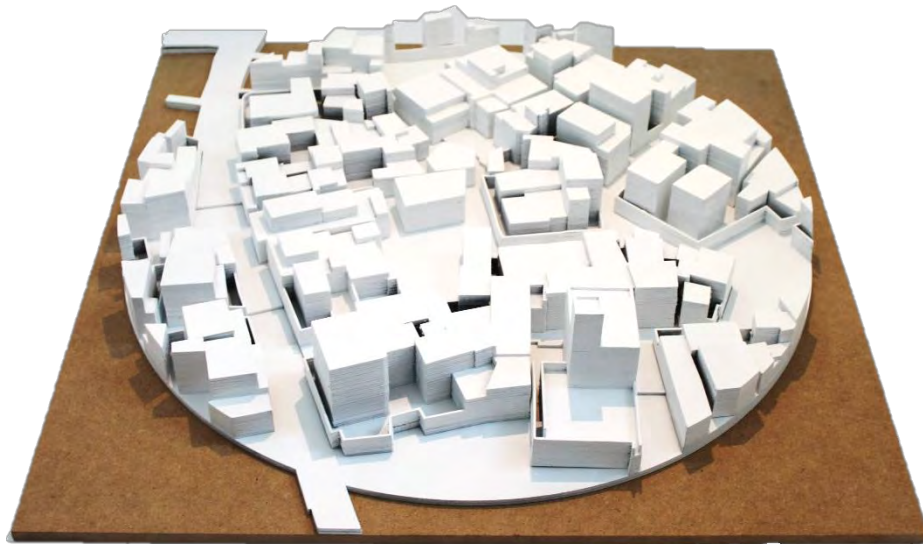




Figura 64 - Maquete Final - O edificado da Cova do Vapor | 1/200

**Figura 65 -
Castelo de
Monsaraz,
Alentejo. Fonte:
Visita Alentejo
(<https://www.visitalentejo.pt/pt/catalogo/o-que-fazer/museus-e-locais-a-visitar/castelo-de-monsaraz/>)**



O regulamento estabelece um conjunto de regras e limites. No edificado, estipulou-se um limite de dois pisos por edifício, com materialidades de acabamento em madeira e uma paleta de cores pastel, associadas às origens piscatórias. O azul da água do mar, e o castanho dos barcos de pesca em madeira (esquema da figura 54). Existirá uma proibição de alguns materiais, como a chapa de amianto.

O espaço público ficará ao encargo da Câmara Municipal de Almada. O programa é definido por uma estrutura de defesa costeira, uma praça central, um miradouro e um conjunto de serviços, equipamentos e comércio distribuídos pela Cova do Vapor.

Como elemento de defesa costeira é criada uma barreira que impede o avanço das águas do mar, comportando-se como uma muralha de uma fortificação, que o protege dos invasores. Como o caso do castelo de Monsaraz, no distrito de Évora, uma vila histórica que se situa no interior de uma muralha (figura 54).

Esta defesa costeira situa-se no limite norte da Cova do Vapor, Nasce no areal, define um percurso que nos conduz a uma pequena capela, a um restaurante panorâmico, a um miradouro, terminando no porto de abrigo.

O desenho deste elemento é composto por formas puras, linhas retas que quando se intercetam geram momentos singulares, como o miradouro e o restaurante. Estas linhas foram desenhadas sob a orientação dos alinhamentos existentes, sem alteração significativa da linha costeira.

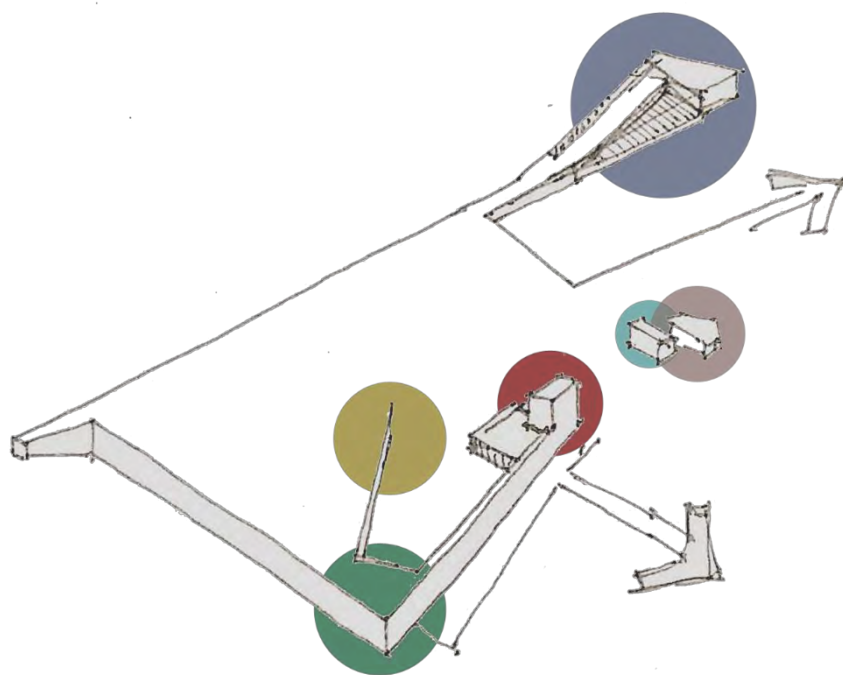
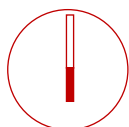


Figura 66 -
Esquema da
proposta de
intervenção.

- PORTO DE ABRIGO
- MERCADO
- RESTAURANTE
- BIBLIOTECA
- ASSOCIAÇÃO MORADORES
- CAPELA

[E se os projetos tivessem um momento?]



PORTO DE ABRIGO – Amanhecer



MERCADO – Manhã



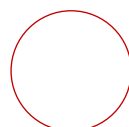
RESTAURANTE – Almoço



BIBLIOTECA – Tarde



ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES – Anoitecer



CAPELA - *Relógio sem ponteiros*

Figura 67 -
Diagrama
Muralha +
Edifícios
Singulares.

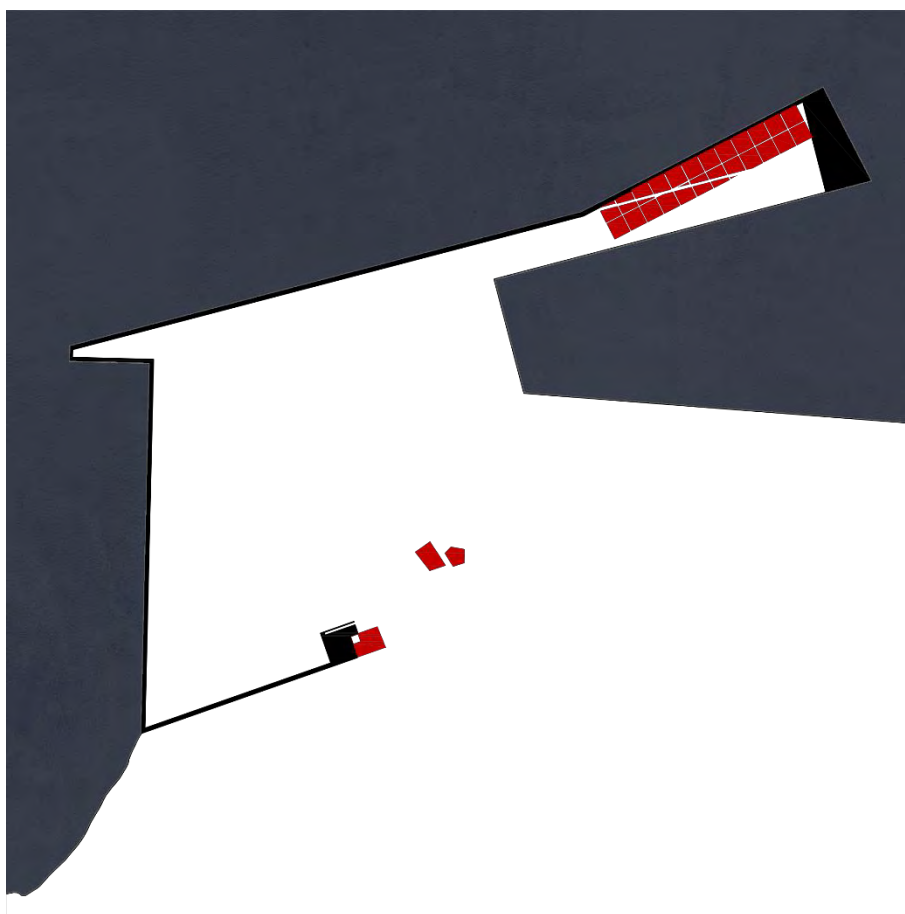
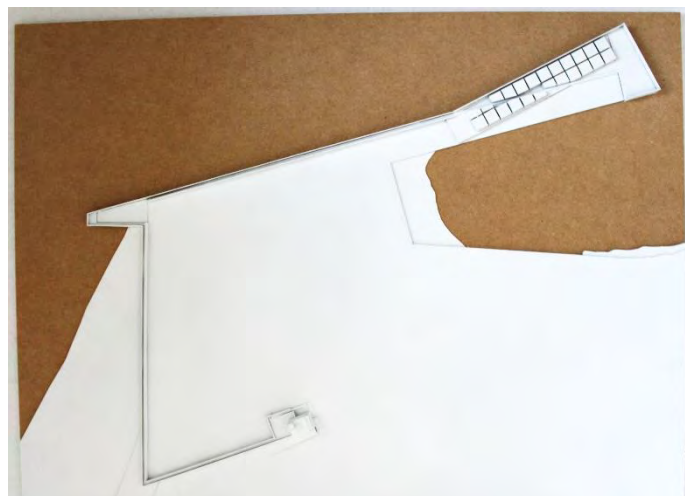
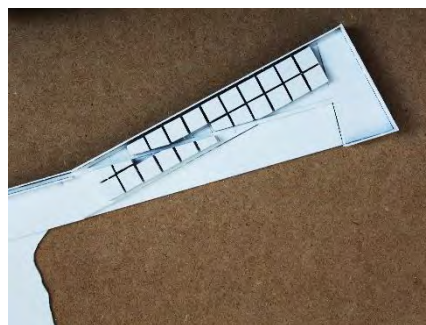
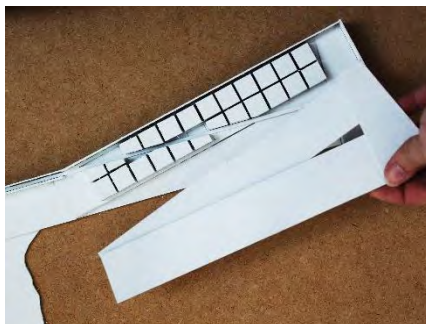




Figura 68 -
Diagrama
Edificado +
Edificios
Singulares.



**Figura 69 -
Maquete Final
- Os limites da
Cova do Vapor
| 1/500**



**Figura 70 -
Maquete Final -
Os limites da
Cova do Vapor -
Proposta para o
Porto de Abrigo
| 1/500**

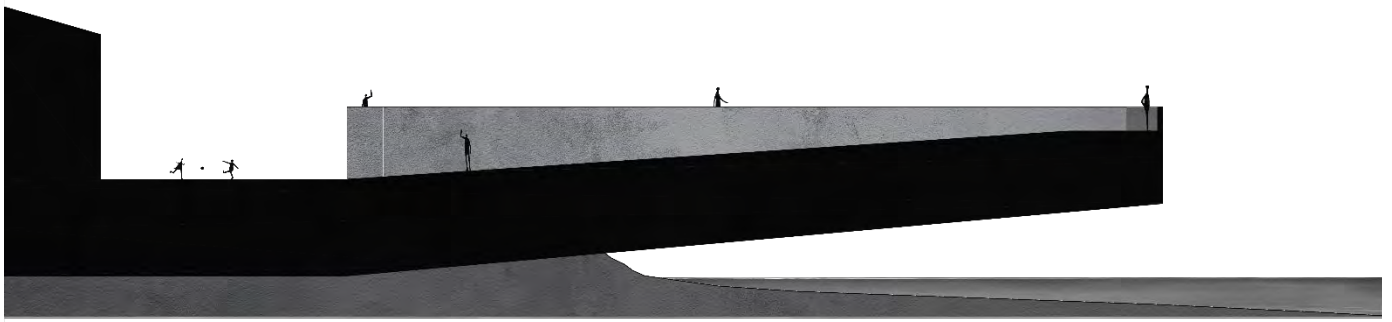


Figura 72 - Perfil sobre o miradouro proposto.

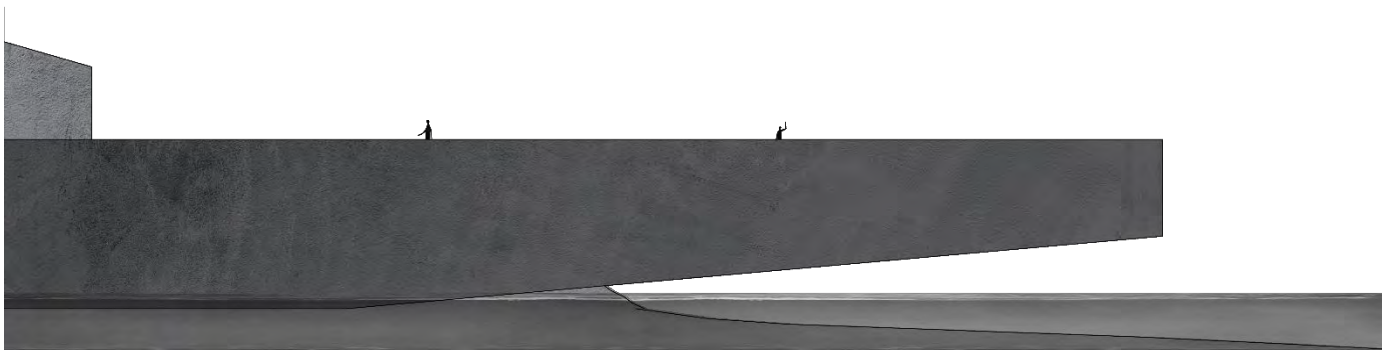
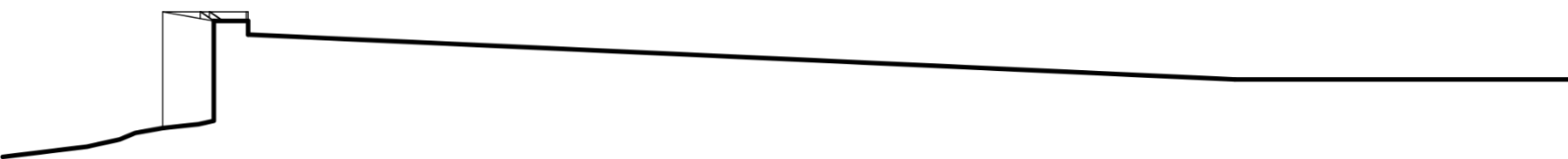


Figura 71 - Perfil com o miradouro proposto em vista.



O elemento estruturante deste projeto são os percursos. Para além dos percursos estabelecidos à escala estratégica (o troço A, B e C), foi definido outro percurso, numa escala menor, no interior da Cova do Vapor (representado na figura 226).

Como qualquer outro percurso, podem apenas fazer a ligação rápida entre dois pontos, integrados por espaços lúdicos, contemplativos.

Subjacente a estas diferenças está o fator tempo, um elemento sempre importante em qualquer projeto. Uma permanência num determinado ponto, permite um conjunto de experiências sensoriais que não as adquiria se fosse um percurso contínuo. O mesmo percurso percorrido lentamente, não é o mesmo percorrido rapidamente.

O projeto é definido pela *muralha* que o envolve. Esta muralha define um percurso. Percurso esse que pode ser percorrido rapidamente, apenas para fazer a ligação entre os pontos, Porto de Abrigo e a Capela. Ou poderá ser percorrido de maneira a proporcionar, um conjunto de experiências sensoriais, adquiridos pelos projetos dispostos na Cova do Vapor.

Neste trabalho podemos fazer uma analogia do tempo aos vários projetos. Podendo atribuir um determinado momento do dia a cada um deles. São associados seis diferentes momentos do dia a cada um dos projetos.

Figura 75 - Perfis Molhes do Douro, Arquitecto Carlos Prata, 2005. Fonte: https://www.arcdaily.com.br/br/01-75903/molhes-do-douro-carlos-prata-arquitecto?ad_medium=gallery

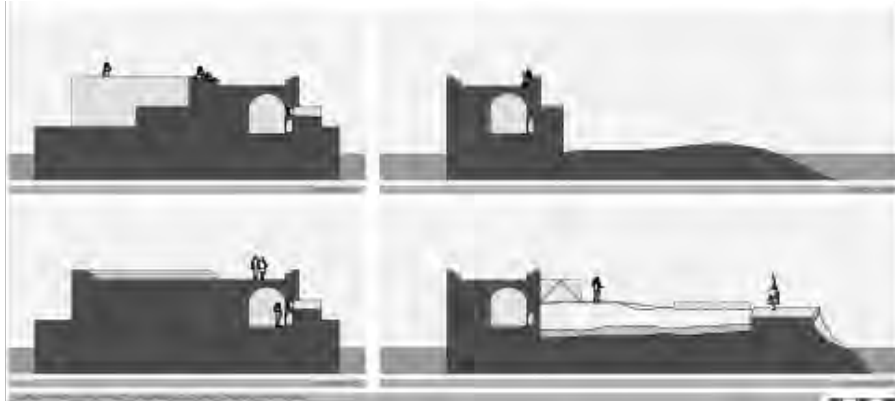


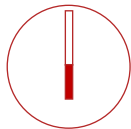
Figura 74 - Ambientes Molhes do Douro, Arquitecto Carlos Prata, 2005. Fonte: https://www.arcdaily.com.br/br/01-75903/molhes-do-douro-carlos-prata-arquitecto?ad_medium=gallery



Figura 73 - Perfil sobre o pontão proposto. Elaborado pela autora.

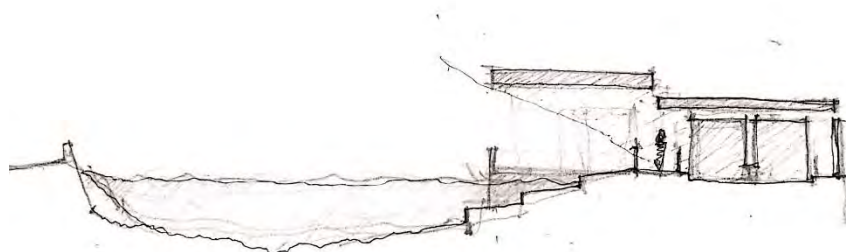


Os seis projetos situam-se em zonas estrategicamente bem localizadas. O restaurante e o Mercado, de caracter comercial e bastante público, são localizados na praça central. O porto de abrigo é localizado junto ao rio, num pontão de acesso restrito. A Biblioteca e a associação de Moradores, de caracter mais privado, maioritariamente de usufruto da população residente, estão integradas no interior do núcleo urbano.



O primeiro momento do dia nasce no **Porto de Abrigo** (representado a azul escuro na figura 60). Devido às circunstâncias em que esta atividade exige, o momento escolhido para destacar este equipamento foi o amanhecer. Situa-se num pontão sobre o rio tejo e integra-se numa paisagem magnifica. Sendo que uma das origens deste local é a atividade piscatória, não existe qualquer zona de apoio ao mesmo, o que consequência numa desvalorização desta atividade neste local. O programa do mesmo irá integrar 26 boxes, um pequeno porto local e um miradouro no limite do pontão.

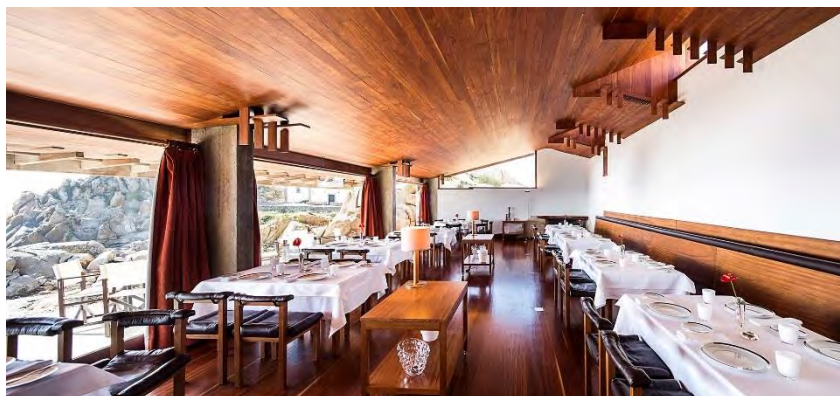
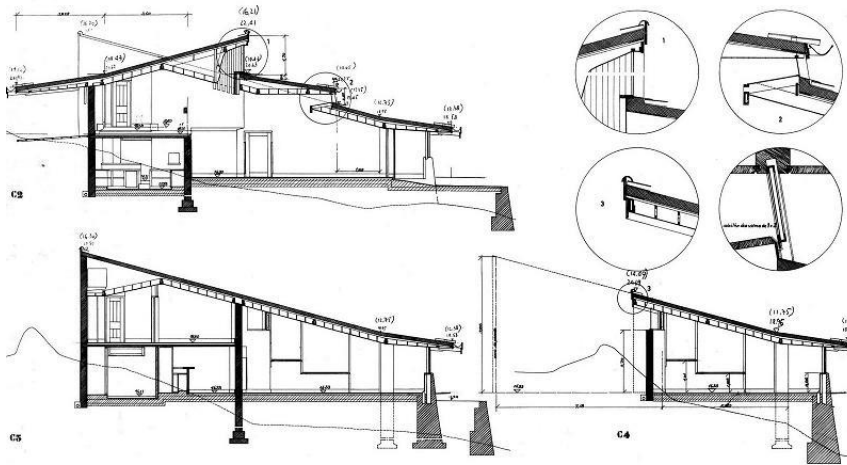
Figura 76 - Esboço do Porto de Abrigo.



O mercado é o segundo equipamento deste projeto (representado a amarelo na figura 60) em que se caracteriza pelo momento da manhã. Este projeto foi definido para dar uma continuidade ao anterior,



Figura 77 - Casa de Chá da Boa Nova, Álvaro Siza Vieira. Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-20953/classicos-da-arquitetura-casa-de-cha-boa-nova-alvaro-siza?ad_medium=gallery



valorizando o comércio local e a atividade piscatória. Situa-se ao longo da praça central e caracteriza-se pelo seu espaço polivalente para se adaptar a diferentes atividades.



De seguida segue o **Restaurante Panorâmico**, localizado no interior na muralha (representado a verde escuro na figura 60) no qual se caracteriza pelo momento da refeição do almoço. Foi escolhido este tipo de comércio de maneira a valorizar o comércio local e convidar outro tipo de público alvo, na envolvente da Cova do Vapor ou mesmo de Almada. Caracteriza-se por ser um restaurante panorâmico com vista para o mar e para a torre do bugio. Uma referência para este projeto foi a casa de Chá de Chá da Boa Nova, em Matosinhos, da autoria do Arquiteto Álvaro Siza Vieira.



Durante o período da tarde definiu-se o projeto da **Biblioteca Comunitária** (representado a azul claro na figura 60). Atualmente existe uma zona comunitária, improvisada, destinado às crianças da Cova do Vapor. Este lugar é utilizado como espaço de leitura, realização das tarefas e apoio escolar. Devido à falta de condições do mesmo é destinado um novo espaço, no interior da Cova do Vapor. A nova localização da Biblioteca será no interior do núcleo urbano, de forma a que este equipamento não sofra uma exposição turística.



Adjacente à Biblioteca, situa-se a nova localização da **Associação dos moradores** (representado a rosa na figura 60). É destinado a este equipamento o momento do anoitecer, sendo uma zona maioritariamente frequentada ao final do dia. Para esta povoação, a associação dos moradores é um dos pontos mais importantes da Cova do Vapor. É neste local que a sua opinião é ouvida e defendida, em problemas de carácter ambiental, social, político e urbano. Por representar um simbolismo tão importante, foi realocado de maneira a que os interesses dos moradores sejam ouvidos.



Por fim, é definida uma pequena **capela** (representado a encarnado na figura 60), ao qual não se atribui um momento

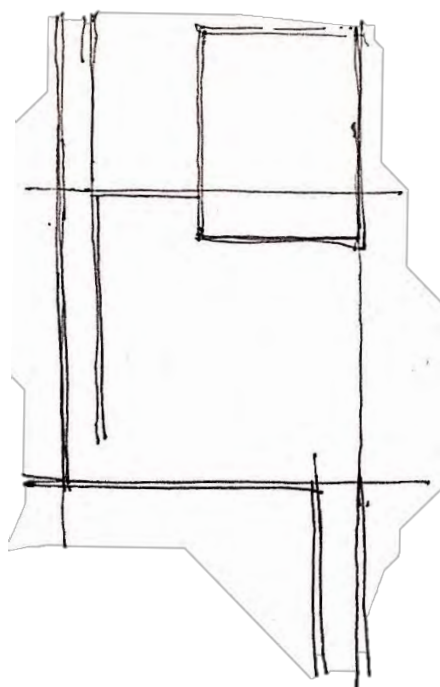
específico do dia, sem ponteiros do relógio. Este lugar de culto está implantado numa área central, integrado no edificado da Cova do Vapor, mas, ao mesmo tempo, voltada para a praça principal.

Este é o enfoque final deste projeto, no qual será desenvolvido no próximo capítulo.

5º CAPÍTULO

Projeto Integrado: A Capela e o Adro

**Figura 78 -
Esboço do
projeto.**



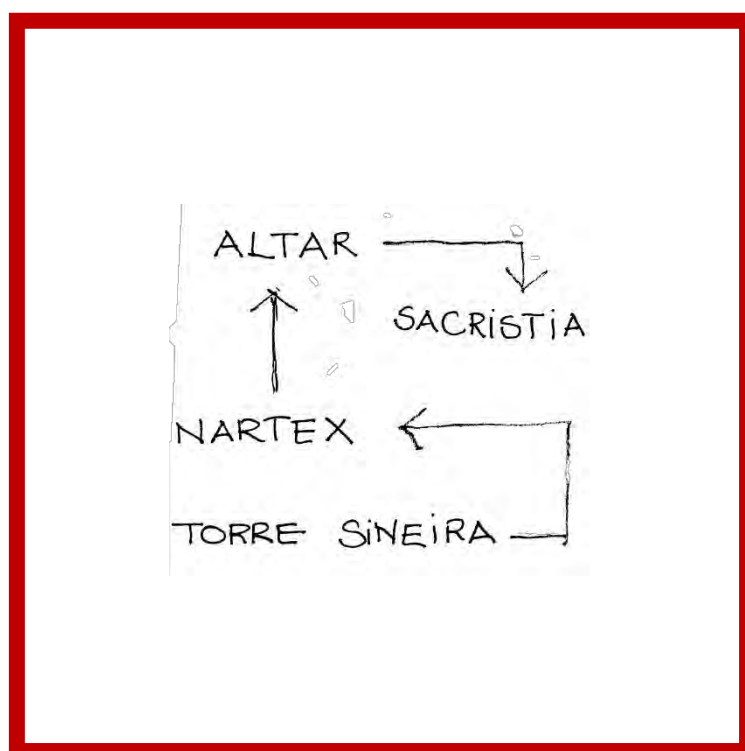
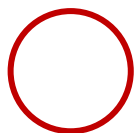


Figura 79 -
Organograma
Capela.



Figura 80 -
Referência,
Projeto: Capela do
Monte, Lagos.
Arquiteto: Álvaro
Siza Vieira.
Fotografia: João
Morgado



5.1 - Capela + Adro

Após uma análise e reflexão do local, inquéritos, entrevistas e trabalho de campo, a religiosidade de população muito devota verificou-se uma carência de equipamentos coletivos.

Como referido no capítulo anterior, constatou-se a necessidade de dotar este lugar com vários espaços de características diferentes, mas, com a mesma função de coletividade.

Dos equipamentos coletivos discriminados no capítulo anterior, é de destacar uma pequena Capela. Este foi o projeto integrado escolhido para dar continuidade ao Projeto Final de Mestrado.

A principal razão desta escolha foi a importância de que um edifício religioso tem para um lugar, aldeia, vila ou mesmo uma cidade.

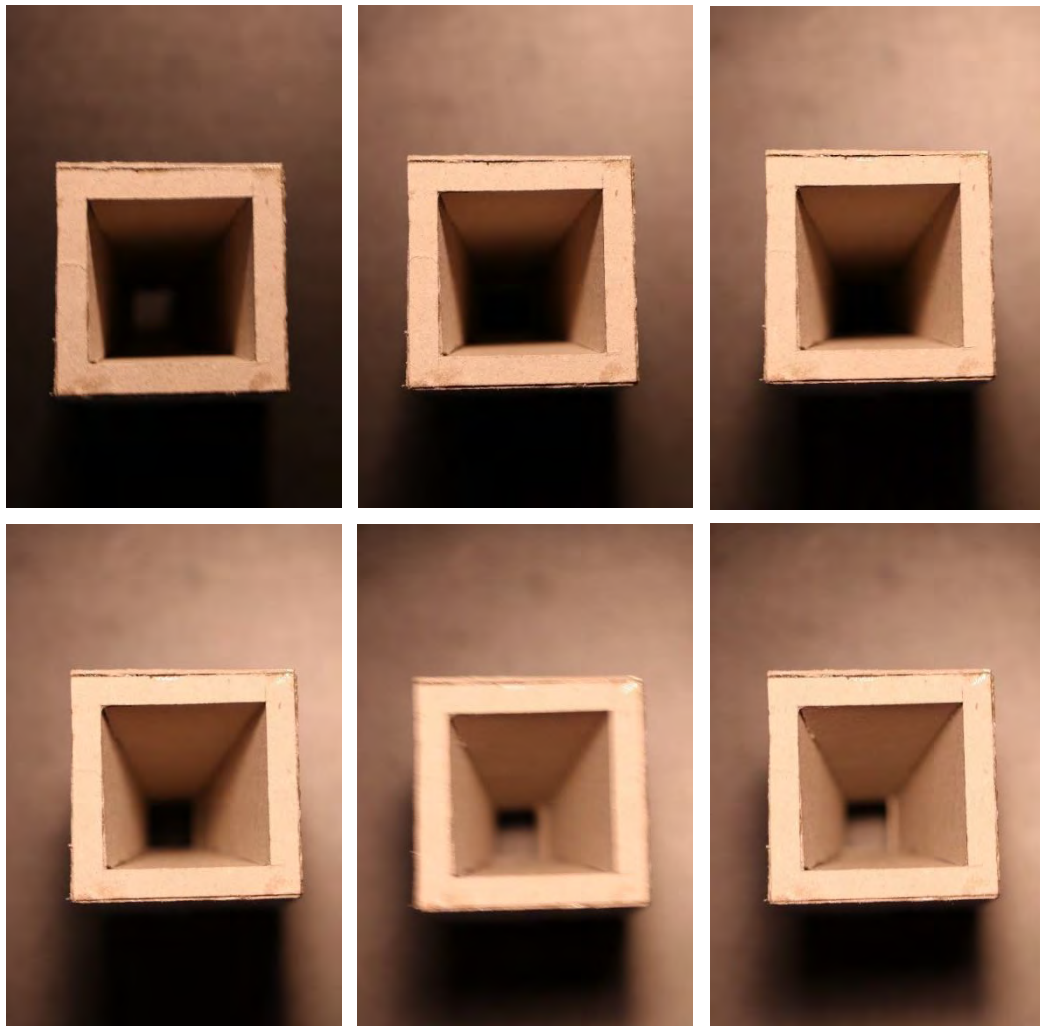
Para uma melhor perceção de um espaço de culto, realizou-se uma pesquisa e análise sobre diversos projetos arquitetónicos. Alguns dos projetos a referenciar é a Capela do Monte, do Arq. Álvaro Siza Vieira (representado na figura 64) e a Capela da Afurada que se localiza numa comunidade piscatória.

Após adquirida esta sensibilidade arquitetónica, foram ensaiadas diversas propostas, de diferentes volumetrias, programas, organização espaciais, entradas de luz, entre outros.

Foi projetada uma Capela de pequenas dimensões, elevadamente localizada, de maneira a que se torne um edifício de referência, atribuindo uma nova centralidade ao local e, com isto, um significado simbólico.

Esta capela situa-se no limite urbano da Cova do Vapor e é intencionalmente inserida sobre os limites do edificado

Figura 81 - Sequência de fotografias da torre sineira, Maquete de estudo.



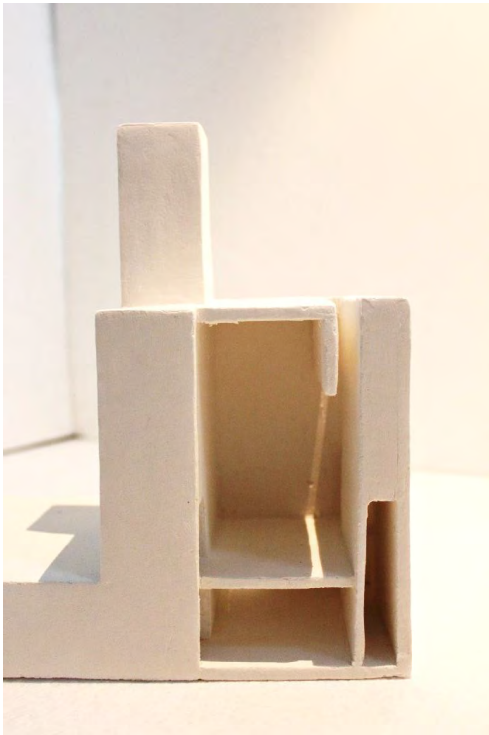


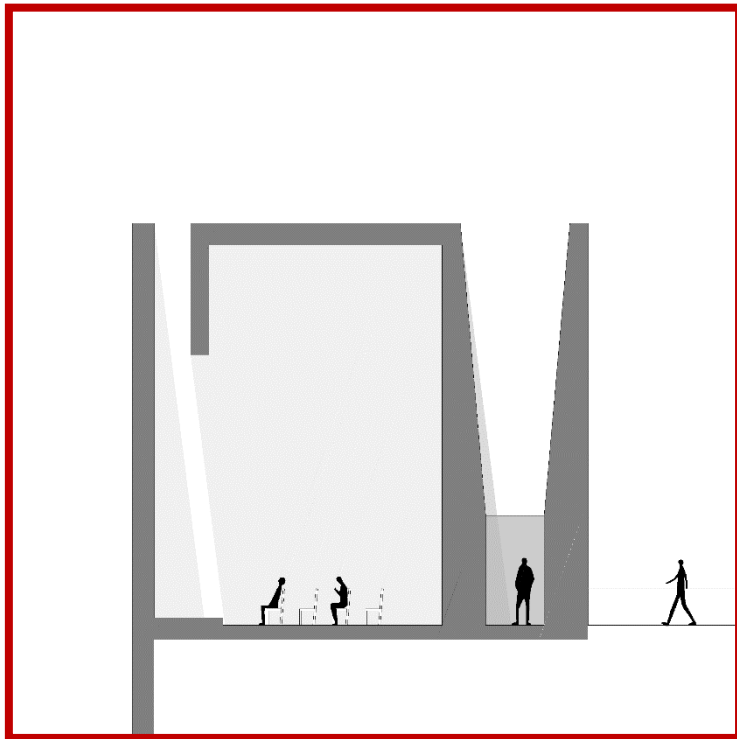
Figura 82 - Maquete Final - Capela + Adro | 1/100

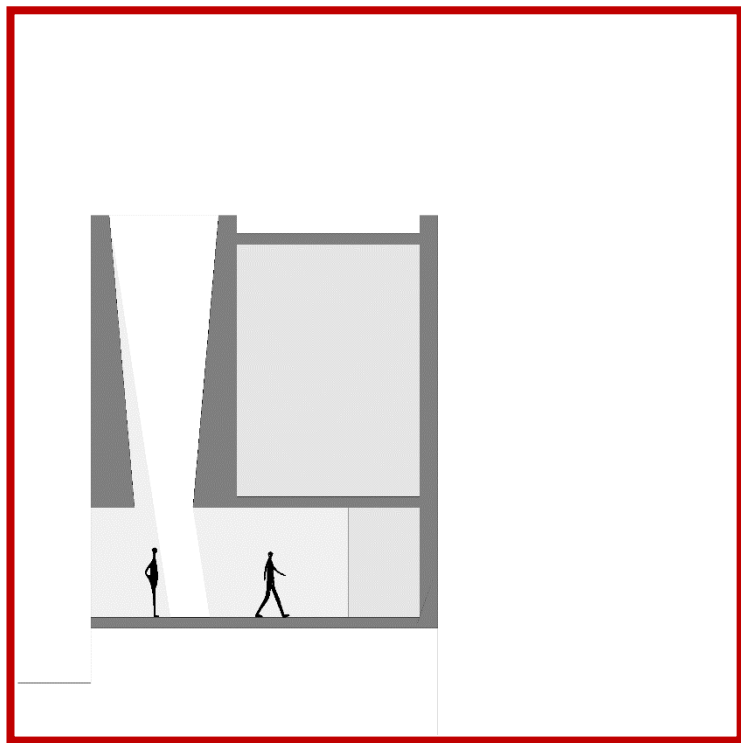
**Figura 83 -
Maquete
Final - Perfil
sobre a
Capela | 1/50**



anteriormente implantado. Está integrada no núcleo urbano, e, simultaneamente voltada para a praça principal da Cova do Vapor.

A capela é suportada por um adro sobrelevada à praça central. É composta por duas formas geométricas, um quadrado (o adro) e um retângulo (a capela) (como representado na figura 62). A interceção destas figuras geométricas, origina a entrada do edifício. A chegada é demarcada por uma claraboia, uma entrada de luz natural controlada, proveniente da torre sineira. Esta torre caracteriza-se por um elemento vertical, inserido num núcleo urbano de baixa volumetria, com um intuito de contruir uma referência arquitetónica ao lugar.





Conclusão

A realização deste trabalho atravessou um período de tempo longo e naturalmente reflete uma evolução do meu pensamento. Do primeiro contacto com o território, surgem ideias *espetaculares* que hoje não as encontro no trabalho que apresento. O contacto com a população, fez-me perceber a importância de valores sociais, mesmo quando mais ninguém atribui valor algum. A força da natureza atinge dimensões que não podem ser desprezadas na elaboração de um projeto.

Num segundo olhar, fez-me perceber que a ausência de planeamento também tem regras. A explicação da formação de situações *caóticas* arrasta-nos para uma cumplicidade. A rigidez da legislação, desenhada para situações ideais, aplicada a territórios com a complexidade da Cova do Vapor, por si só é determinante, pois praticamente impõe a solução. A história do lugar, a sua génese, momentos marcantes, são determinantes para a compreensão do local.

Numa fase posterior, verifico a importância que as decisões políticas têm e a subordinação às questões sociais, que não estando resolvidas, mantêm-se convenientemente esquecidas. A valorização dos terrenos é decorrente de fatores alheios ao próprio aglomerado. Questões como a propriedade e o enquadramento legal, determinam a valorização do edificado, e sendo este baixo, diminui o potencial de cada um e conduz à degradação que é visível.

Todos estes fatores, uns visíveis, outros quase imperceptíveis quer para as populações que lá habitam, quer para quem por lá passa, quer mesmo para quem aí vai projetar, são incontornáveis na realização de um qualquer estudo urbanístico. É necessário compreender o lugar. Compreender a sua gente. Em situações de pré-existência, o projetista, quando define espaços, usos, índices, zonas de proteção,

acessibilidades, torna-se num elemento determinante para a vida de quem lá vive e de quem para lá vai viver. Assume um poder *absolutista*. Deve tomar decisões racionais, escudadas nos estudos necessários, numa reflexão ponderada, apoiado em experiências similares. Naturalmente *outro* tomaria outras decisões, com consequências para as gentes do local, diferentes. E como saber qual é a melhor decisão... É certo que não existe a solução ideal. Todas elas terão os seus prós e contras. A realização de vários cenários para o Plano de Detalhe, até porque foram objeto de algum detalhe, permitiu-me concluir que não se deve seguir cegamente uma corrente, pois em todas elas encontrei qualidades e defeitos. A simbiose resultante das qualidades que se destacam nos vários cenários e aplicáveis no caso em estudo, proporciona soluções originais e mais adaptadas às realidades.

Bibliografia

ARCE, Rodrigo Perez - Urban Transformations and the Architecture of Additions, 2014

BORJA, Jordi - El espacio público, ciudad y ciudadanía, Barcelona, 2000.

BRANDÃO, Pedro – A identidade dos lugares e a sua representação colectiva, Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, 2008

COELHO, Carlos Dias Coord. – Elementos Urbanos. 1ª Edição – Argumentum, 2013

COELHO, Carlos Dias Coord.– O Tempo e a Forma. 1ª Edição – Argumentum, 2014

COMPLETO, João Miguel Lourenço – Reabilitação de áreas urbanas de génese ilegal, A praça como elemento clarificador de uma estrutura urbana de ocupação dispersa. Lisboa, 2015

COSTA, António Firmino - Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural, Lisboa, Celta Editora, 2008

COSTA, João Pedro Teixeira de Abreu. (2006), La Ribera entre Proyectos. Formación y Transformación del Territorio Portuario, a partir del caso de Lisboa, Tese Doutoramento, UPC

FADIGAS, Leonel (2008). 'Frentes de Águas: paisagens de dupla leitura' in Portus – Ciudad portuaria y waterfront urbano. Ano 8. Nº16. Outubro 2008. 27-31pp.

FERNANDES, Sérgio Miguel Padrão. (2014), Gênese e Forma dos Traçados das cidades portuguesas. Morfologia, tipologia e sedimentação, Tese Doutoramento, FAUL

FERREIRA, Ana Catarina de Sousa Louro – As Iniciativas de Intervenção Local de Arquitectos: Oportunidades de Inovação Sócio Territorial? Estudo de caso na Cova do Vapor. Lisboa, 2014

FONSECA, António, pp.66-79, (1991), “Cova do Vapor, o Empório das ondas”, *Revista VERT*, edição Fevereiro

FREIRE, Maria Elisabete Ferreira. (1986) - A Planície Litoral entre a Trafaria e a Lagoa de Albufeira – Estudo de geomorfologia litoral, Dissertação, FLUL

GARNIER, Jacqueline Beaujeu – Geografia urbana. 3ª Edição – Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

GEHL, Jan (2006) – La Humanización del Espacio Urbano, Editorial Reverté,

GOMES, Luísa (2018) – Da costa, praias e montes da Caparica, Fundação Francisco Manuel dos Santos

JACOBS, Jane - Morte e vida de grandes Cidades – 3ª Edição, Martins Fontes, 2014

LAMAS, José (2010) – Morfologia Urbana e Desenho da Cidade – 5ª edição, Fundação Calouste Gulbenkian

LYNCH, Kevin (2014) – A imagem da Cidade – reimpressão: Edições 70;

MARTÍ-ARÍS, Carlos, (1993)– Las Variaciones de la Identidad. Ensayo sobre el tipo en arquitectura, Barcelona: Ediciones del Serbal.

MATEUS, Bruno - Como se organiza um bairro? Um estudo de caso sobre a Cova do Vapor (Trafaria), 2010

MAXIMIANO, Liz Abad - Considerações sobre o Conceito de Paisagem, R. RA'É GA, Curitiba, n. 8, p. 83-91, Editora UFPR, 2004

MORGADO, Sofia (2002?). Vazio' in Jornal Arquitectos – América: contemplação, lazer, trabalho, cidade. Nº206. Maio/Junho 2002. 125-128pp

MONTEYS, Xavier et al, (2011) - reabilitar. abandono e oportunidad, Centro de Publicaciones, Madrid

MONTEYS, Xavier et al, (2012) – Reabilitar en nueve episodios, Lampreave, Madrid

OLIVEIRA, Marta (2015) - Evolução Natural e Antrópica, Trafaria - Cova do Vapor - Costa de Caparica, Dissertação ISA

PORTAS, Nuno; **DOMINGUES**, Álvaro; **CABRAL**, João. Políticas Urbanas – Tendências, estratégias e oportunidades. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. 295pp.

RAPOSO, Isabel pp 221-235 (2012), Diálogo social ou dever de reconversão? As Áreas Urbanas de Génese Ilegal (AUGI) na Área Metropolitana de Lisboa, *Revista Crítica de Ciências Sociais*

RIBEIRO, Joana dos Santos Pires (2015) - Casas sem arquitecto: A cova do vapor, um caso de estudo sobre identidade e gosto popular, FAUP

RIBEIRO, Sofia (2015) - Vilas Piscatórias Algarvias: Análise da Evolução Urbana, Dissertação, TECNICO LISBOA

ROCHA, Miguel Afonso. (2012) - Estruturação de áreas com valor ambiental e Paisagístico na aml, Caso de estudo polis costa de caparica, Dissertação, FAUL

SANTOS, Sílvia, Espaços urbanos expectantes como oportunidades para a requalificação: entre a cidade e o rio (envolvente da cordoaria), 2011

SOUSA, Claudia Azevedo, (2010) - do Cheio para o Vazio, Metodologia e Estratégia na Avaliação de espaços Urbanos obsoletos;

Webgrafia

Memórias Colectivas da Cova do Vapor 2013 [Online].

Disponível em: <http://www.memoriascoletivas.pt/>

[Consultado em 19 de Março de 2018]

ANEXOS

CARTOGRAFIA HISTÓRICA

Figura 86 -
 Cartografia
 Histórica, Mapa de
 Portugal Fernando
 Álvares Seco,
 1561. Fonte:
 Almada Virtual



Figura 86 -
 Cartografia
 Histórica, Costa
 de Lisboa, Lucas
 Janszoon
 Waghenaer,
 1586. Fonte:
 Almada Virtual



Figura 86 -
 Cartografia
 Histórica, Mapa
 de Portugal, S.
 Vincente
 gelegen, W. J.
 Blaeu, 1612.
 Fonte: Almada
 Virtual





Figura 87 -
Cartografia
Histórica, Mapa
Almada e Rio Tejo,
Felipe Tersio, 1617.
Fonte: Almada
Virtual



Figura 88 -
Cartografia
Histórica, autor
desconhecido, 1634.
Fonte: Almada
Virtual



Figura 89 - Cartografia
Histórica, A barra do
Tejo baseada no
referido Regimento
de Pilotos, António de
Mariz Carneiro, 1642.
Fonte: Almada Virtual



Figura 92 -
Cartografia Histórica,
Mapa descrição do
reino de Portugal,
Pedro Teixeira, 1662.
Fonte: Almada
Virtual



Figura 91 -
Configuração da
entrada da Barra do
Porto de Lisboa,
autor desconhecido,
1700. Fonte: Almada
Virtual



Figura 90 -
Cartografia
Histórica, Mapa do
plano de Lisboa,
Jacques Nicolas
Belin, 1756. Fonte:
Almada Virtual



Figura 95 - Cartografia Histórica, Mapa das províncias de Portugal, autor desconhecido, 1769. Fonte: Almada Virtual



Figura 94 - Cartografia Histórica, Mapa Plano hidrográfico do Porto de Lisboa e costa adjacente até ao cabo da Roca, Coronel Marino Miguel Franzini, 1806. Fonte: Almada Virtual



Figura 93 - Cartografia Histórica, Mapa da Envoltente de Lisboa, Laurie & James Whittle, 1812. Fonte: Almada Virtual

Figura 96 - Cartografia Histórica, Carta Topográfica Militar da Península de Setúbal, José Maria das Neves Costa, 1813. Fonte: Almada Virtual



Figura 97 - Cartografia Histórica, Mapa Plano hidrográfico da barra do porto de Lisboa levantado em 1842, 1843, e 1845, Francisco Maria Pereira da Silva, 1857. Fonte: Almada Virtual

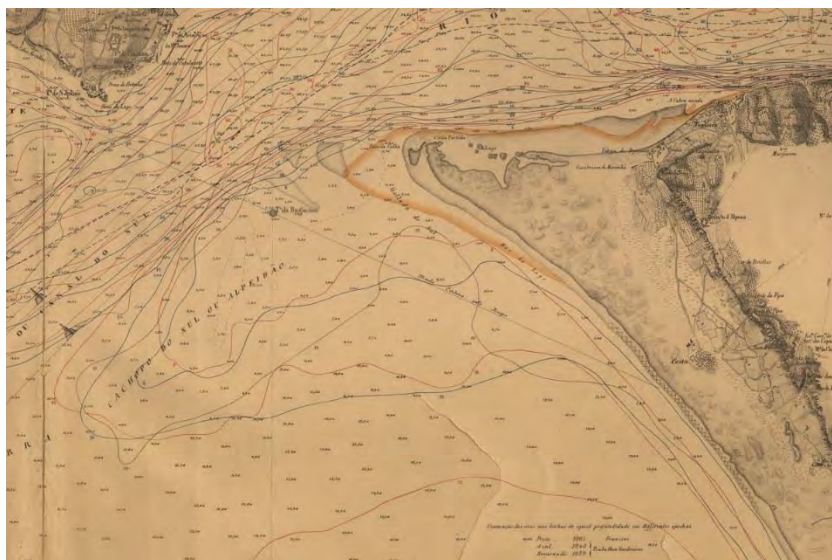


Figura 98 - Cartografia Histórica, Mapa hidrográfico da barra e porto de Lisboa com as curvas de nível desenhadas sobre as cartas hidrográficas, João Verissimo Mendes Guerreiro, 1878. Fonte: Almada Virtual

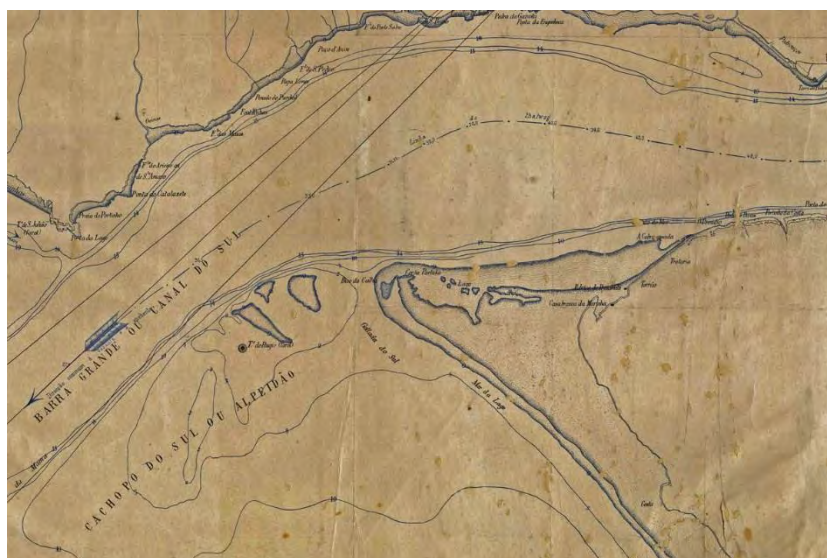




Figura 100 - Cartografia Histórica, Carta de Lisboa e seus arredores, Filipe da Costa, 1909. Fonte: Almada Virtual

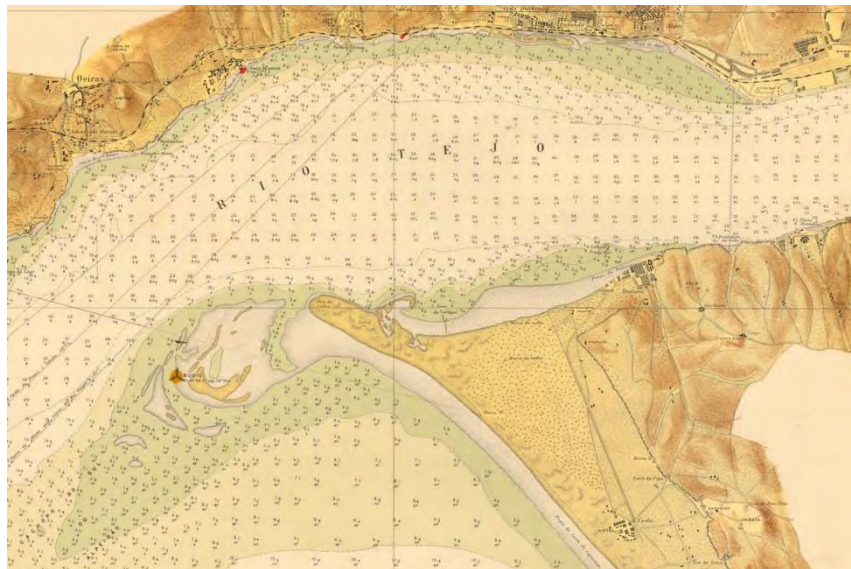


Figura 99 - Cartografia Histórica, Mapa Plano Hidrográfico da Barra do Porto de Lisboa, autor desconhecido, 1929. Fonte: Almada Virtual



Figura 101 - Cartografia Histórica, Planta de Conjunto do Plano de Urbanização do Concelho de Almada, 1946. Fonte: Almada Virtual

LEVANTAMENTO FOTOGRAFICO



Figura 102 -
Levantamento
Fotográfico da Cova
do Vapor, 2018.
Fonte: a autora



Figura 103 - Levantamento Fotográfico da Cova do Vapor, 2018. Fonte: a autora



Figura 104 - Levantamento Fotográfico da Cova do Vapor, 2018. Fonte: a autora



Figura 105 - Levantamento Fotográfico da Cova do Vapor, 2018. Fonte: a autora

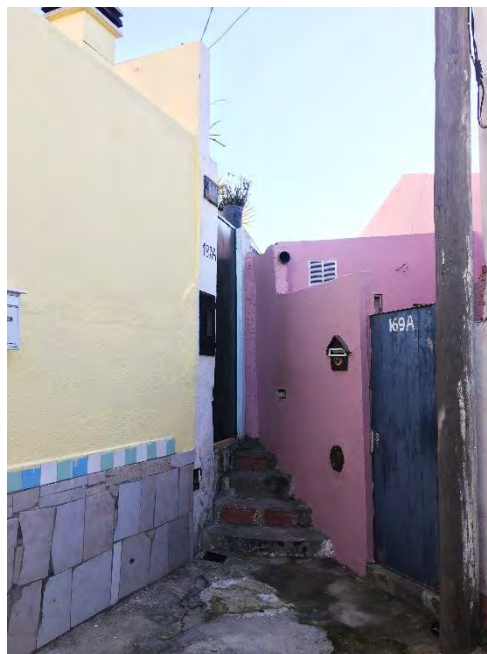


Figura 106 - Levantamento Fotográfico da Cova do Vapor, 2018. Fonte: a autora



Figura 107 - Levantamento Fotográfico da Cova do Vapor, 2018. Fonte: a autora



Figura 108 - Levantamento Fotográfico da Cova do Vapor, 2018. Fonte: a autora

ENTREVISTAS SEMIABERTAS

Sr. Eduardo Gomes
Morador da Cova do Vapor
10 de março de 2018

Intervenientes:

- Joana Canavilhas, entrevistadora: J.C.
- Hugo Abreu, entrevistador: H.A.
- Miguel Batista, entrevistador: M.B.
- Eduardo Gomes, entrevistado: E.G.

(Após apresentações e explicação sucinta do tema de tese proposto)

J.C.: Começando pela pergunta mais curiosa desta entrevista, o porquê do nome: Cova do Vapor? Conhece a história e a origem do nome?

E.G.: Eu tenho algumas ideias porque é que se chama “Cova do Vapor”.

Porque há muitas ideias. As pessoas que não conhecem a Cova do Vapor, pensam que caiu agora aqui, no fim do 25 de abril, mas as coisas são anteriores, portanto, não sei se vocês sabem mas, no final do séc. IX, a Trafaria era uma zona balnear de excelência e nesse período a costa da Caparica não existia.

Já vinham pescadores para o areal no período do verão, mas todo o resto era pantanal, não havendo terras onde fosse possível praticar a agricultura. Já existia a Caparica, neste caso era a grande freguesia de tudo isto, e havia povoações, por exemplo como o Funchalinho, o Funchal, Murfacem, Vila Nova da Caparica, Ribeiro, por cima da Caparica, haviam poucas coisas. E ciclicamente as pessoas tinham doenças, febre, e morria muita gente. Até que as autoridades na altura chegaram à conclusão que a causa eram os mosquitos, águas paradas daqui da costa. Então lembraram-se de fazer a drenagem dessas águas. E ainda hoje se veem algumas dessas válvulas. Essas válvulas foram feitas para drenar essas águas e tornar possível a utilização dos terrenos. Permitiu que os pescadores que vinham sazonalmente do algarve e de ílhavo, de Aveiro, passaram a ficar aqui.

E no inverno, como não podiam ir para o mar, os algarvios dedicavam-se a agricultura.

Nesta altura em que Trafaria era uma zona balnear por excelência, a costa da Caparica não tinha condições nenhuma. Começou a haver pessoas que não queriam ir para a confusão da Trafaria, mas também não iam para a costa porque não tinham condições. Portanto em 1910, a cova do vapor começou a ser habitada nas épocas balneares.

J.C.: E o nome Cova do Vapor?

E.G.: Há duas versões. Uma não sei exatamente, tenho lá isso escrito. Outra versão é: havia uma zona baixa, uma espécie de vala perto da torre do bugio. Então as pessoas que vinham para cá, gostavam muito de ir para aquele buraco, banhar-se. Na altura existiam os vapores. Ou porque um barco se afundou ali naquela zona, ou porque na altura haviam os vapores, por ventura passariam por ali, então chamava-se a Cova do Vapor. Tem alguma lógica. É provável que seja por ali. Mas há muitas outras histórias, a história que vocês falavam de puxar as casas por juntas de bois, há todo um conjunto de histórias.

J.C.: É morador residente da Cova do Vapor? E há quantos anos?

E.G.: Sou morador residente. 13 anos.

J.C.: Pertence à associação dos moradores?

E.G.: Não, sou sócio.

J.C.: Quantos imóveis possui aqui na Cova do Vapor? E quantos membros estão no seu agregado familiar?

E.G.: É uma casa só, que aqui está há uns 70 anos, era dos meus tios avós. Neste momento sou só eu a viver nesta casa.

J.C.: Tem a sua habitação registada na conservatória?

E.G.: Conservatória não, mas já pagamos às finanças, pagamos o IMI.

J.C.: A sua habitação tem acesso a água potável, gás canalizado e luz?

E.G.: Água e luz tenho, mas gás só por botija.

J.C.: Como classifica o estado de conservação da sua casa?

E.G.: Está sempre a precisar de intervenção, sendo uma casa de madeira.

J.C.: Se tivesse de descrever a um amigo, como descreveria a Cova do Vapor?

E.G.: É um sítio que as pessoas gostam muito, com o mar, o rio. As pessoas também se conhecem todas, têm boas memórias de tempos muito bem passados, no verão, há uma grande convivência, com afinidade. Isso pelo lado positivo.

Depois pelo lado negativo, com uma certa angústia, o mar que entra pelas terras. De vez em quando, 5 em 5 anos, aparece sempre a ideia que a cova do vapor vai sair daqui, aparecem projetos megalómanos que felizmente ainda não se concretizaram.

Mas a sublinhar, é a convivência e o sossego, uma sensação de liberdade... adormecer com o barulho das ondas é espetacular!

J.C.: Quais são os principais problemas da Cova do Vapor?

E.G.: O que eu já referi, o avanço do mar. Depois na parte urbanística, a degradação das casas. Os proprietários, ou já não querem vir para cá, ou são agora os filhos que já não querem saber disto, mas mantêm um certo vínculo, outros por dificuldades. deixam degradar as casas.

J.C.: Acredita que, entre todos os questionários realizados, é a primeira pessoa que nos refere o estado de conservação do edificado?

E.G.: Pois, mas isso é evidente. Eu também tenho essa sensibilidade urbanística, se há condições ou não, se é bonito, se tem estrutura, mexe um pouco com aquilo que nós somos, ou o que podemos ser. Porque se as pessoas vivem num sítio degradado normalmente isso interfere um pouco com o seu estado de espírito, com a sua autoestima, sua maneira de estar com os outros. Vou vos dar um exemplo, há um bairro ali no monte da Caparica que é o bairro Amarelo. No início, depois do 25 de abril, as pessoas que viviam mal neste território todo, foram encaixotadas para lá, mas no princípio a vivência das pessoas era degradável, os locais também não ajudavam a que ganhassem essas condições. Quando as pessoas foram postas nesse bairro inicialmente continuava a ser um caos, mas à medida que as autarquias começaram a intervir, criar algumas zonas ajardinadas, nos últimos 20 anos foram criados 1 ou 2 infantários, zonas para os velhos estarem, algum comércio, começou a haver vida e ganhou alguma dignidade no bairro. Muita coisa se alterou, a sua maneira de estar. Se as pessoas viverem com dignidade, pode não ser luxuoso, mas se tiverem um jardim, transportes, as pessoas mudam logo, o seu carácter muda logo. Por isso é que eu acho que é importante aqui também haver esse cuidado. Eu penso que a associação dos moradores devia ter uma ação mais incisiva, deveriam ir falar com as pessoas, não sei porque é que não o fazem. Falta esse espírito aqui na Cova do Vapor.

Depois há a questão dos pescadores. O porto de Lisboa tem um projeto, uma doca, para guardar os barcos, mas, entretanto, não aconteceu nada. E isso era importante para os pescadores.

H.A.: Entre todas os problemas levantados, quais são as intervenções mais urgentes?

E.G.: Para além do que já foi falado, recuperação das habitações, sistema da recolha de lixo, porto de abrigo aos pescadores, os autocarros que veêm às horas de ponta, mas neste momento como não utilizo, não estou muito por dentro. Nós temos um projeto em curso, na

recuperação das dunas, com o apoio da camara, o projeto consiste desde a biblioteca ate ao restaurante de praia retomar a duna. Inicialmente criar zonas de acesso a praia, para que as pessoas passem por ali e não andem por cima daquilo, depois criar condições para que as areias, que são muitas, não venham para cima das casas e fixar as dunas. No fundo é re-naturalizar e formar a duna que, no fim de contas, ajuda a defender os avanços do mar.

H.A.: Quem é para si, o agente responsável para resolver os problemas da Cova do Vapor?

E.G.: Neste território estão aqui 3 grandes entidades, que é um problema. Aliás é um grande problema deste pais, em que em muitos sítios, manda muita gente ao mesmo tempo, se existisse um espírito de colaboração entre eles... Depois para tomar decisões são anos e anos. E essa é uma dificuldade para nos. Normalmente os apoios para resolver as coisas aqui é a Câmara, junta de freguesia em contacto com a comissão dos moradores. Tanto agora quando houve os avanços do mar, apareceu o porto de lisboa, esteve ai uma maquina, esteve aí a camara, ativou a proteção civil, estiveram os bombeiros durante a noite, vários dias.

H.A.: Uma última pergunta, no caso de alguém intervir neste local e a sua casa for afetada, o que preferia: ser indemnizado, ser realojado, mas dentro da cova do Vapor, ou de qualquer forma não abdicava da sua habitação e não queria nenhuma intervenção na sua casa.

E.G.: O que me interessa é manter-me aqui.

J.C.: O nosso intuito com esta questão é perceber o quanto as pessoas estão dispostas a abdicar algo que é seu, para o bem da comunidade. Se estão dispostas a abdicar de um pouco do seu quintal, ou mesmo da sua casa, se este no futuro der origem a uma praça ou a ruas mais largas para que passe, por exemplo uma maca em situações de emergência. Com a garantia que continuarão a ter uma habitação.

E.G.: Eu por mim, se for necessário dar um espaço para isso e se for possível por mim tudo bem e sei que existe esse espírito. Por exemplo, nas zonas de construção ilegal e aqui em Almada há muito disso tem sido difícil de legalizar porque as pessoas fizeram um muro, quase que não deixaram espaço para fazer a rua, e agora é necessário recuar 1 metro do muro, tem sido difícil. Portanto há aquele espírito de posso, ganância e isso existe. Mas aqui tem de se ver a história disto, as ruas estreitas, porque houve aquele recuo. As casas recuaram, o território é pequeno e tiveram de se aconchegar.

Amália Bouisson (AB) | 31 anos | Licenciada |
Nacionalidade Francesa
Morador da Cova do Vapor
11 de março de 2018

Intervenientes:

- Joana Canavilhas, entrevistadora: J.C.
- Hugo Abreu, entrevistador: H.A.
- Miguel Batista, entrevistador: M.B.
- Amália Bouisson, entrevistada: A.B.

(Após apresentações e explicação sucinta do tema de tese proposto)

M.B.: É moradora residente?

A.B.: Sim

J.C.: Há quanto tempo?

A.B.: Há cerca de 5 anos

M.B.: Pertences à associação de moradores?

A.B.: Não

M.B.: A tua ocupação?... Estás empregada?

A.B.: Sim... trabalhadora independente

M.B.: De quantos imóveis és proprietária na Cova do Vapor, para além deste?

A.B.: Eu?... Não tenho mais nenhum... Mas a minha irmã tem um e o meu pai tem outro. Não sei se isso é importante?

M.B.: Não... eles não fazem parte do teu agregado familiar....

A.B.: Não

M.B.: Vives sozinha?

A.B.: Sim

M.B.: A habitação está registada na conservatória não está?

A.B.: Não, mas está em processo

M.B.: IMI? Pagas?

A.B.: Pago, e pago também.... Faço o IRS para a minha atividade enquanto alojamento local, mesmo que não esteja registada ou tenha licença de utilização, eu pago o IRS correspondente

J.C.: No AirBNB consegues ter hóspedes mesmo não tendo a licença de utilização?

A.B.: Ainda consigo, eu acho que vai mudar, entretanto esta lei do arrendamento surgiu em 2014, quando eu já tinha o hostel a funcionar, e ainda não me consegui adaptar às leis mas vou tentando... Todos os anos vou tentando

J.C.: Como é que consideras o estado de conservação...

A.B.: Da minha casa?

J.C.: Sim.

A.B.: Eu acho que está bom O andar de baixo precisa de muitas obras, mas vão se fazendo. A ideia do hostel foi criar um negócio que pudesse pagar as obras da casa... foi essa a ideia quando se comprou...

M.B.: E como é que classificas a Cova do Vapor?

Classifico?

H.A.: Quais são os aspetos mais.... Se tivesses de descrever a Cova do Vapor a um amigo?

A.B.: Acho que é o melhor sítio do mundo

H.A.: Porque?

A.B.: Porque tem tudo... Porque consegues estar perto de Lisboa e longe ao mesmo tempo

Mas na Cova do Vapor não temos uma clínica, não temos correios...

Mas se fores de bicicleta em 10 minutos encontras uma clínica, e em 10 minutos encontras os correios, e às vezes, quando moras em Lisboa, podes ir a pé durante 25 minutos, não te apetece apanhar um transporte... Estes

tipos de infraestruturas fazem falta mais no Verão, por exemplo a clínica

O que faz mesmo mais falta que é uma coisa que podia resolver os problemas quase todos era uma carrinha que pudesse fazer o transporte das pessoas. Porque se houvesse uma carrinha que transportasse as pessoas de idade, elas organizavam-se todas e iam todas ao mercado ao mesmo tempo, iam todas ao correio no mesmo dia iam todas ao centro médico e assim conseguiam resolver....

Almada já tem aquela carrinha....

M.B.: Já pensaram tentar contactar a camara para tentar trazer esse transporte aqui para a zona?

A.B.: Não nunca pensei nisso..., mas é capaz de ser boa ideia.

Mesmo assim as pessoas organizam-se aqui.... Há um senhor já de idade que tem um carro e presta-se a este tipo de serviços. Acaba por haver uma organização social interna que resolve vários problemas. Mesmo assim acho que há o problema do isolamento, até mais psicológico do que físico... não estamos muito longe das coisas.

M.B.: Quais são os principais problemas que encontras aqui na Cova do Vapor?

H.A.: Para além a falta de Transporte e do isolamento psicológico que referias.

A.B.: Acho que... Eu sinto um bocadinho falta de abertura para falar as coisas, acho que há um... Não sei se tem a haver com a idade das pessoas ou com a educação. Mas não há a sensação de que se podem criar novas oportunidades ou que se podem fazer pontes... acho que há uma espécie de reserva... há um bocadinho de medo, agora, as pessoas estão confortáveis nessa situação, não sei se consideraria isto, pelo menos para mim, como uma urgência, uma coisa que tenha de ser mudada, as pessoas fazem as suas escolhas, talvez estejam mais condicionadas pelo seu ambiente do que eu acho.

J.C.: Mas por exemplo, uma das urgências que já nos falaste é a das dunas, a questão da defesa costeira também é importante, também tens um projeto para isto...

A.B.: É uma preocupação que tem vindo a crescer, faço parte de uma biblioteca, que é a biblioteca comunitária da Cova do Vapor e nesta biblioteca nós tentamos desenvolver ações que tenham a haver com o desenvolvimento das comunidades, com o estímulo à leitura, enfim a ideia da biblioteca é que possa servir de plataforma ou de espaço em que quem quiser fazer qualquer coisa possa vir e apresentar. Contamos com a ajuda de imensas pessoas que são voluntárias, vêm cá e querem fazer qualquer coisa pela Cova, vêm cá e apresentam a sua ideia. Se nós acharmos que realmente é para o bem das pessoas ajudamos as pessoas a desenvolver estas ações. Às vezes são estudantes outras vezes são profissionais à procura de uma forma de praticar o que aprenderam...

Começamos a desenvolver estas ações de sensibilização ambiental porque no fundo, aqui na Cova do Vapor, vivemos mesmo no meio da natureza. Por mais que isto seja um subúrbio, mais que isto faça parte da freguesia da Trafaria, seja um bairro, estamos muito rodeados por natureza, e as pessoas que vivem cá também vivem muito da natureza, há muitos pescadores... por esta razão acho que é um dos temas que preocupa as pessoas e depois temos o problema concreto que é as dunas parece que nos estão a começar a invadir. Há uns anos para cá tem vindo muita areia. Só estou aqui há 5 anos e quando eu cheguei ainda havia uma rampa para ir até à praia, hoje em dia a duna é mais alta do que a entrada para a praia, tivemos que fazer uma barricada.

M.B.: Mas por exemplo achas que se se construísse outra rampa nova, que fosse mais elevada, achas que isso iria resolver o problema?

A.B.: A duna vai continuar a crescer, isso é inevitável, mas isso é bom, o nosso objetivo agora é que a duna cresça, porque apercebemo-nos que as dunas servem como barreiras contra as ondas, portanto o que é que acontece? A Cova até vai acabar por ficar numa cova, abaixo do nível do mar mas se tivermos uma duna à frente e quanto maior a duna melhor, mas se tivermos uma duna à frente a proteger, mesmo estando abaixo do nível do mar, estamos protegidos.

Qual é o nosso papel aqui na biblioteca? Eu tenho um interesse porque desenvolvi um carinho pelo lugar, é a

primeira vez na minha vida que me sinto em casa, esta é a minha casa o meu investimento, é assim que eu ganho dinheiro, é assim que eu consigo manter a minha casa, estar ao pé dos meus pais e sentir que no futuro vou poder tomar conta deles, pronto isto são as minhas razões pessoais, para além de achar o sitio mesmo bonito, é um sitio onde há um grande potencial, estás à beira mar, estás à beira do rio, ao pé da natureza mesmo assim consegues ir a Lisboa trabalhar se tiveres um trabalho em Lisboa, tem toda uma dinâmica...

M.B.: De certa forma a própria Cova do Vapor faz parte da paisagem de Lisboa.

A.B.: É um ponto tão estratégico, tão especial e sempre tive a tendência, mesmo quando vivia em Lisboa, de me envolver em projetos comunitários, fazer voluntariado, acho 'super' importante, então o facto de estar aqui, fazer voluntariado aqui, apostar aqui, apostar no desenvolvimento desta zona, à minha maneira, com as coisas que são o meu interesse, é uma forma de partilhar os meus interesses... faz parte da vida, gosto de viver assim... e esta parte ambiental preocupa me bastante. (...)

Existe um potencial turístico grande aqui que é a fonte de rendimento das pessoas, para além da pesca e o turismo, são os cafés e o restaurante, e o surf, essas coisas....

M.B.: Quais as intervenções mais urgentes?

A.B.: Acho que o problema do lixo, que é um problema grave (...) os caixotes são poucos e são mal utilizados, no verão até é melhor porque temos lixo da praia. Na praia metem caixotes grandes pelas praias todas e há essa recolha do lixo, então no verão há muita gente que usa os caixotes da praia, e até é bom porque no verão há mais turismo, há mais pessoas, há mais pessoas a levar o lixo.

M.B.: Mas se houvesse uma intervenção mesmo ao nível urbano?

A.B.: Para além das dunas e dos passadiços que era 'super' importante. Acho que se houvesse uma espécie de organização ao nível do transito, organizar o estacionamento de forma mais organizada e talvez até impedir alguns carros de estacionarem, talvez só permitir a entrada a moradores.

J.C.: Imagina, se se retirasse completamente a circulação viária da Cova do Vapor.

A.B.: Eu amava isso, era maravilhoso, devia ser permitida a entrada dos carros, quem tinha garagem podia aceder, cargas e descargas, até porque há imensas pessoas com dificuldades motoras aqui. aconteceria o caso de haver imensas exceções, porque há pessoas com aquele dístico para deficientes, é normal porque a população é envelhecida. Mas o ideal é que não houvesse carros. Havia muito mais espaços verdes, havia muito mais espaço para pôr canteiros.

M.B.: Nestes arruamentos sentes que há algum estrangulamento, alguma claustrofobia?

A.B.: Não.... É assim há um ou outro canto que realmente uma pessoa pensa “isto dantes era uma rua, e agora já é a casa de alguém” ... Há esta sensação, mas não me causa transtorno assim de maior, é sempre problemático no caso de haver um incêndio, ser preciso evacuar por alguma razão, haver uma evacuação de emergência, vai dar problemas, mas só nestes casos é que eu acho problemático, porque no dia a dia eu até acho engraçado, é giro parece uma Medina... Em caso de incêndio é que arde uma casa e arde logo a do lado, é tipo caixa de fósforos... nem os bombeiros... antes era pior porque havia mais casas em madeira....

J.C.: Para ti quem é o agente responsável para resolver os problemas da Cova do Vapor?

A.B.: Acho que aqui a intervenção é mesmo complicada, existem várias autoridades com jurisdição na área, ou pelo menos com jurisdição em parte da zona, mas por acaso é engraçado, como se vem a notar, por exemplo agora no caso de quando veio esta ‘onda’ muito grande, as autoridades, por mais que este sitio parece que está ao abandono, quando acontece qualquer coisa, as autoridades apareceram todas, no fundo ninguém é responsável e toda a gente é responsável.

M.B.: Como é que as autoridades souberam do que se passou?

A.B.: Isso foi a associação de moradores, a associação de moradores chamou as autoridades responsáveis para virem ver.

A associação de moradores é a entidade responsável aqui para representar os moradores e estes problemas e estas questões que têm mais a haver com a segurança e com a qualidade de vida assim de base, como os acessos, a limpeza.

J.C.: Achas que é mesmo a associação de moradores que devia ter esse trabalho ou é a junta ou a câmara?

A.B.: É importantíssimo que acha uma associação e a associação deve ser o mais ativa possível e também tem o papel de cativar os moradores e as pessoas que são amigas da Cova do Vapor para também tomarem parte dentro destas responsabilidades. Mas também se estivermos em Lisboa não nos preocupamos com nada e tudo nos acontece, e aqui não é bem assim, aqui as pessoas têm de se mexer muito mais, isto é realmente injusto porque há outros casos em que as pessoas não precisam de fazer isso.. Agora isto é muito relativo.

J.C.: No caso de algum agente intervir aqui na Cova do Vapor e se a tua casa fosse demolida, e se abdicasses disso para criar uma praça ou um jardim, um espaço público. Preferias ser indemnizada, realojada aqui na Cova do Vapor, ou qualquer uma das hipóteses está fora de questão, tu queres é continuar aqui... sempre pensando que esta intervenção era para o bem comum da comunidade?

A.B.: Eu não sou uma pessoa de ter um apego gigante às coisas materiais, só que esta casa para mim representa... não é só uma casa. Fui eu que fiz a casa, a maior parte foi o meu pai que desenhou e eu fiz... aí acresce um valor, além disso é a minha fonte de rendimento, portanto se eu abdicar disto a indemnização é acima de qualquer valor de indemnização possível, a partir daí já não posso dizer que preferia ser indemnizada, porque até podia dizer que preferia ser indemnizada, mas é o valor justo... tentem arranjar um valor justo para isto.... Não conseguem, por isso obviamente eu quero ficar aqui porque não tenho outra solução. Aos meus olhos isto é a melhor coisa que eu tenho e permite o meu sustento, permite me investir em obras de melhoramento que a cada ano me dão um rendimento maior que fazem com que de futuro possa tomar conta dos meus pais e ter uma família...

M.B.: Sentes que este projeto do “Bugio À vista” (o Hostel), que em parte é um motor da dinâmica económica da Cova do Vapor?

A.B.: Sim, às vezes penso nisso.

M.B.: Eras capaz de abdicar do teu quintal ou da cave para o bem da comunidade?

A.B.: Para jardins sim, estacionamento não, carro para outra pessoa, não.

INQUERITOS

MODELO DO INQUERITO AOS MORADORES DA COVA DO VAPOR

GÉNERO: Feminino: Masculino: **FAIXA ETÁRIA:** 18-24: 25- 64: +65:

NÍVEL DE INSTRUÇÃO: NSL/NSE 1º Ciclo 2º Ciclo 3º Ciclo

Secundário Licen./Mestr./Dout.

NACIONALIDADE: Portuguesa: Outra:

OCUPAÇÃO: Estudante: Empregado: Desempregado: Reformado:

MORADOR RESIDENTE? _____ se sim, há quantos anos reside: _____

PERTENCE À ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES: _____

QUANTOS IMÓVEIS POSSUI NA COVA DO VAPOR: _____

MEMBROS DO AGREGADO FAMILIAR: _____

NÚMERO DA PORTA: _____ **NR** **PROPRIETÁRIO:**
INQUILINO:

HABITAÇÃO REGISTADA NA CONSERVATÓRIA: _____ **PAGA IMI:** _____

OBTEM O USUCAPIÃO DO SEU LOTE: _____

A SUA HABITAÇÃO TEM: ACESSO AO SANEAMENTO PÚBLICO: _____

ÁGUA POTÁVEL:

GÁS: LUZ:

TIPOLOGIA DOS FOGOS: T1 T2 T3 T4 **ÁREA:** _____

CONDIÇÕES DE HABITABILIDADE / ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

COMO CLASSIFICA A COVA DO VAPOR:

QUAIS SÃO OS PRINCÍPAIS PROBLEMAS DESTE LOCAL:

QUAIS SÃO AS INTERVENÇÕES MAIS URGENTES:

QUEM É O AGENTE RESPONSÁVEL PARA RESOLVER OS PROBLEMAS DA COVA DO VAPOR:

NO CASO DE ALGUM AGENTE INTERVIR NESTE LOCAL, GOSTARIA DE SER:
INDEMIZADO REALOJADO IMÓVEL REABILITADO PORQUÊ?

Este inquérito foi realizado pelos alunos Hugo Abreu, Joana Fernandes e Miguel Batista da Faculdade de Arquitectura de Lisboa.

Foi realizado nos dias 5, 6 e 7 de Março de 2018 e foram analisados 15 inquéritos.

O questionário foi dirigido a toda a população residente da Cova do Vapor com o objectivo de caracterizar a população, compreender as condições de habitabilidade e identificar os problemas/ameaças do local, no ponto de vista dos moradores.

Habitacões: cerca de 350, das quais 90 habitadas em permanência;

População residente: 200 pessoas;

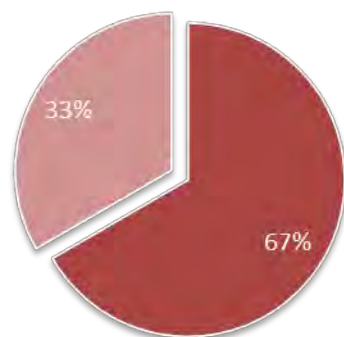
Sócios da Associação de Moradores: 400 pessoas.

Dados fornecidos pelo estudo do jornalista José António Cerejo, 2002

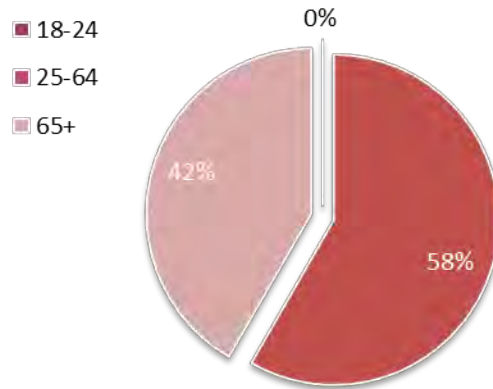
Dados recolhidos pelos questionários:

GÉNERO

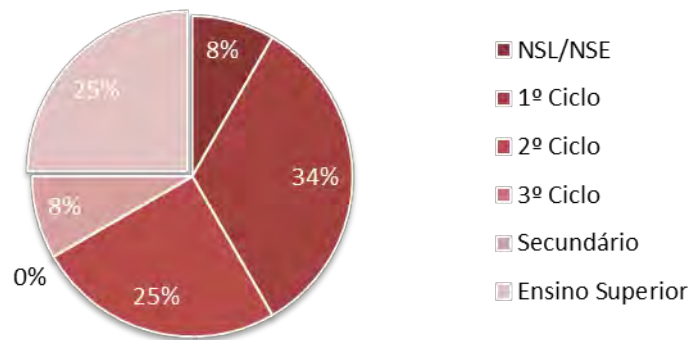
■ Feminino
■ Masculino



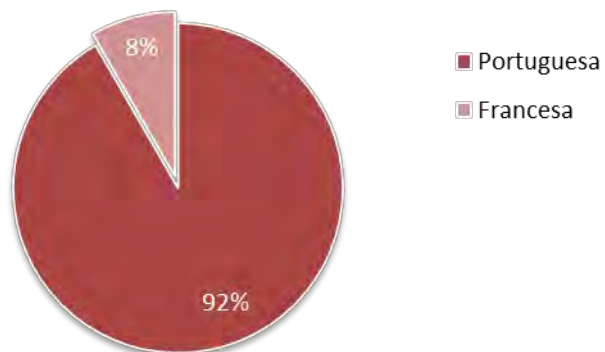
FAIXA ETÁRIA



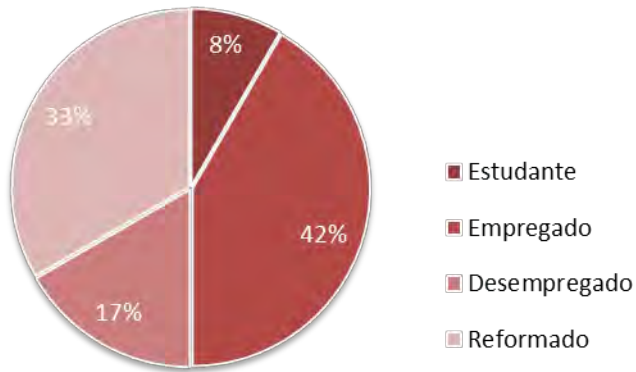
NÍVEL DE INSTRUÇÃO



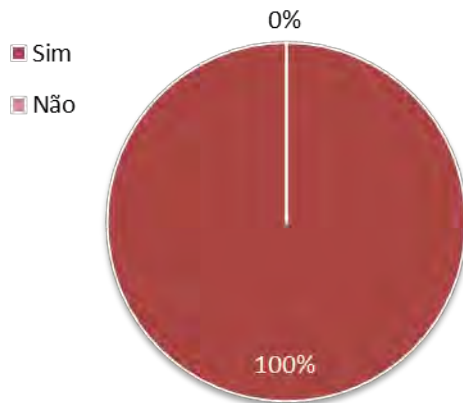
NACIONALIDADE



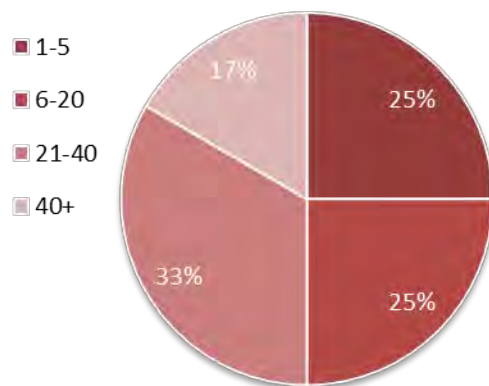
OCUPAÇÃO



MORADOR RESIDENTE?

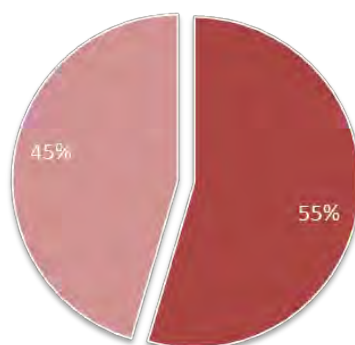


SE SIM, HÁ QUANTOS ANOS RESIDE?



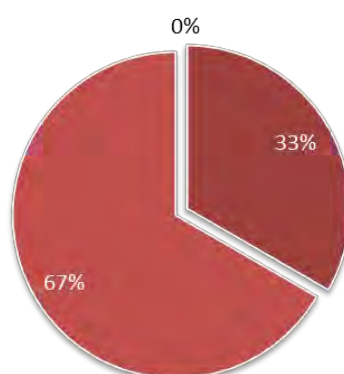
PERTENCE À ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES?

- Sim
- Não



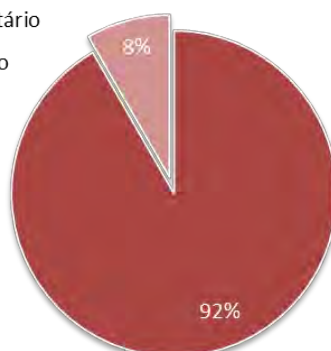
QUANTOS IMÓVEIS POSSUI NA COVA DO VAPOR?

- 1
- 2
- 3



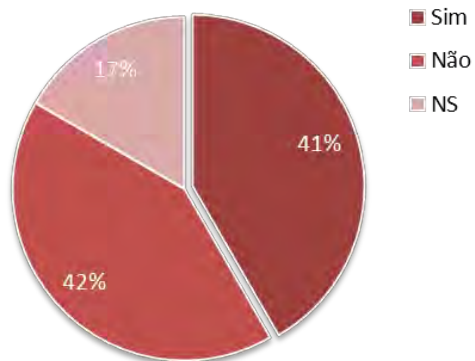
PROPRITÁRIO DO IMÓVEL?

- Proprietário
- Inquilino

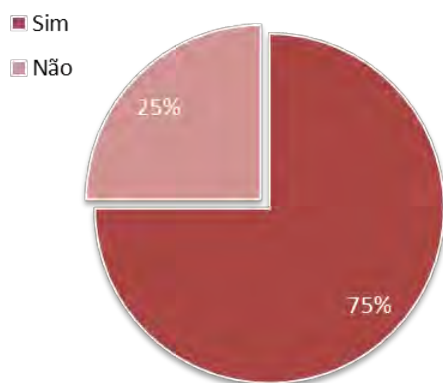


REALIZAMOS UMA MÉDIA SOBRE OS MEMBROS DO AGRAGADO FAMILIAR DE TODOS OS INQUIRIDOS, O QUE RESULTOU EM 2,4 MEMBROS POR CADA AGREGADO FAMILIAR.

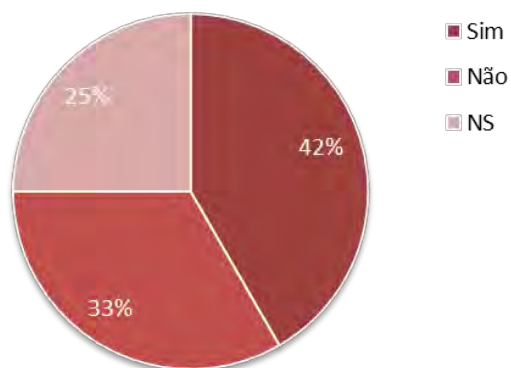
HABITAÇÃO REGISTRADA NA CONSERVATÓRIA?

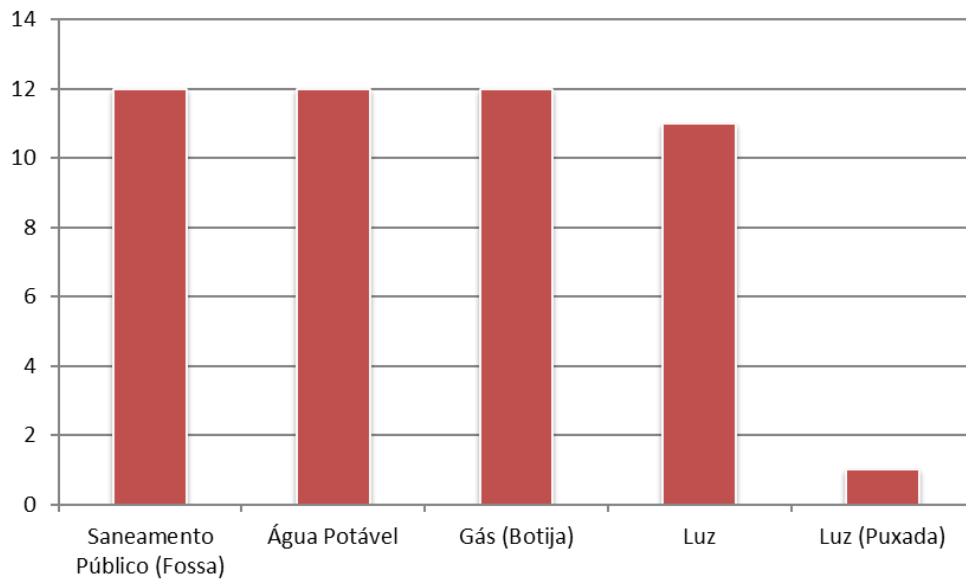


PAGA IMI?

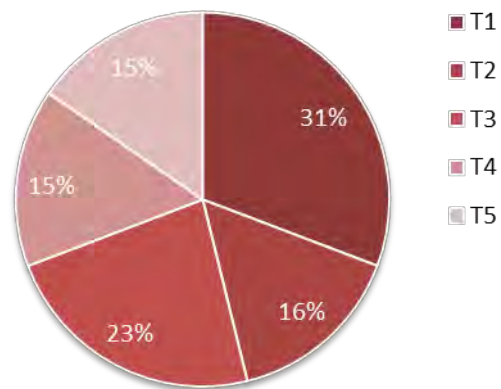


USUCAPIÃO DA PROPRIEDADE:





TIPOLOGIA DOS FOGOS:

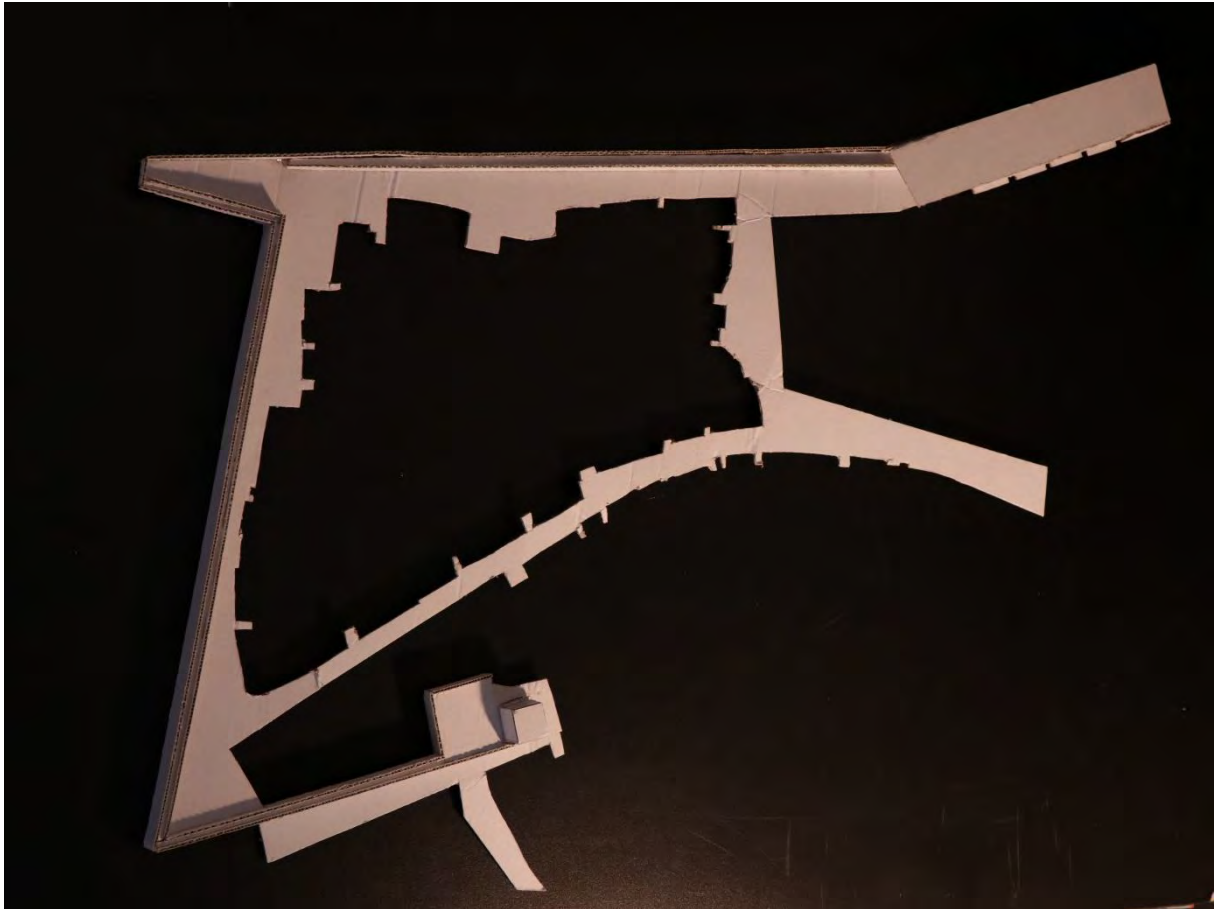


MAQUETES DE ESTUDO



Figura 109 -
Maquete de
estudo do
edificado da
Cova do Vapor,
escala 1/500.
Elaborado pela
autora.





**Figura 110 -
Maquete de
estudo,
intervenção
no espaço
público, Cova
do Vapor,
escala 1/500.
Elaborado
pela autora.**

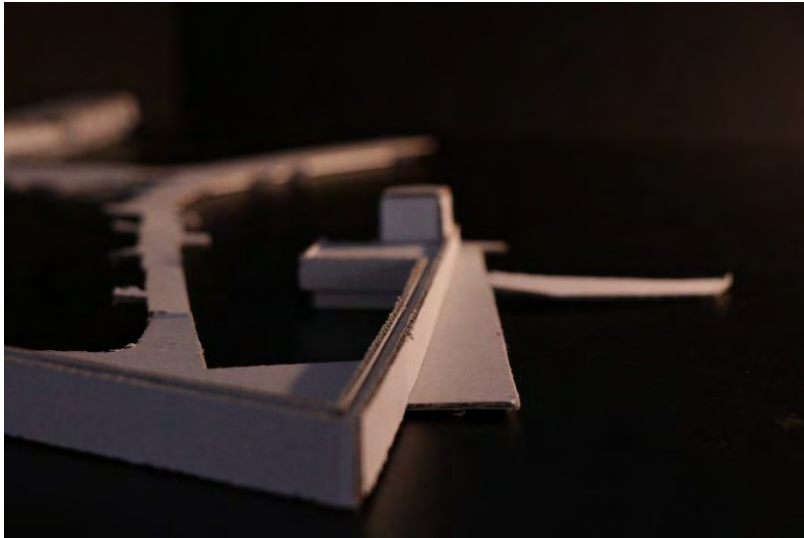
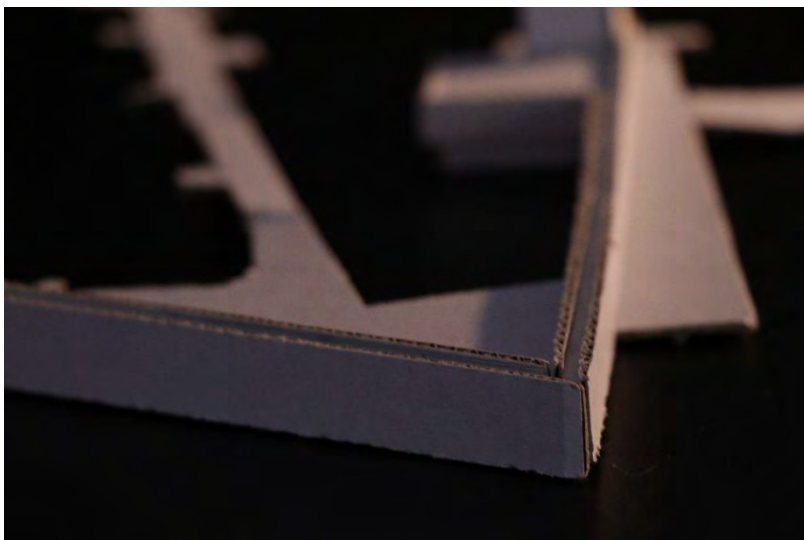
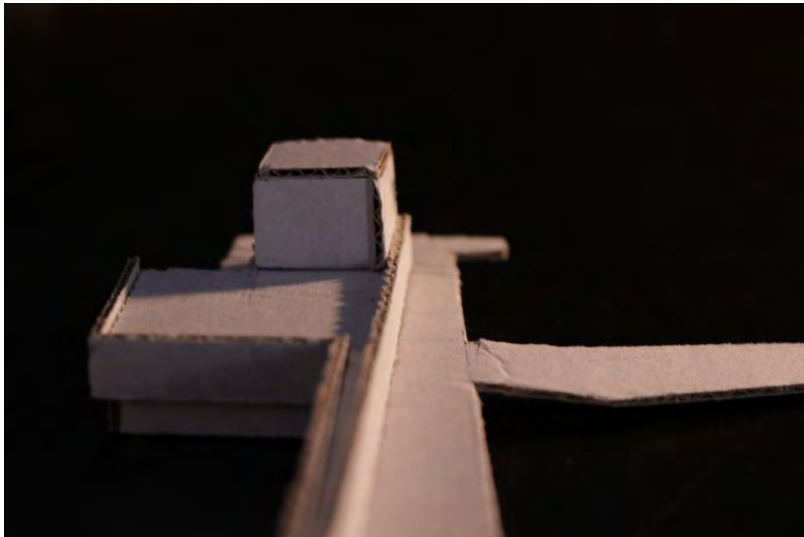


Figura 111 -
Maquete de estudo,
intervenção no espaço público,
Cova do Vapor,
escala 1/500.
Elaborado pela autora



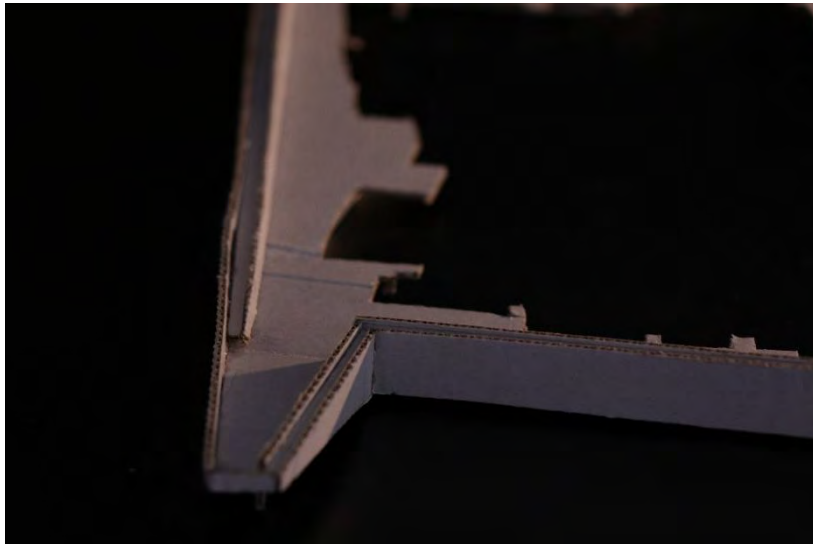


Figura 112 -
Maquete de
estudo,
intervenção no
espaço público,
Cova do Vapor,
escala 1/500.
Elaborado pela
autora



Figura 113 - Maquete de estudo, intervenção no espaço público, Pontão, Cova do Vapor, escala 1/500. Elaborado pela autora



Figura 114 -
Maquete de
estudo,
intervenção no
espaço público,
Cova do Vapor,
escala 1/500.
Elaborado pela
autora



Figura 115 - Maquete de estudo, intervenção no espaço público, Cova do Vapor, escala 1/500. Elaborado pela autora

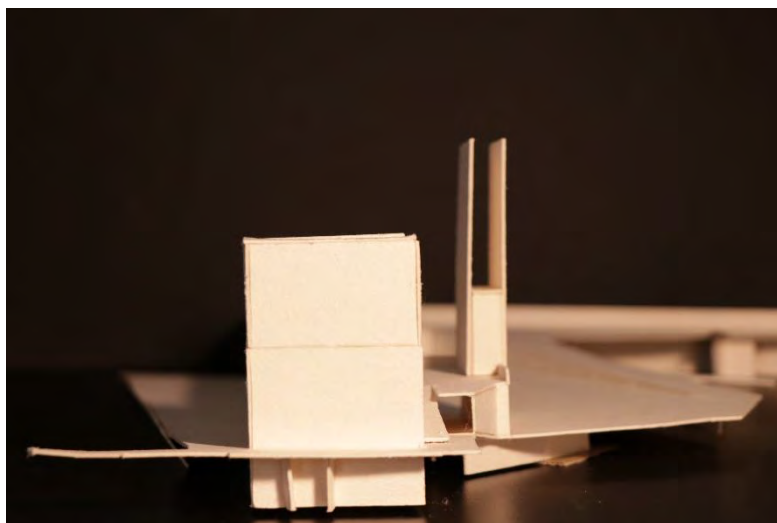
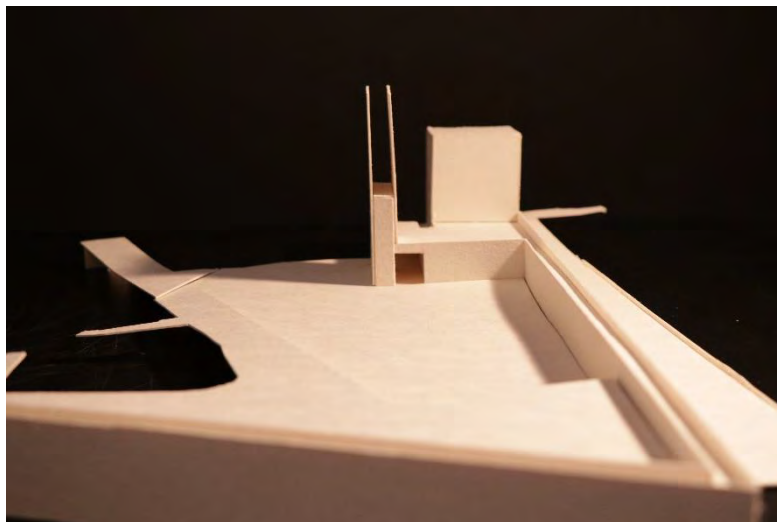
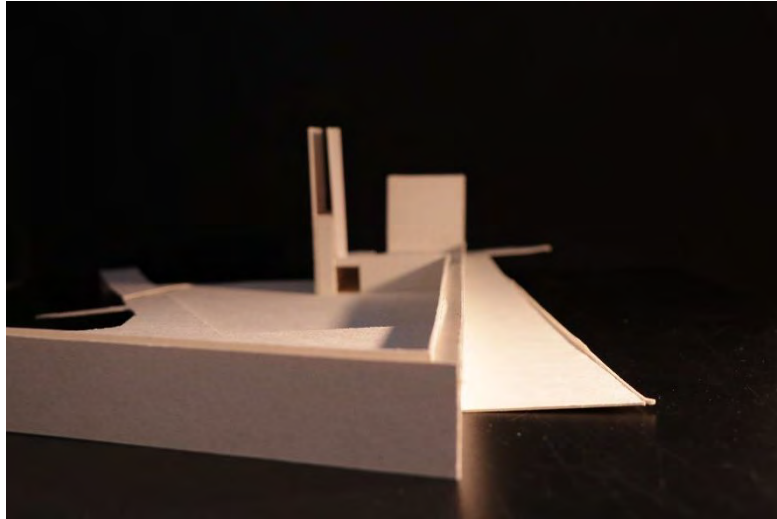


Figura 116 -
Maquete de estudo,
intervenção na
praça principal,
Cova do Vapor,
escala 1/200.
Elaborado pela
autora

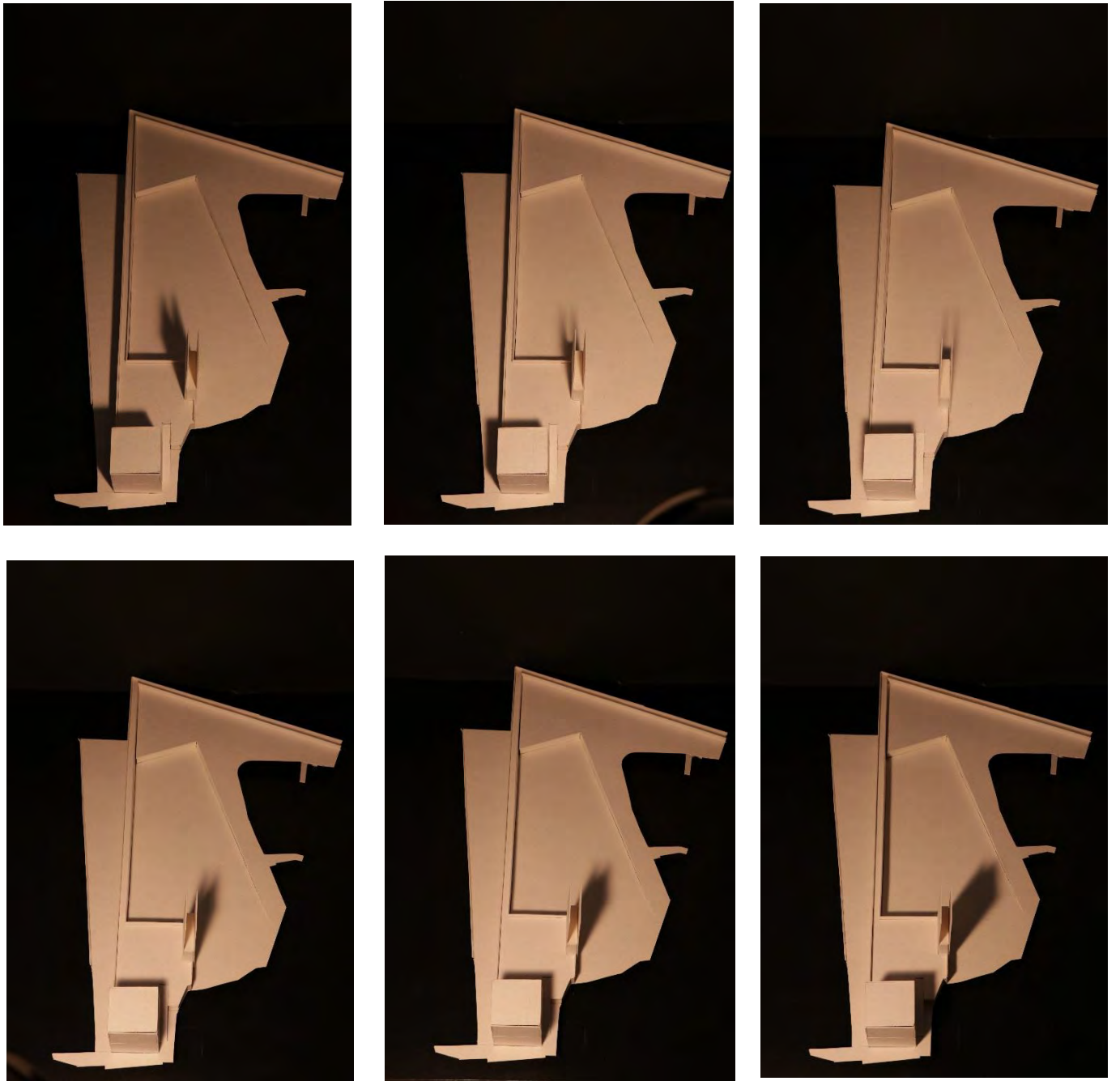


Figura 117 - Maquete de estudo, intervenção na praça principal, Cova do Vapor, escala 1/200. Sequência dos momentos do dia. Elaborado pela autora

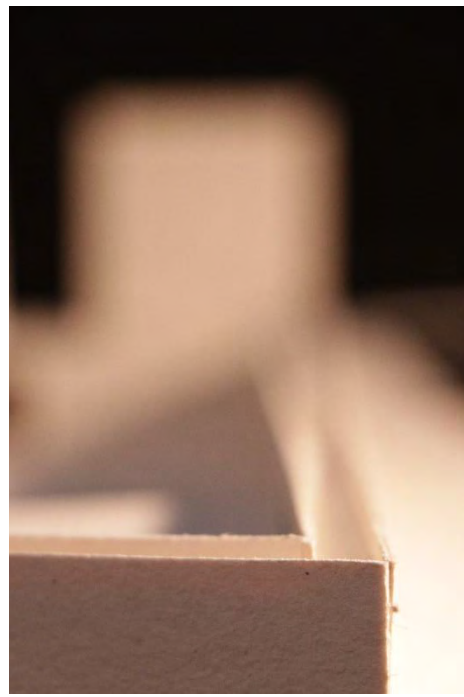
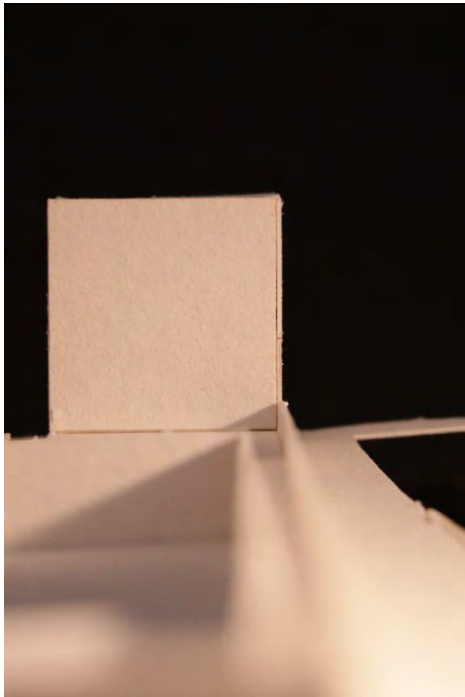


Figura 118 - Maquete de estudo, intervenção na praça principal, Cova do Vapor, escala 1/200. Elaborado pela autora

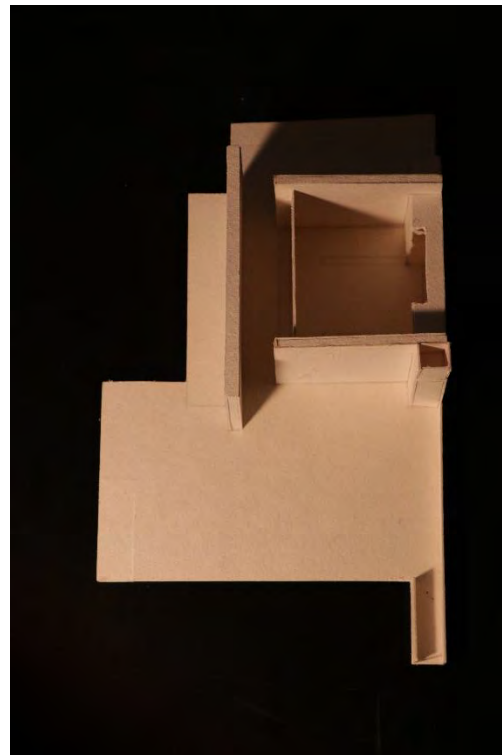
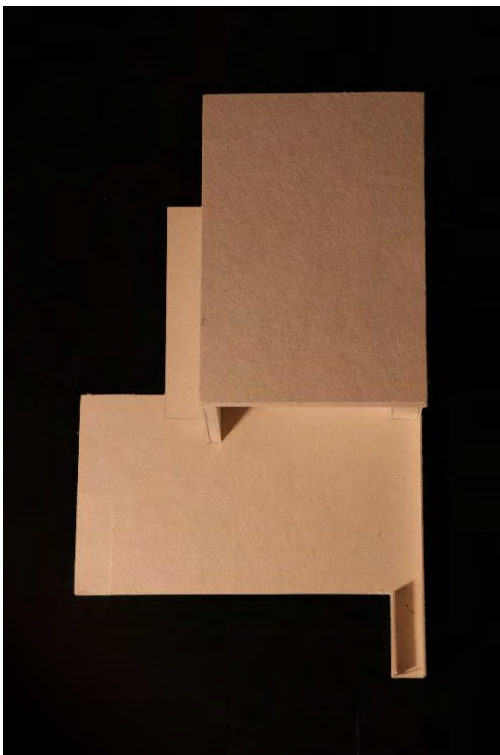


Figura 119 -
Maquete de estudo,
Capela + Adro, Cova
do Vapor, escala
1/100. Elaborado
pela autora

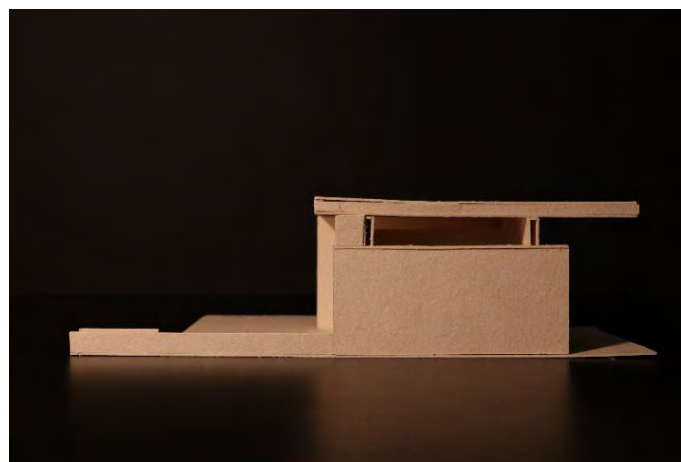
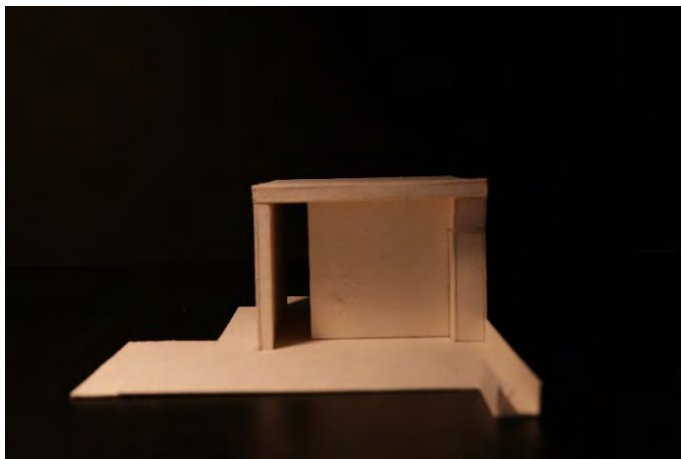
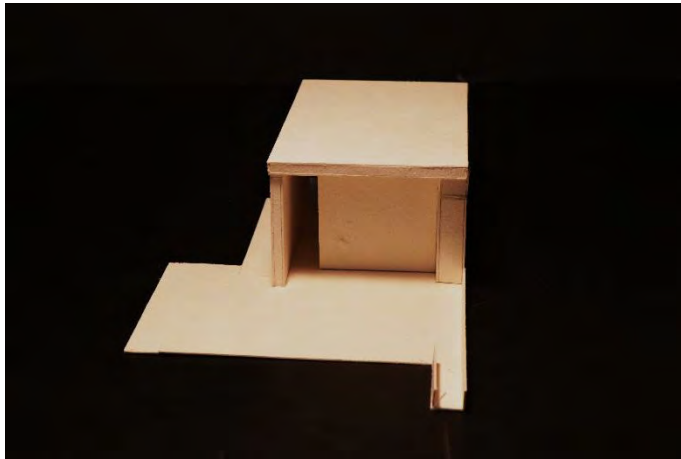
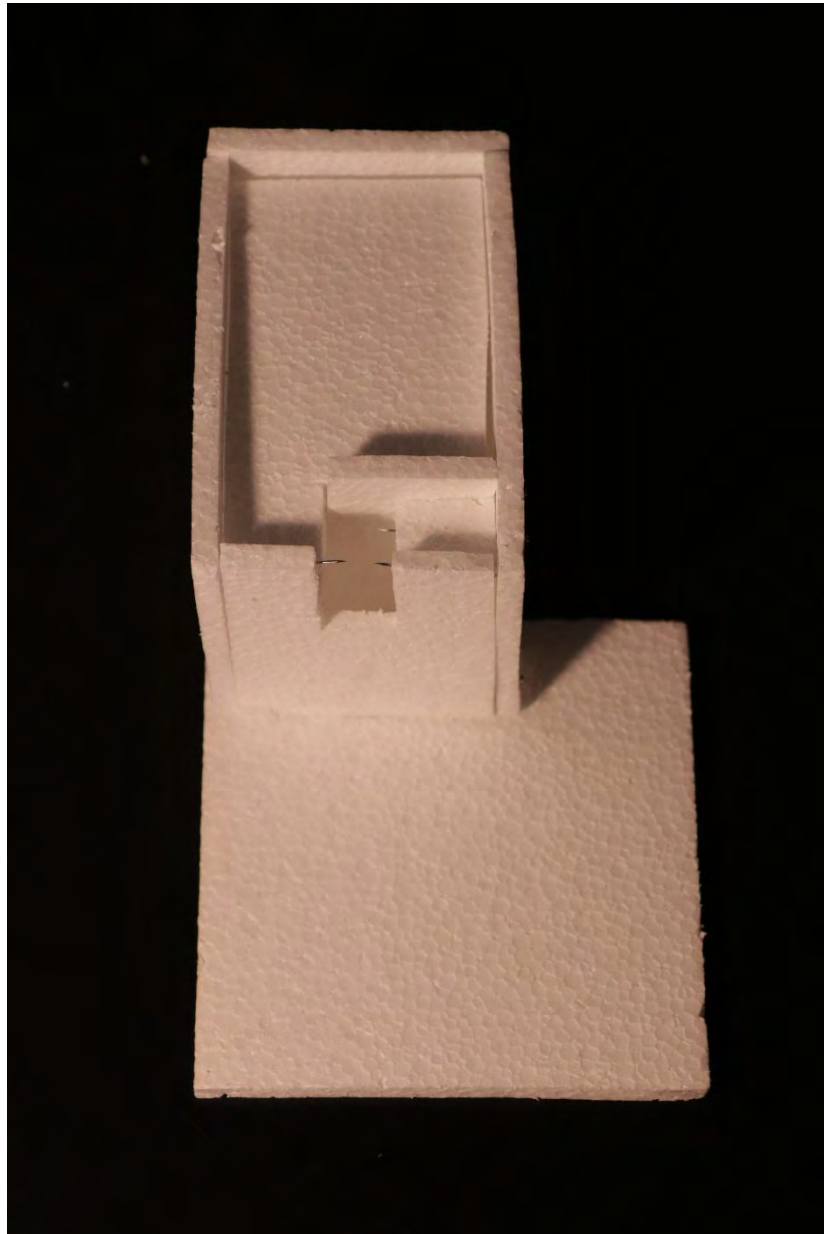


Figura 120 -
Maquete de
estudo, Capela +
Adro, Cova do
Vapor, escala
1/100. Elaborado
pela autora

**Figura 121 -
Maquete estudo,
Capela do
Monte, Arq. Siza
Vieira. Elaborado
pela autora**



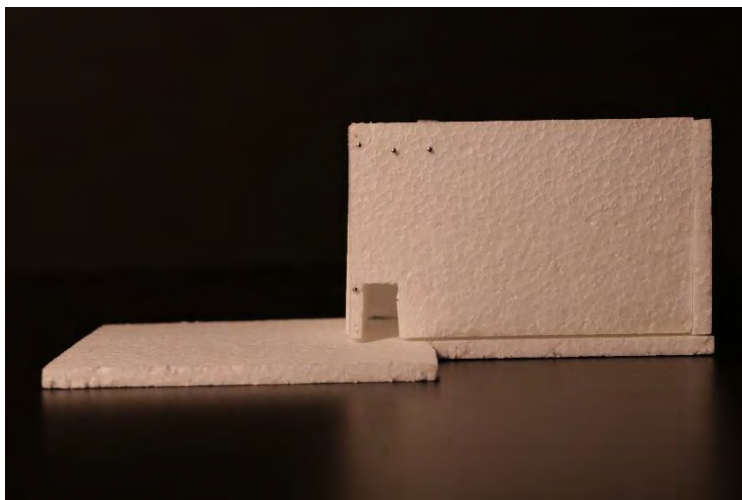
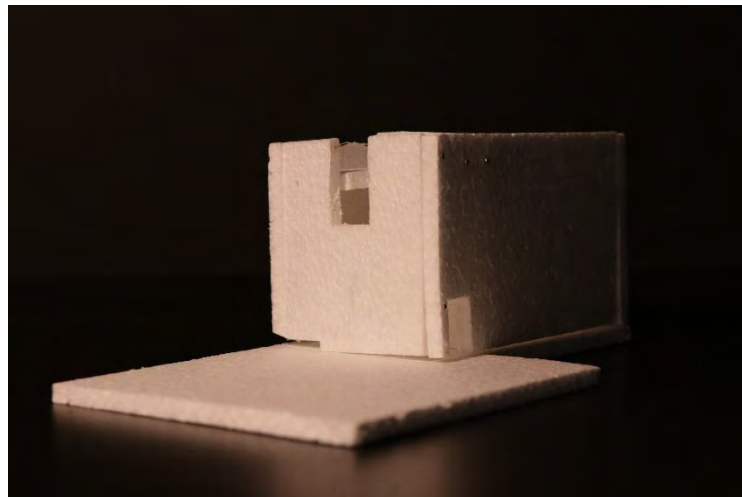
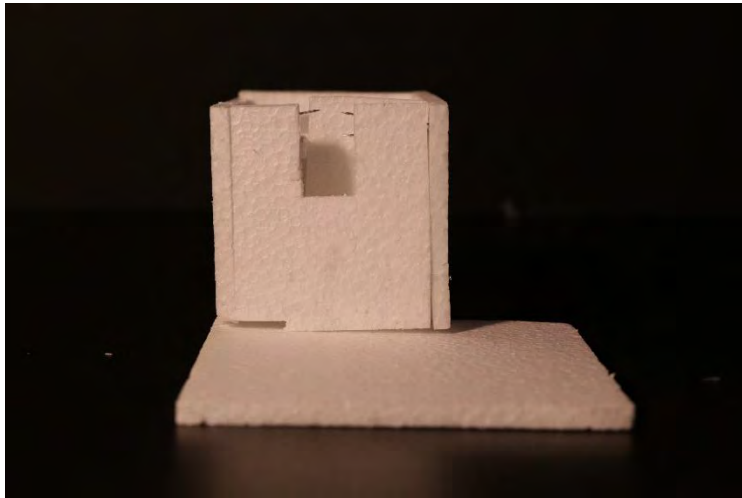
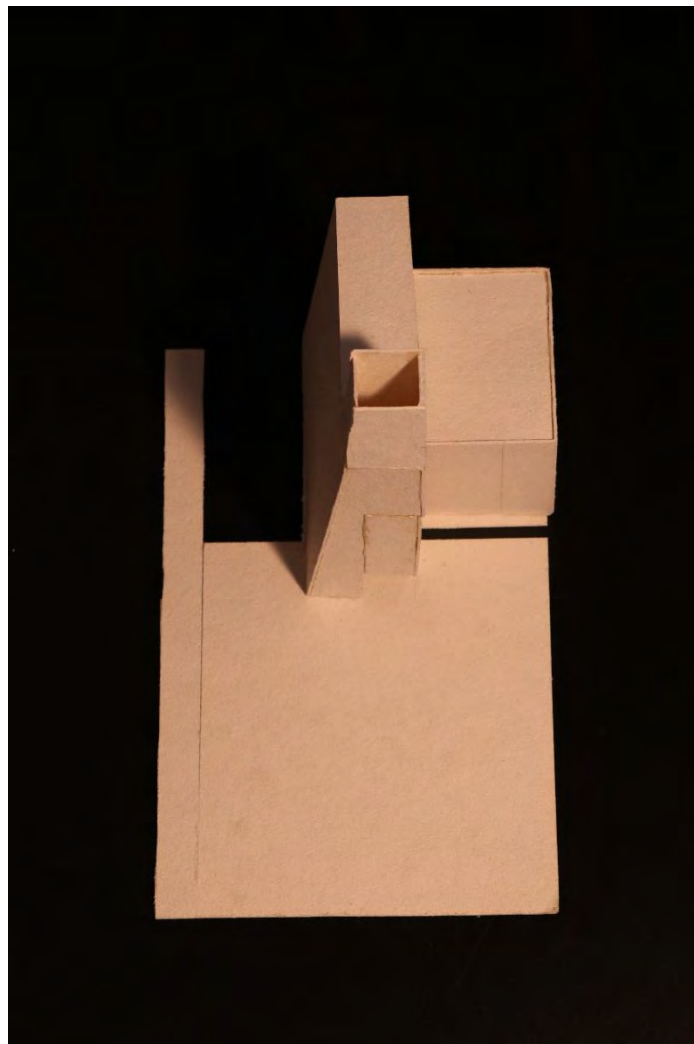


Figura 122 -
Maquete
estudo, Capela
do Monte, Arq.
Siza Vieira.
Elaborado pela
autora

**Figura 123 -
Maquete de
estudo, Capela +
Adro, Cova do
Vapor, escala
1/100. Elaborado
pela autora**



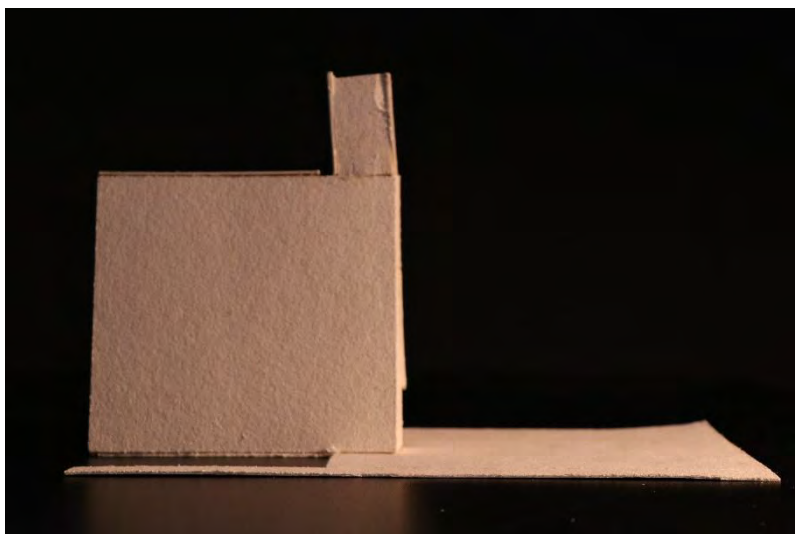
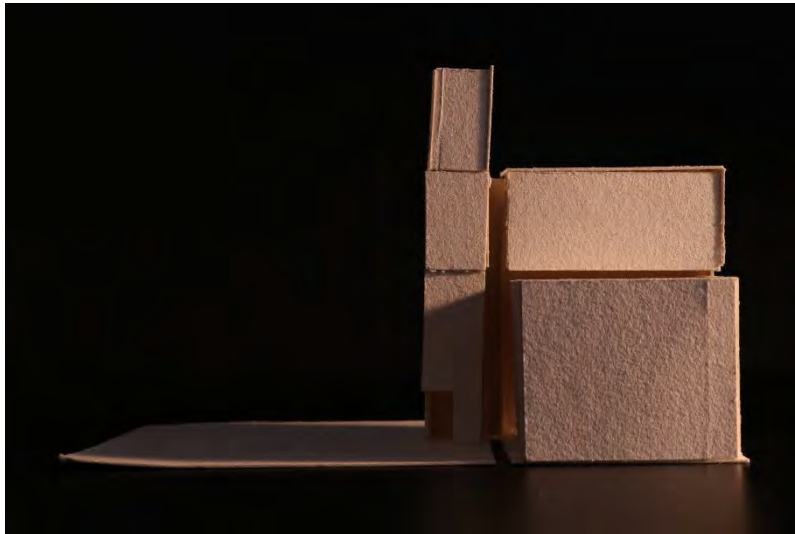


Figura 124 -
Maquete de
estudo, Capela
+ Adro, Cova do
Vapor, escala
1/100.
Elaborado pela
autora

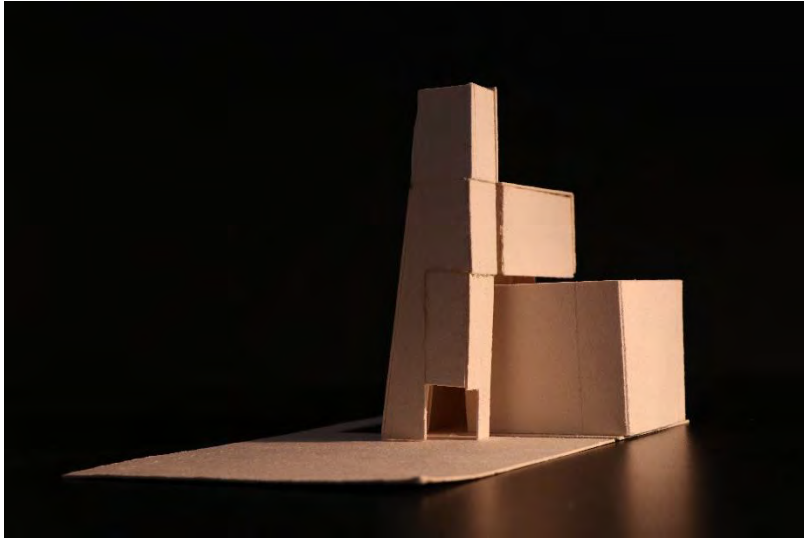
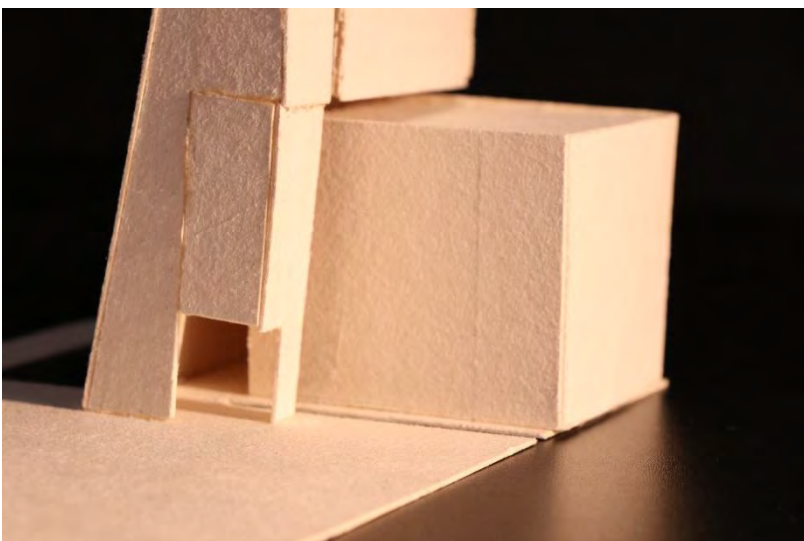
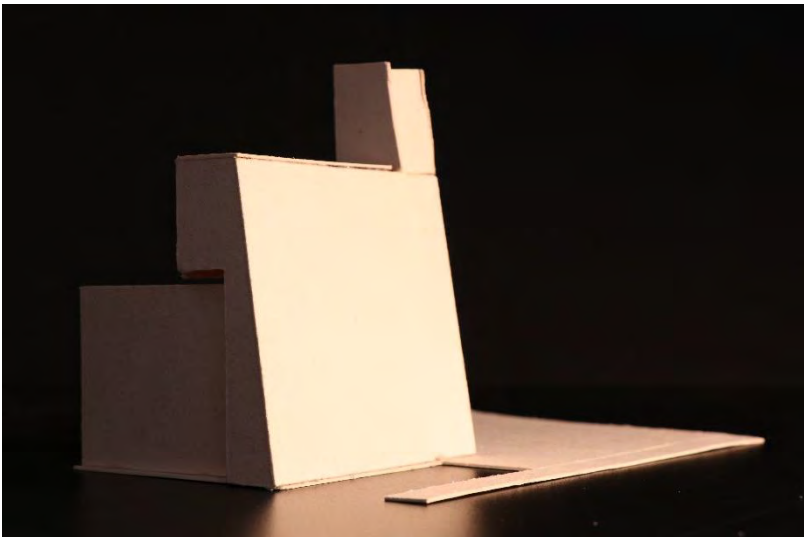


Figura 125 -
Maquete de
estudo, Capela
+ Adro, Cova
do Vapor,
escala 1/100.
Elaborado pela
autora



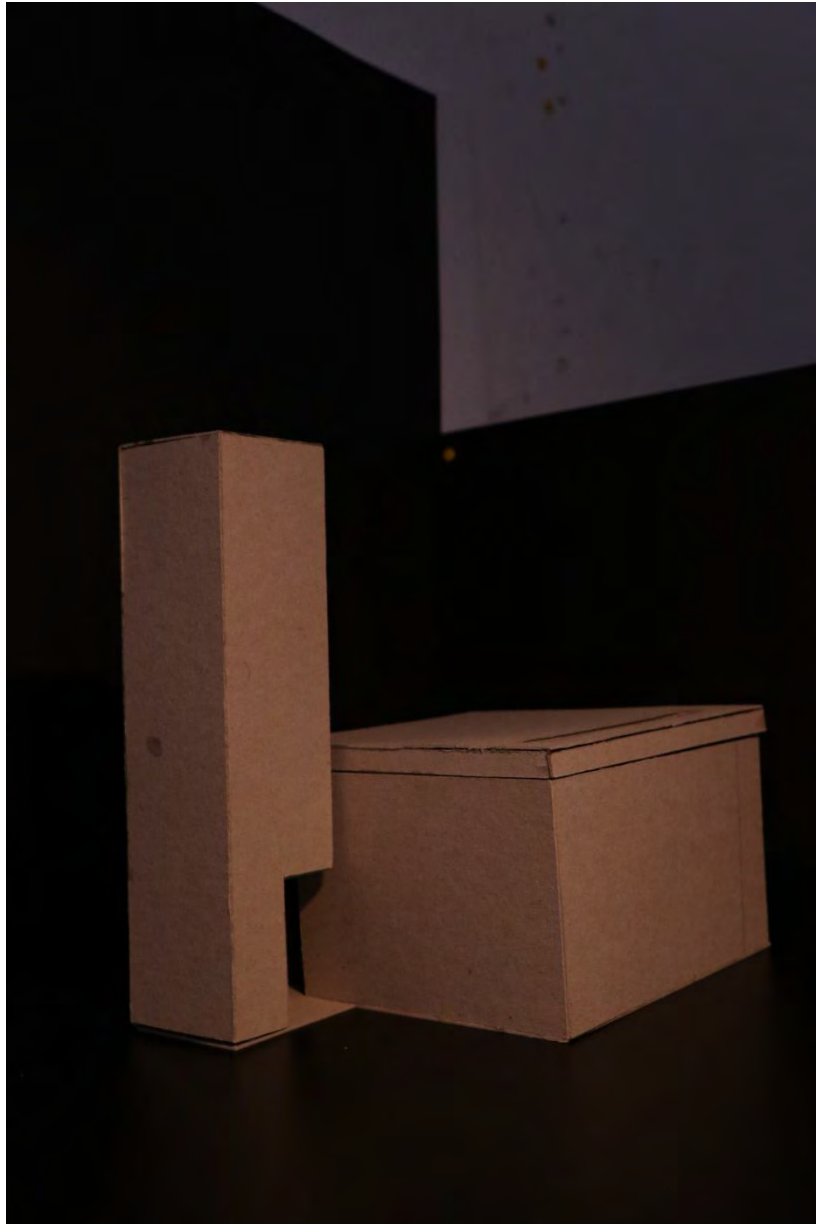


Figura 126 -
Maquete de
estudo, Capela,
Cova do Vapor,
escala 1/50.
Elaborado pela
autora

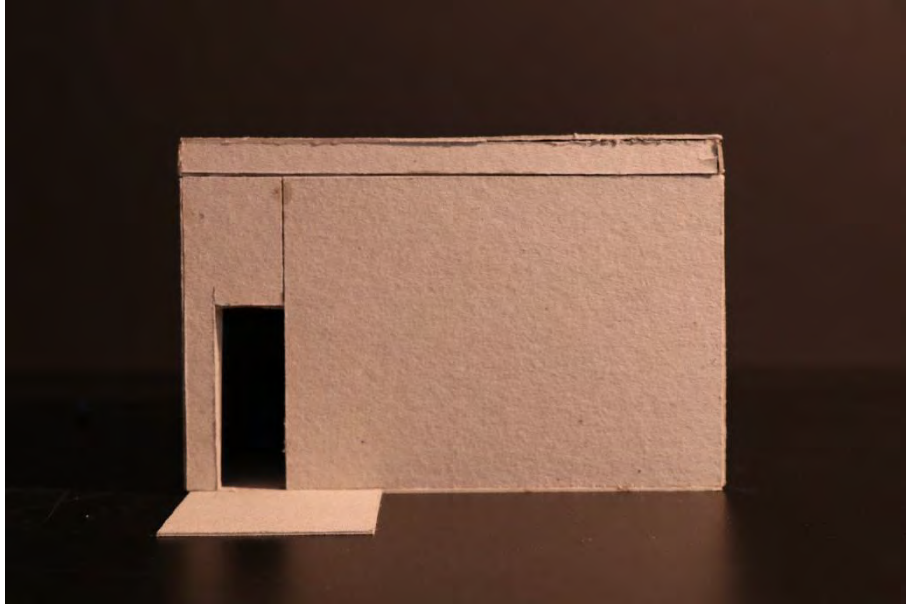
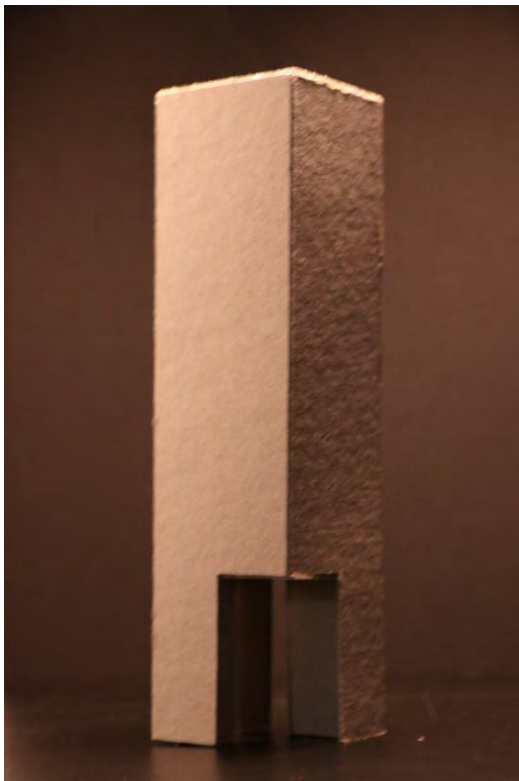


Figura 127 -
Maquete de
estudo,
Capela, Cova
do Vapor,
escala 1/50.
Elaborado
pela autora



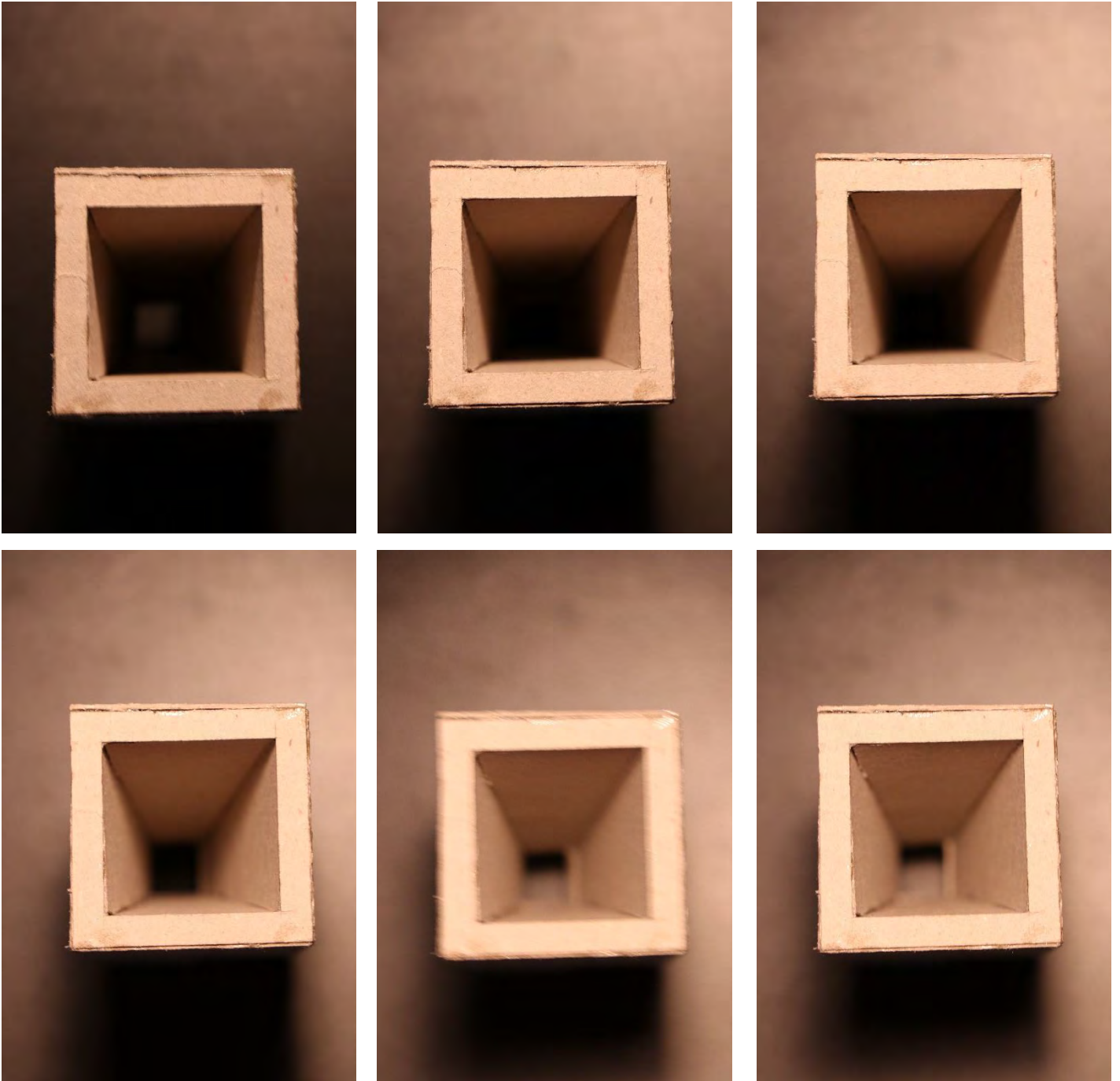


Figura 128 -
Maquete de estudo,
Capela e a Torre
Sineira, Cova do
Vapor, escala 1/50.
Elaborado pela
autora

MAQUETES FINAIS

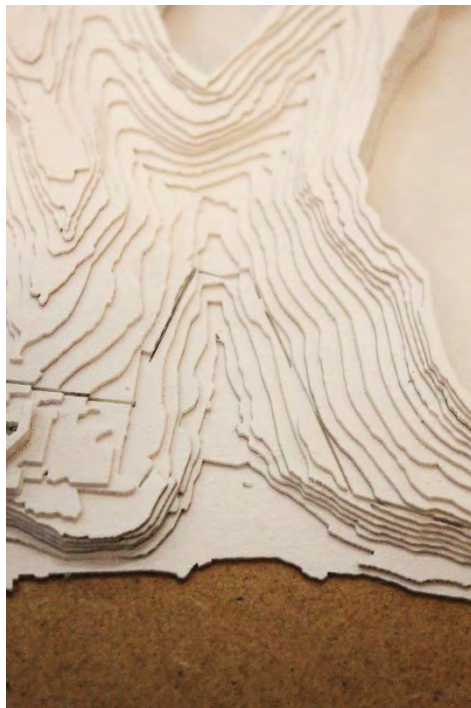


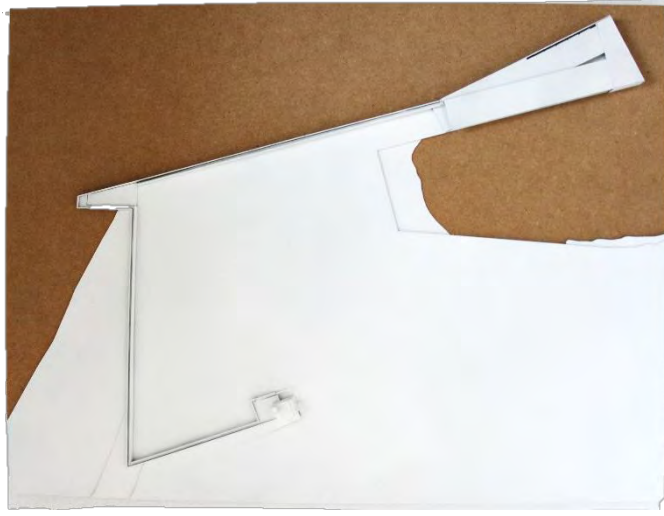
Figura 129 - Maquete da estratégica intervenção | Concelho de Almada, Trafaria | 1/5000



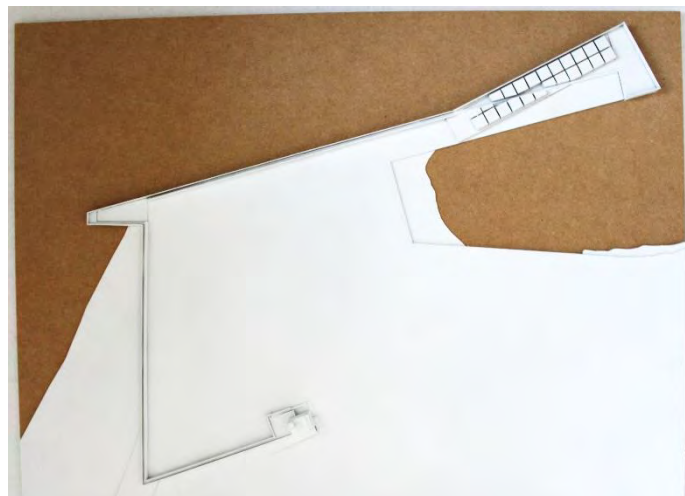
Figura 130 - Maquete da estratégica intervenção |
Concelho de Almada, Trafaria | 1/5000

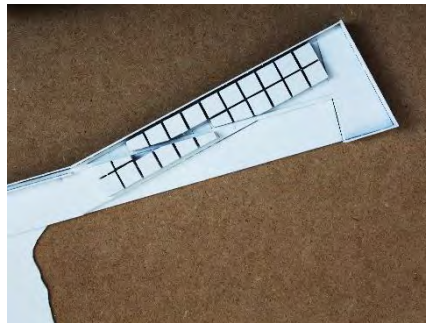


**Figura 131 -
Maquete da
estratégica
intervenção |
Concelho de
Almada, Trafaria |
1/5000**



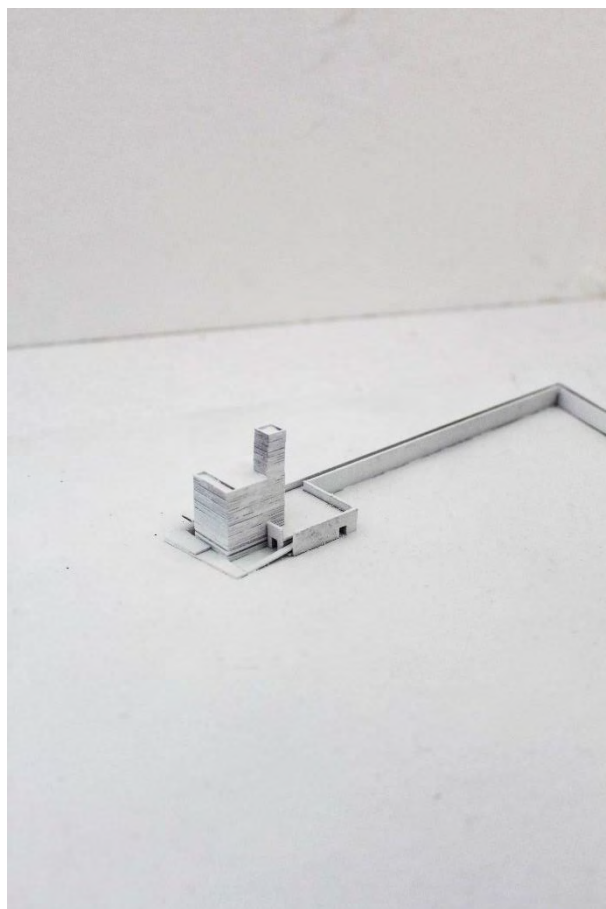
**Figura 132 –
Maquete da
Intervenção
Urbana, Os
Limites da Cova
do Vapor | 1/500**

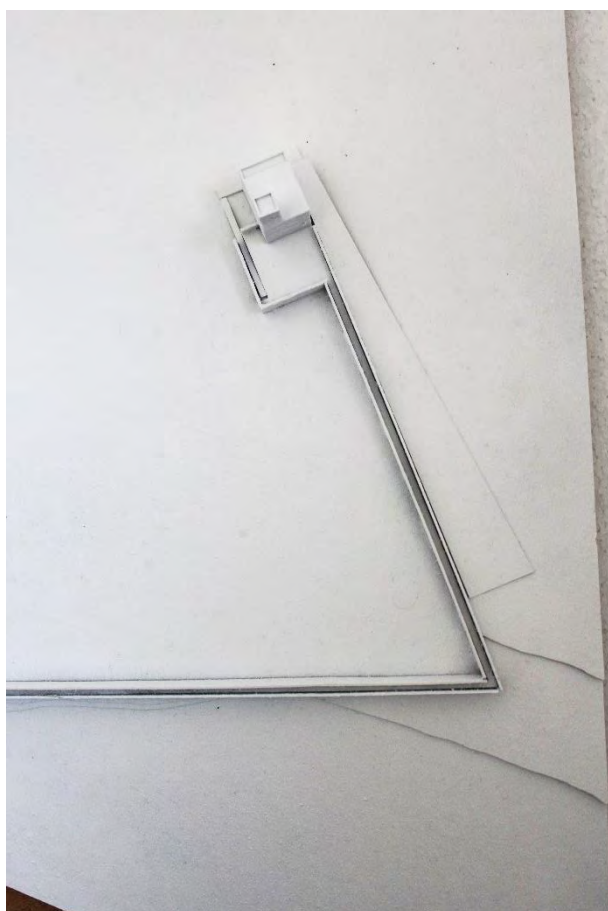




**Figura 133 –
Maquete da
Intervenção
Urbana, Os
Limites da Cova
do Vapor |
Proposta para o
Porto de Abrigo|
1/500**

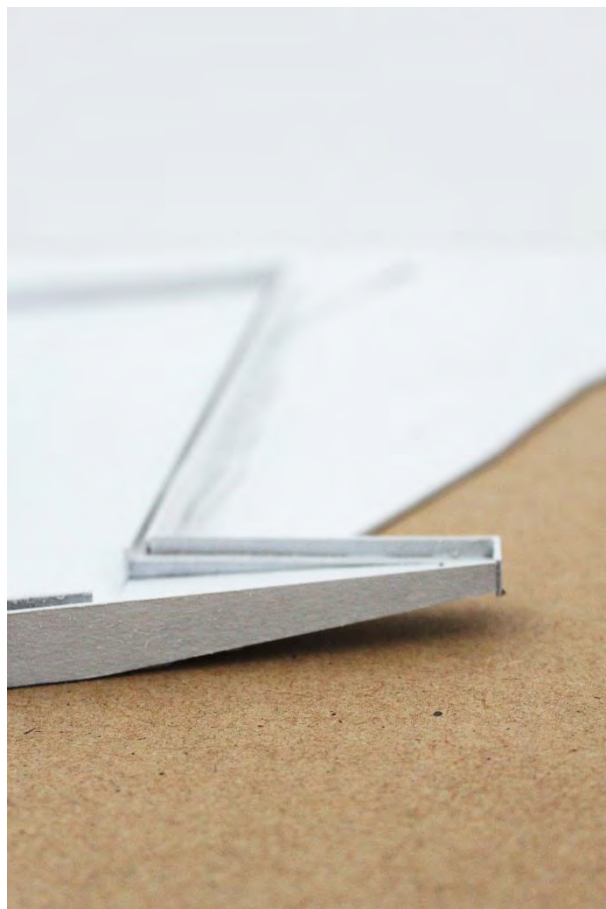
**Figura 134 -
Maquete da
Intervenção
Urbana, Os
Limites da Cova
do Vapor | A
Muralha e a
Capela | 1/500**





**Figura 135 -
Maquete da
Intervenção
Urbana, Os
Limites da Cova
do Vapor | A
Muralha e a
Capela | 1/500**

**Figura 136 -
Maquete da
Intervenção
Urbana, Os
Limites da
Cova do Vapor
| Miradouro |
1/500**





**Figura 137 -
Maquete da
Intervenção
Urbana, Os
Limites da Cova
do Vapor | O
Porto de
Abrigo | 1/500**

Figura 138 -
Maquete
Edificado da
Cova do
Vapor | 1/200

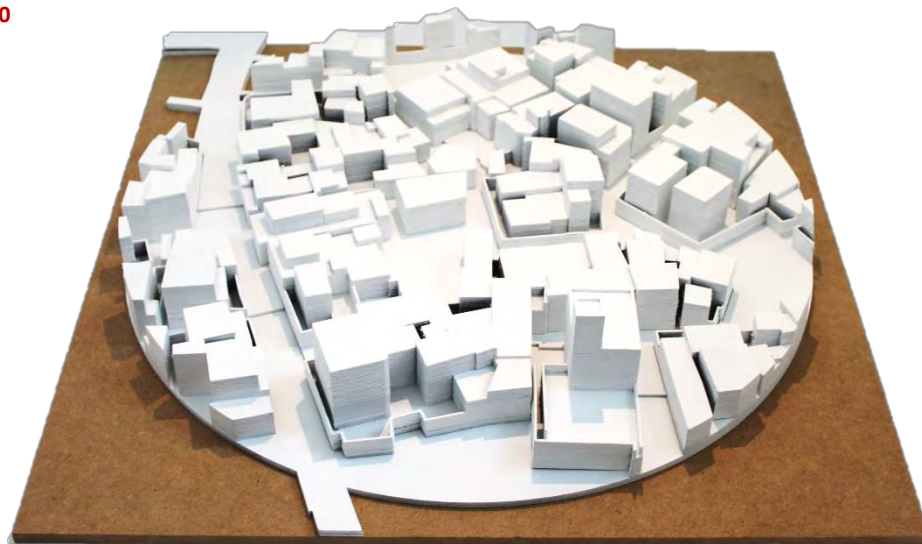




Figura 139 - Maquete Edificado da Cova do Vapor | 1/200



Figura 140 - Maquete Edificado da Cova do Vapor | 1/200

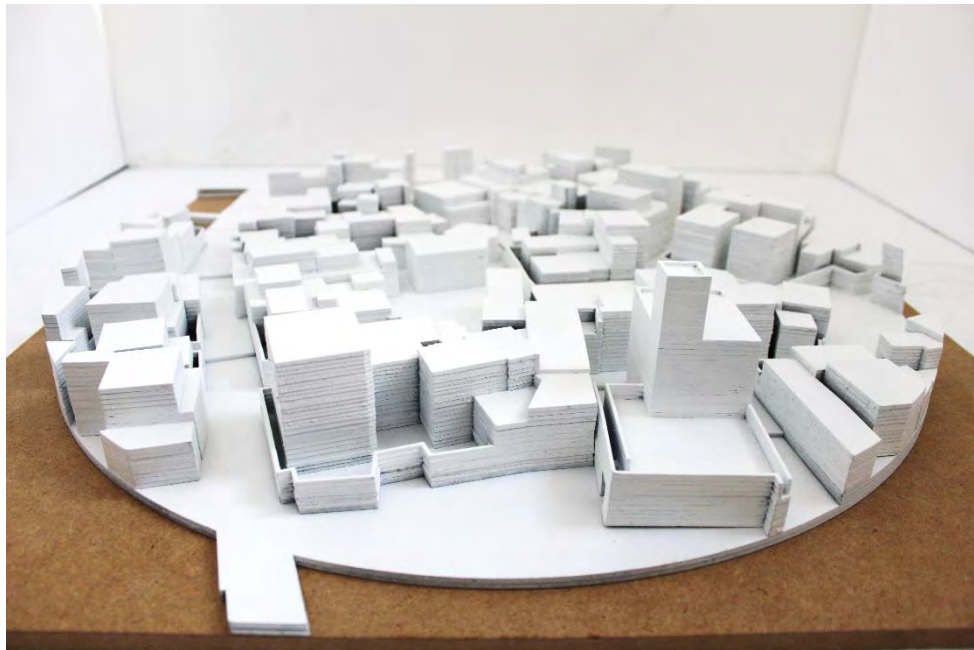


Figura 141 - Maquete Edificado da Cova do Vapor | 1/200

Figura 142 -
Maquete |
Capela + Adro
| 1/100

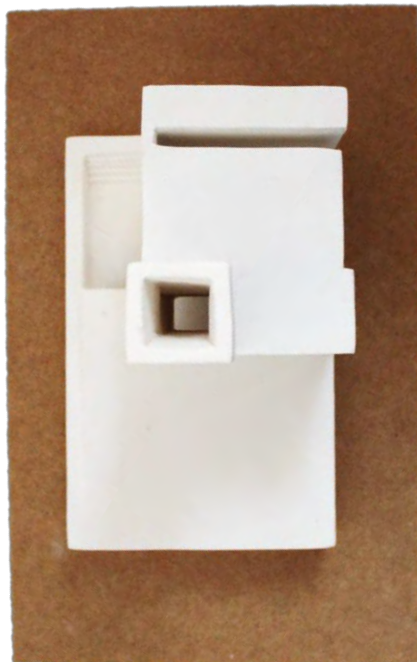




Figura 143 - Maquete | Capela + Adro | 1/100

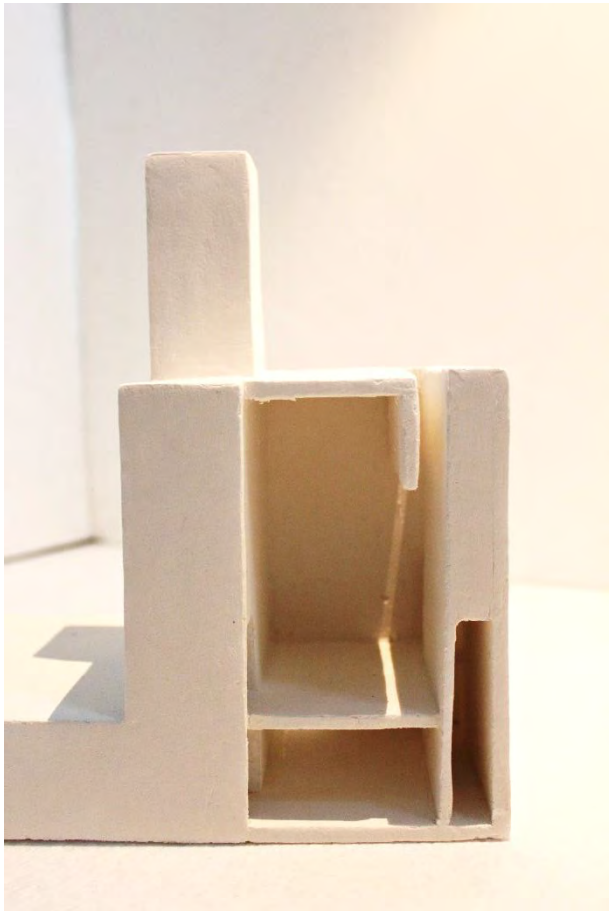


Figura 144 - Maquete | Capela + Adro | 1/100

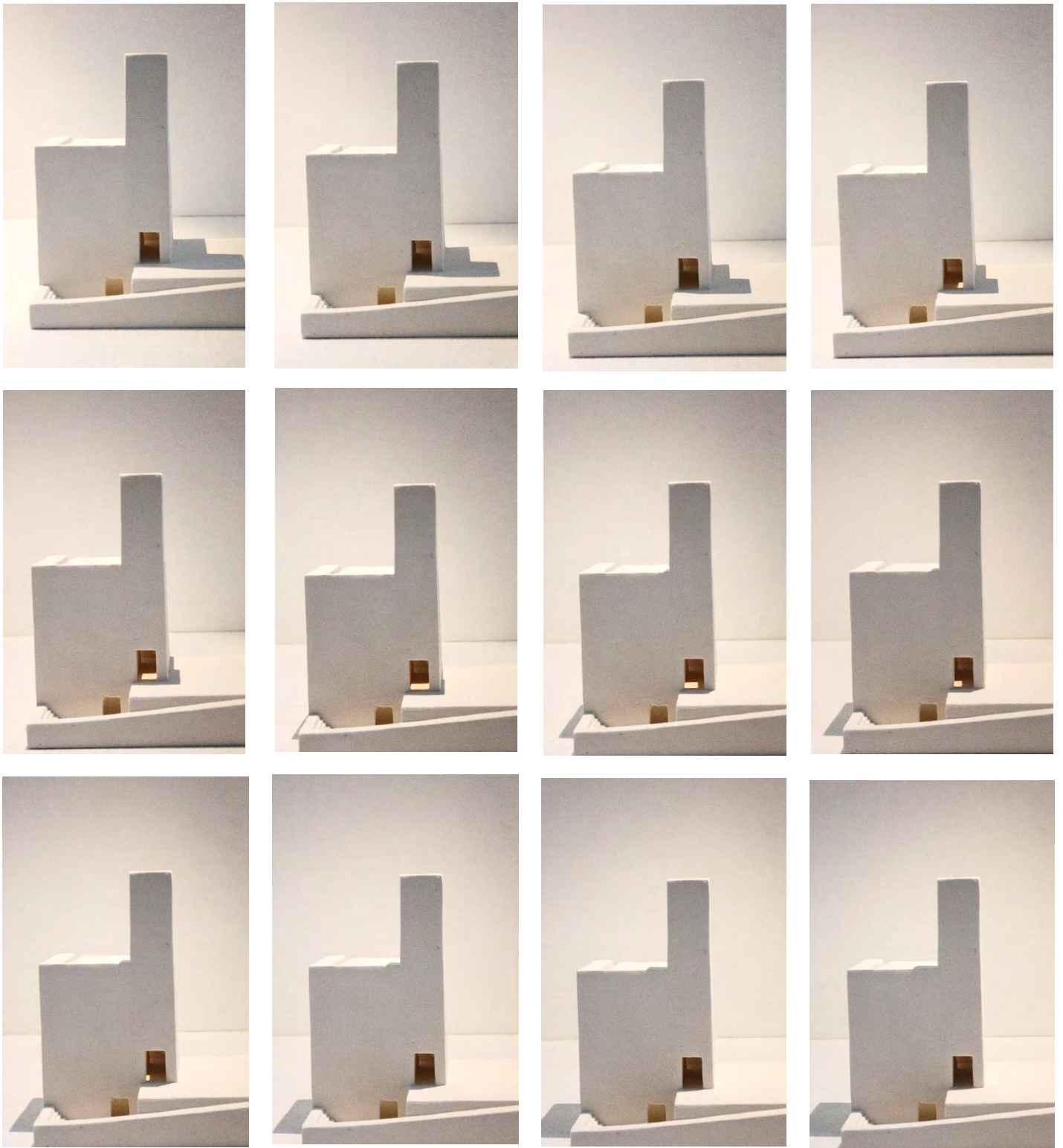


Figura 145 - Maquete | Capela + Adro | Sequência da Orientação solar da Capela | 1/100

Figura 146 -
Maquete |
Perfil da
Capela | 1/50

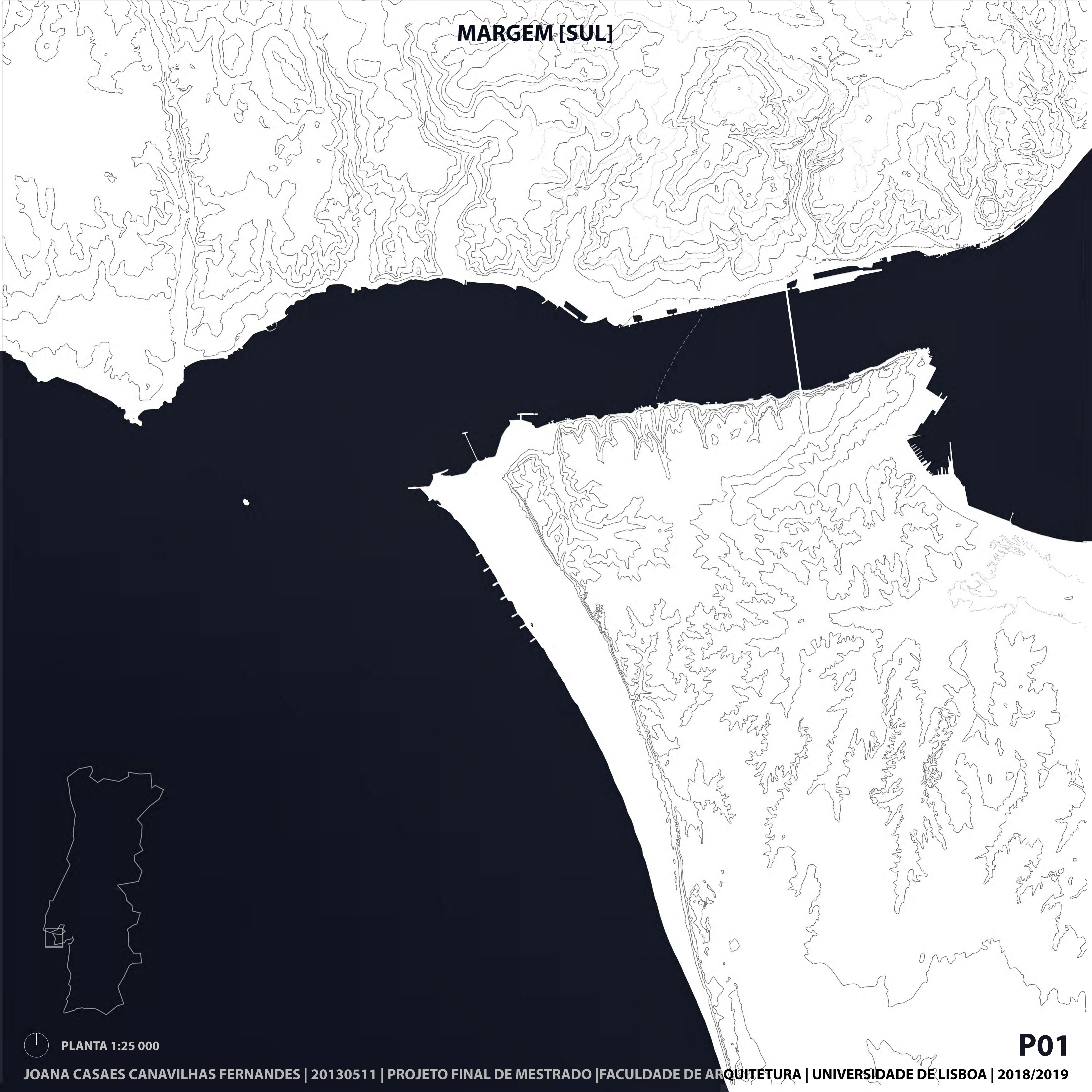




Figura 147 -
Maquete |
Perfil da
Capela | 1/50

PAINÉIS DE APRESENTAÇÃO

MARGEM [SUL]



PLANTA 1:25 000

P01

MARGEM [SUL]

PERFIL AA' | 1/5000

60
50
40
30
20
10
0

EVOLUÇÃO DA LINHA COSTEIRA

- 1870
- 1929
- 1957
- 1972
- 2001

PLANTA 1:20 000

P02

MARGEM [SUL]



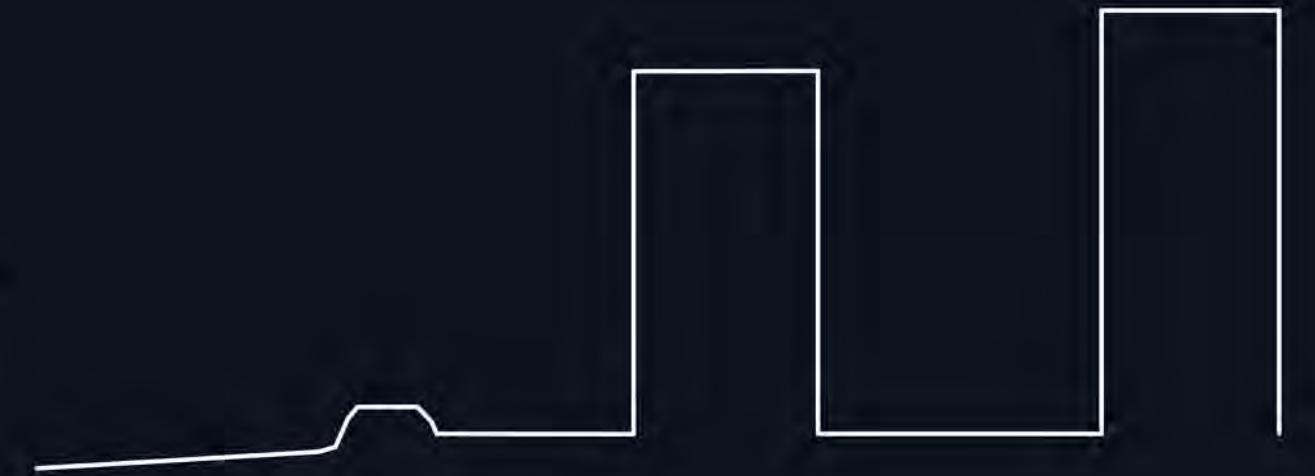
COVA DO VAPOR



SEGUNDO TORRÃO



TRAFARIA



COSTA DA CAPARICA



PERFIS ESQUEMÁTICOS | 1:500

 PLANTA TECIDO URBANO | 1:10 000

MARGEM [SUL]



PLANTA DE CADASTRO | 1:5 000

DOMÍNIO PÚBLICO MARÍTIMO - PORTO DE LISBOA

DOMÍNIO PRIVADO - URBANIZADORA PRAIA SOL



PLANO ORDENAMENTO ORLA COSTEIRA

ZONA TERRESTRE DE PROTEÇÃO

PLANO DIRETOR MUNICIPAL

ESPAÇOS CULTURAIS E NATURAIS

ESPAÇOS URBANIZAVÉIS (HABITACIONAIS) - MÉDIA DENSIDADE

ESPAÇOS URBANOS - ÁREA CONSOLIDADA

REDE FERROVIÁRIA PREVISTO

ÁREAS DE SERVIDÃO MILITAR

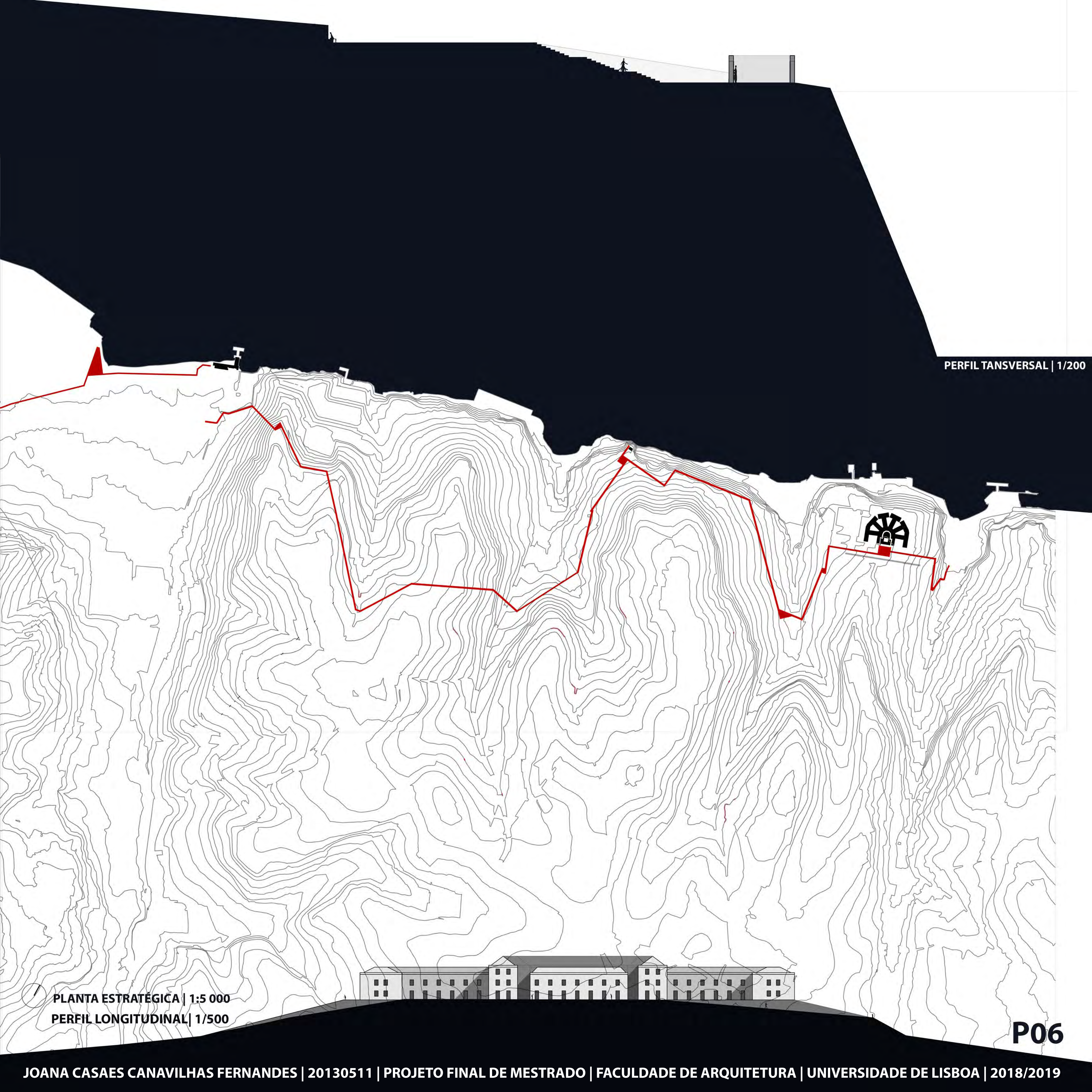
ESTUDO DE ENQUADRAMENTO ESTRATÉGICO DA COSTA DA CAPARICA

PLANO DE PORMENOR SÃO JOÃO DA CAPARICA/TRAFARIA

PLANO DE PORMENOR TORRÃO /TRAFARIA

PLANTA DE CONDICIONANTES | 1:10 000

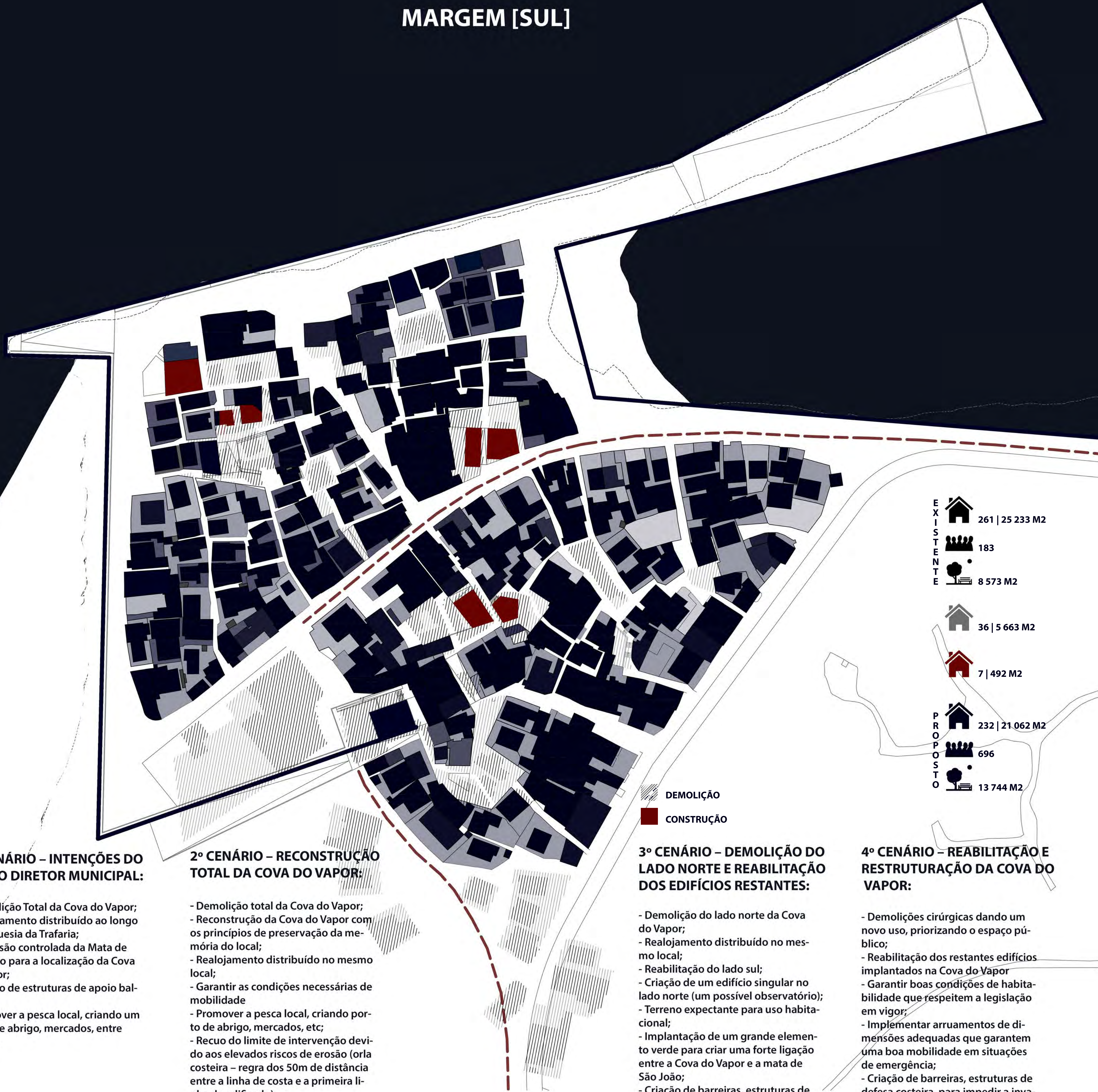
P04



PERFIL TANSVERSAL | 1/200

PLANTA ESTRATÉGICA | 1:5 000
PERFIL LONGITUDINAL | 1/500

P06



1º CENÁRIO – INTENÇÕES DO PLANO DIRETOR MUNICIPAL:

- Demolição Total da Cova do Vapor;
- Realojamento distribuído ao longo da freguesia da Trafaria;
- Expansão controlada da Mata de São João para a localização da Cova do Vapor;
- Criação de estruturas de apoio balnear;
- Promover a pesca local, criando um porto de abrigo, mercados, entre outros;

2º CENÁRIO – RECONSTRUÇÃO TOTAL DA COVA DO VAPOR:

- Demolição total da Cova do Vapor;
- Reconstrução da Cova do Vapor com os princípios de preservação da memória do local;
- Realojamento distribuído no mesmo local;
- Garantir as condições necessárias de mobilidade
- Promover a pesca local, criando porto de abrigo, mercados, etc;
- Recuo do limite de intervenção devido aos elevados riscos de erosão (orla costeira – regra dos 50m de distância entre a linha de costa e a primeira linha de edificado);
- Criação de barreiras, estruturas de defesa costeira, para impedir a invasão das areias no local;

3º CENÁRIO – DEMOLIÇÃO DO LADO NORTE E REABILITAÇÃO DOS EDIFÍCIOS RESTANTES:

- Demolição do lado norte da Cova do Vapor;
- Realojamento distribuído no mesmo local;
- Reabilitação do lado sul;
- Criação de um edifício singular no lado norte (um possível observatório);
- Terreno expectante para uso habitacional;
- Implantação de um grande elemento verde para criar uma forte ligação entre a Cova do Vapor e a mata de São João;
- Criação de barreiras, estruturas de defesa costeira, para impedir a invasão das areias no local;

4º CENÁRIO – REABILITAÇÃO E RESTRUTURAÇÃO DA COVA DO VAPOR:

- Demolições cirúrgicas dando um novo uso, priorizando o espaço público;
- Reabilitação dos restantes edifícios implantados na Cova do Vapor
- Garantir boas condições de habitabilidade que respeitem a legislação em vigor;
- Implementar arruamentos de dimensões adequadas que garantem uma boa mobilidade em situações de emergência;
- Criação de barreiras, estruturas de defesa costeira, para impedir a invasão das areias no local;

E X I S T E N T E

- 261 | 25 233 M2
- 183
- 8 573 M2

36 | 5 663 M2

7 | 492 M2

P R O P O S T O

- 232 | 21 062 M2
- 696
- 13 744 M2

DEMOLIÇÃO
 CONSTRUÇÃO

MARGEM [SUL]



MOMENTOS DO DIA



MARGEM [SUL]



CAPELA
RELÓGIO SEM PONTEIROS

PLANTA PROPOSTA | 1/500

PERFIL MURALHA | 1/1 000

P09

2.0

MARGEM [SUL]



3.9

3.3

5.5

2.6



DIAGRAMA | CAPELA + ADRO

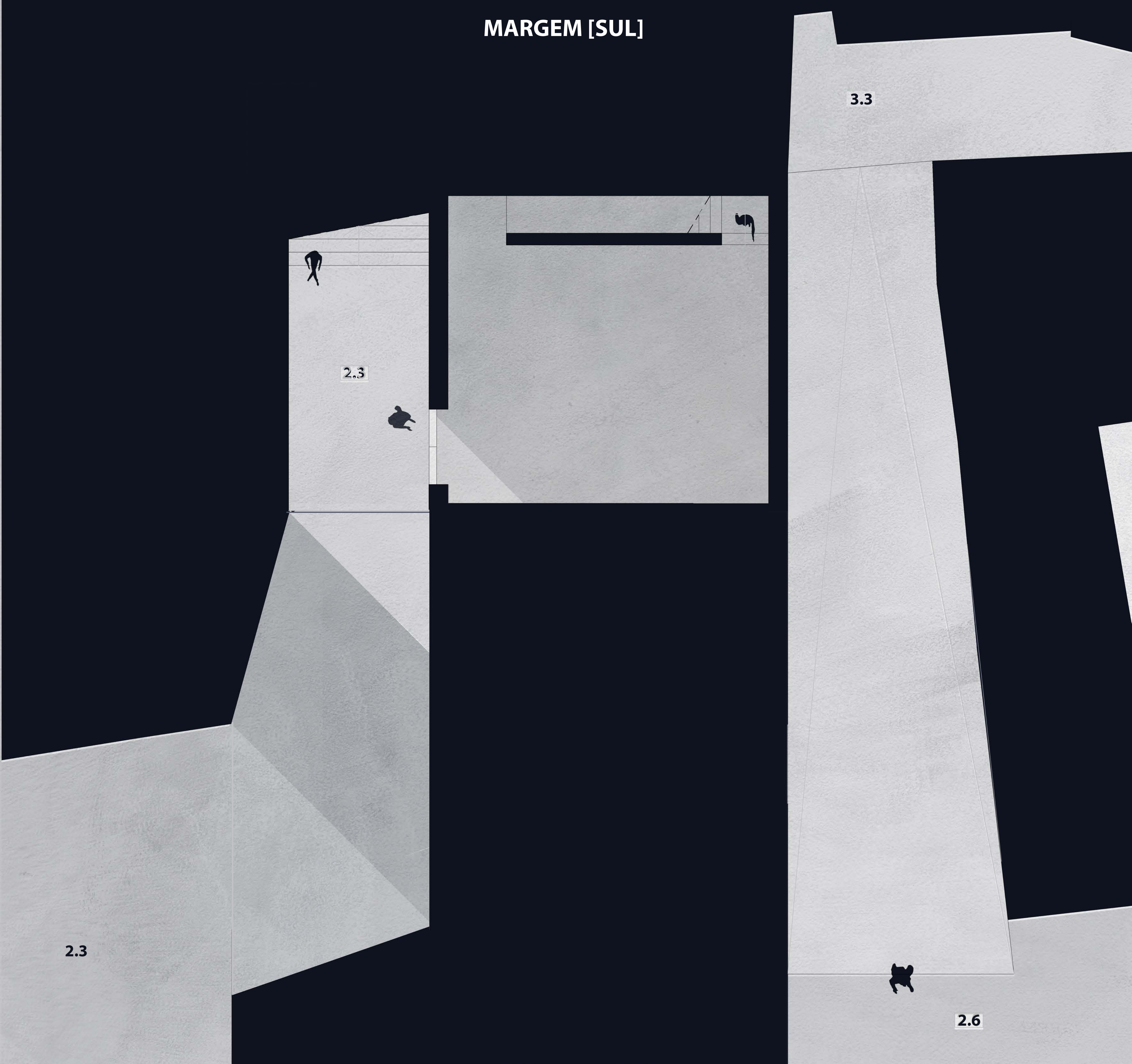
 PLANTA PROPOSTA | 1/100

P10

MARGEM [SUL]



MARGEM [SUL]



2.3

2.3

3.3

2.6

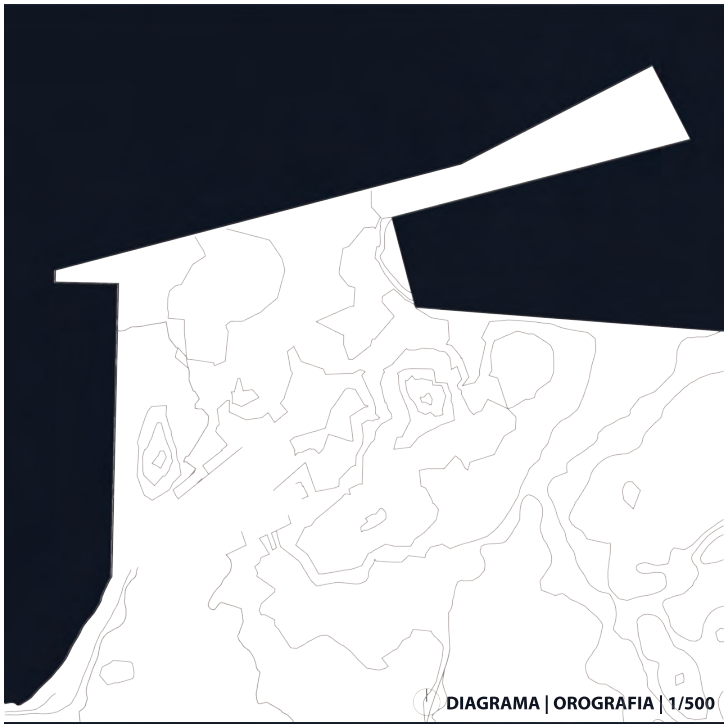


DIAGRAMA | OROGRAFIA | 1/500



PERFIL | PONTÃO | 1/200



DIAGRAMA | EDIFICADO | 1/500



PLANTA | PONTÃO | 1/500

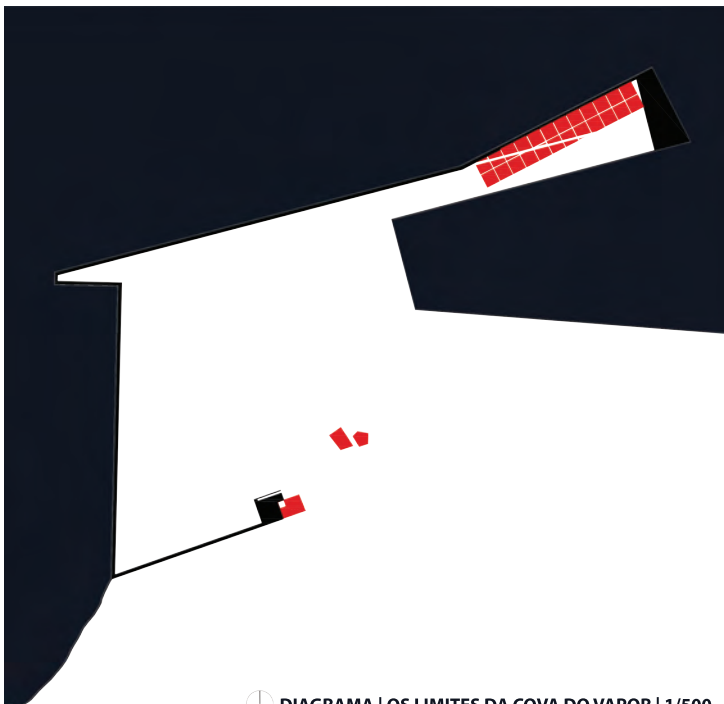
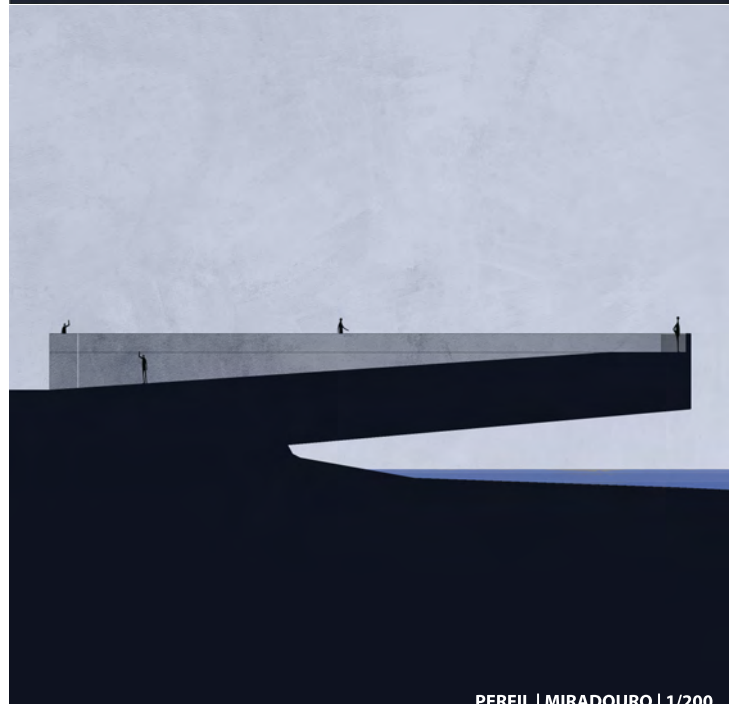


DIAGRAMA | OS LIMITES DA COVA DO VAPOR | 1/500



PERFIL | MIRADOURO | 1/200

